

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO -
MESTRADO**

**HELENA FERRARI TEIXEIRA:
ENTRE SABERES E REPRESENTAÇÕES**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Vantoir Roberto Brancher

**Santa Maria, RS, Brasil
2006**

**HELENA FERRARI TEIXEIRA:
ENTRE SABERES E REPRESENTAÇÕES**

por

Vantoir Roberto Brancher

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**

Prof^a. Dr^a. Valeska Fortes de Oliveira

**Santa Maria, RS, Brasil
2006**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação em Educação - Mestrado**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação
de Mestrado

**HELENA FERRARI TEIXEIRA:
ENTRE SABERES E REPRESENTAÇÕES**

elaborada por
Vantoir Roberto Brancher

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação

COMISSÃO EXAMINADORA

Valeska Fortes de Oliveira, Prof^a. Dr^a.
(Presidente/Orientadora)

Maria Helena Menna Barreto Abrahão, Prof^a. Dr^a.

Deise Sangoi Freitas, Prof^a. Dr^a.

Santa Maria, 16 de março de 2006.

Dedico este trabalho àqueles
que acreditam no ser humano, que
são capazes de percebê-lo não apenas
como mais um, mas como um indivíduo
único, complexo, cheio de
subjetividades, mutável e
felizmente em constante
construção.

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

Primeiramente a Deus. Sem Ele não sei o que seria e onde estaria;

Posteriormente a minha família, que me ajudou numa construção de alicerces sólidos. Sem tais fundações, provavelmente, teria me perdido ao longo do caminho;

A minha “amada mestra” Valeska – né Taninha - que, no ano de 1999, me convidou à pesquisa, incentivando-me para que construísse meu próprio caminho, que me ajudou não só na minha construção como pesquisador e professor, mas também me instigou no trabalho e reflexão na minha formação pessoal. À Taninha pelos primeiros “empurrões”, pelo estímulo, pela confiança, pelas correções. Não imaginas o quanto as palavras, “você consegue, e confio em você”, foram importantes para mim;

Quero deixar aqui um agradecimento especial aos grupos de estudo que desenvolvi e/ou participei. Não consigo descrever e/ou demonstrar a importância de ter alguém para discutir, ouvir e conversar. Esses leitores presenciais e virtuais estimularam-me na escrita e na reflexão. A cada palavra digitada perguntava-me: “o que entenderão e/ou pensarão do que quero dizer?”;

À CAPES, pela bolsa de estudo, proporcionando-me 24 meses de dedicação a minha formação e à pesquisa;

À Dona Helena (*in memoriam*), por ter permitido a construção dessa pesquisa e por ter sido a pessoa formidável que vocês conhecerão ao longo deste trabalho. Aos familiares de D. Helena, principalmente a Ana, o Beto e a Alires, que muito contribuíram na minha dissertação;

As minhas colaboradoras, às ex-alunas de dona Helena: Reinilda, Neusa, Elita, Miranda e Nanci. Obrigado pelas falas, pelas Histórias de Vida, pelo incentivo, pelos bons momentos rememorativos passados juntos;

A “minha” Mari, que esteve comigo, estimulando-me e agüentando-me. Também namorando, claro, que ninguém é de ferro;

Ao GEPEIS, À “velha-guarda” pelas palavras e exemplos, aos contemporâneos pelos trabalhos colaborativos, pelas amizades e discussões. Aos novos pelos sorrisos, pela energia e por se empenharem na continuação desse espírito de coletividade que é o GEPEIS. Local esse, onde aprendi o valor do trabalho e da produção conjunta e coletiva de conhecimento;

À querida “profe Magalia” como sempre a chamei - por mais que ela insistisse no contrário - uma pessoa muito especial que me instigou a repensar e reescrever minha História de Vida estudantil. Beijos “profe”, uma vez “profe” sempre “profe”, não adianta – desculpe o chavão, mas não resisti e não achei uma forma melhor de dizer, que sempre continuarei a pedir-lhe ajuda;

Enfim a todos vocês que estiveram envolvidos nesses prazerosos momentos de amizade e formação;

E a tantas outras pessoas, que, mesmo que quisesse, não conseguiria nomear, me estimularam ao longo dessa formação.

MUITO OBRIGADO!

Referindo-se ao seu livro **Émile ou de l'éducation** o autor afirmava:

[...] muitas vezes ela me fez sentir, em nela trabalhando, que não basta ter escrito algumas brochuras para saber compor um livro.

Depois de vãos esforços para fazê-lo melhor, creio dever entregá-lo tal como é, julgando que cumpre solicitar a atenção pública para a questão; e que mesmo sendo minhas idéias erradas, se despertar boas em outros, não terei perdido inteiramente o meu tempo.

Rousseau

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado
Universidade Federal de Santa Maria

HELENA FERRARI TEIXEIRA: ENTRE SABERES E REPRESENTAÇÕES

Autor: Vantoir Roberto Brancher
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Valeska Fortes de Oliveira
Santa Maria, 16 de março de 2006.

Esta dissertação se insere na linha de “Formação, Saberes e Desenvolvimento profissional” no PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. Nesse trabalho, propus-me conhecer os saberes e as representações, de Helena Ferrari Teixeira, vereadora e professora atuante na década de 40, na cidade de Santa Maria. Conhecer e analisar a História de Vida desta professora singular, de significativa importância para a História das Mulheres no Brasil, na Educação e na Política foram alguns dos objetivos desta pesquisa. Para (re)construir sua História, utilizei o Método Biográfico Histórias de Vida, na modalidade Oral, alicerçando-se, também, em outras formas de documentação tais como jornais, fotografias, depoimentos e outras pesquisas já realizadas. Dessa investigação, primeiramente, resultaram algumas entrevistas com a personagem principal e com as colaboradoras, que passaram por um trabalho analítico, à luz de referenciais teóricos nas temáticas de Gênero, Memória, História Oral, Saberes etc. A (re)construção da História de Vida de Helena Ferrari Teixeira, a primeira mulher do Legislativo Santa-Mariense, foi realizada ainda, através de entrevistas com cinco de suas ex-alunas. Encontrei nos arquivos familiares e/ou públicos um número significativo de documentos e fotografias da professora, que também foram minuciosamente sistematizados por mim. Meu trabalho finalizou-se com a produção desta dissertação composta por cinco capítulos onde, num primeiro momento, apresento os caminhos que percorri para a chegada ao tema pesquisado, posteriormente, conversei com alguns autores, demonstrando o porquê de determinadas escolhas na coleta e análise dos dados e na própria construção do trabalho. No capítulo seguinte perpasso pela discussão da [re]construção de Histórias de Vida, tendo como colaboradores e sujeitos-fonte pessoas da terceira idade. E, nos capítulos seqüentes, aprofundo a História de Vida, propriamente dita, de Helena Ferrari Teixeira, permeando essa produção através de seus saberes pessoais e profissionais. Sendo assim, acredito que ao olhar os saberes dos docentes de uma época proporcionou-me uma ressignificação de outros tempos e espaços vividos e significados por mim hoje. A partir disso, acredito que, olhar os saberes cotidianos dos professores pode e está se mostrando como mais uma alternativa relevante na produção e/ou ressignificação de saberes e práticas docentes.

Palavras-chave: Histórias de vida. Saberes e práticas docentes.

ABSTRACT

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado
Universidade Federal de Santa Maria

HELENA FERRARI TEIXEIRA: ENTRE SABERES E REPRESENTAÇÕES

Author: Vantoir Roberto Brancher
Adviser: Prof^a. Dr^a. Valeska Fortes de Oliveira
Santa Maria, 16 de março de 2006.

This dissertation inserts itself in the line of "Formation, knowledge and professional Development" in the PPGE - Program of Post-Graduation in Education of the UFSM - Federal University of Saint Maria. In this work, I considered myself to know the knowledge and the representations, of Helena Ferrari Teixeira, councilman and operating teacher in the decade of 40, in the city of Saint Maria. To know and to analyze the History of Life of this singular teacher, of significant importance for the History of the Women in Brazil, the Education and the Politics had been some of the objectives of this research. To (re)construct its History, I used the Biographical Method Histories of Life, in the Verbal modality, basing itself, also, in other forms of documentation such as periodicals, photographs, depositions and other carried through research already. Of this inquiry, first, had resulted some interviews with the main personage and the collaborators, who had passed for an analytical work, to the light of theoretical referential in the thematic of Sort, Memory, Verbal History, Knowledge etc. The (re)construction of the Life History of Helena Ferrari Teixeira, the first woman in Santa Maria in Legislature, was realized also, through interviews with five of its former-pupils. I found in the familiar and/or public archives a significant number of documents and photographs of the teacher, which minutely had been also systemized by me. My work was finished with the production of this composed dissertation for five chapters where, at a first moment, I present the ways that I covered for the arrival to the searched subject, later, I talk with some authors, demonstrating the reason of determined choices in the collection and analysis of the data and in the proper construction of the work. In the following chapter I pass through the quarrel of [re]construction of Histories of Life, having as collaborating and citizen-source people of the third age. And, the sequential chapters, I went deep in the History of Life, properly said, of Helena Ferrari Teixeira, composing this production through its own staffs and professionals. Being thus, I believe that to the look to the knowledge of the professors of a time provided to me to a new signification of other times and lived spaces and meanings for me today. From this, I believe that, looking at the daily knowledge of the professors can, and is, showing itself as one more excellent alternative in the production and/or new signification of the professors knowledge and practical.

Key-words: Histories of life. Teachers knowledge and practical.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1-	Vantoir com seis meses de idade	22
Figura 2-	Vantoir como doze meses de idade	22
Figura 3-	Açude	24
Figura 4-	Vantoir com fardamenta gremista	28
Figura 5-	Boletim 4ª série	29
Figura 6-	Boletim 7ª série	30
Figura 7-	Boletim do 1º ano do Ensino Médio	31
Figura 8-	Frente do Colégio São José com colegas	33
Figura 9-	Trote da Pedagogia	34
Figura 10-	Grupo Vocal CE-CANTA	36
Figura 11-	Grupo de flautas	37
Figura 12-	GEPEIS nos preparativos de assessoria a escola	38
Figura 13-	GEPEIS festa caipira	39
Figura 14-	Reunião de estudos e integração do GEPEIS, em Itaara RS	39
Figura 15-	Helena fotografia recente	53
Figura 16-	Carta de Helena endereçada a Alires, sua sobrinha	58
Figura 17-	Helena entregando flores a uma menina	68
Figura 18-	Helena Ferrari e suas irmãs Ione e Iolanda	75
Figura 19-	Panfleto político da campanha de Helena Ferrari	79
Figura 20-	Ficha de Filiação de Helena Ferrari no PTB	79
Figura 21-	Panfleto Político da campanha de Helena Ferrari	81
Figura 22-	Helena e família	85
Figura 23-	Helena discursando	85
Figura 24-	Helena e dois amigos	86
Figura 25-	Imagem e reportagem retirada do Jornal A Razão, de 5 de dezembro de 1957	87
Figura 26-	Helena e alunas em frente ao Sant'Ana, em 1947	95
Figura 27-	Frente do Colégio Sant'Ana no ano de 1948	104

Figura 28-	Alunas do Sant'Ana com o Uniforme de Gala completo	113
Figura 29-	Uniforme de verão das estudantes do Sant'Ana	114
Figura 30-	Estudantes do Sant'Ana uniformizadas para Educação Física, no ano de 1948	115
Figura 31-	Irmã Consuelo e alunas em frente ao Sant'Ana	117
Figura 32-	Primeira série do ano de 1947	119

LISTA DE REDUÇÕES

AUDIMAX -	<i>Auditorium Maximum</i>
CAICE -	Comissão de Avaliação Institucional do Centro de Educação
CE -	Centro de Educação
GEPEIS -	Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social
HOUAISS -	Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa Versão 1.0
LAMEN -	Laboratório de Metodologia do Ensino de Música
SESC -	Serviço Social do Comércio
SMED -	Secretaria Municipal de Educação
UFMS -	Universidade Federal de Santa Maria

LISTA DE ANEXOS

Anexo A -	Questionário de entrevistas	135
Anexo B -	Carta de Cessão	137
Anexo C -	Discurso	138
Anexo D -	Escrito de Alires Porto Alegre dos Santos	143

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	9
LISTA DE REDUÇÕES	11
LISTA DE ANEXOS	12
UMA TENTATIVA DE ROMPIMENTO DE VÉUS,...	14
1 HISTÓRIAS DE VIDA E SUBJETIVIDADE: COMO CHEGUEI ATÉ AQUI?	18
1.1 O GEPEIS: minhas, nossas inquietações	37
2 POR ENTRE TRILHAS DE TIJOLOS AMARELOS: DEMONSTRANDO CAMINHOS PERCORRIDOS NA PESQUISA.....	43
2.1 Nas cercanias da memória: algumas reflexões	50
3 HISTÓRIAS DE VELHOS: COMO TRABALHAR?	53
4 SABERES, SABORES E DESEJOS: UMA HISTÓRIA DE VIDA E ALGUMAS INTERLOCUÇÕES	68
4.1 Helena Ferrari Teixeira: reconstruindo sua “História de Vida”.....	74
4.2 Helena Vereadora: significações identitárias	79
4.3 E da poetisa, o que podemos saber?	88
5 HELENA PROFESSORA, CAMINHOS TRANSCORRIDOS: ENTRE SABERES E REPRESENTAÇÕES	95
5.1 Nossa percepção da realidade sócio-histórica	101
5.2 Colégio Sant’Ana algumas lembranças	103
5.3 A disciplinarização	108
5.4 Uniformizar uniformizando, será possível?	111
5.5 E do professorar?	116
Desvendar uma finalização ou um recomeço? Eis mais uma questão.....	123
REFERÊNCIAS	127
ANEXOS	134

Uma tentativa de rompimento de véus,...

A dissertação que ora apresento insere-se na linha de “Formação, Saberes e Desenvolvimento profissional”, no PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM – Universidade Federal de Santa Maria.

Nesse trabalho, tramo a partir da História de Vida de Helena Ferrari Teixeira uma discussão em torno dos saberes e das representações que construíram uma professora/vereadora da década de 1940. Essa personagem esteve sempre presente em todo meu trabalho, embora *in memoriam*.

Iniciei a construção desse trabalho, aproximadamente, um semestre antes de meu ingresso neste programa. Realizei vários encontros com Helena Ferrari, todavia, muitos deles realizamos – minha orientadora e eu – de forma bastante informal, visto que, quando trabalhamos com pessoas com uma idade um pouco mais avançada, muitas vezes, é preciso realizar um trabalho de “reaquecimento” e/ou “reconstruções” de memória.

Dei continuação ao trabalho, apesar disso, tive o infortúnio e a infelicidade de, enquanto participava da aula inaugural do programa de Pós-Graduação, naquele ano, Helena Ferrari veio a falecer. Tive, apesar de já estar com o trabalho em andamento, certa dificuldade em dar segmento a ele visto que a personagem e fonte principal havia falecido. Conjuntamente, eu e minha orientadora decidimos tomar uma outra direção na coleta de dados, qual seja, de ir conhecer junto à família e as suas ex-alunas sua professoralidade¹.

Trabalhar com histórias de vida, ainda hoje, pode ser encarado como um desafio. Sei que muitos pesquisadores ainda desconhecem que “o dado empírico recolhido tem significado em si mesmo, ou seja, que ele fala por si mesmo; portanto não se pode interferir muito no relato oral que o indivíduo pesquisado elabora, rememora e devolve ao pesquisador” (MARRE, 1991, p. 89). Assim, visei também realizar uma pesquisa no sentido de dar visibilidade aos mais variados elementos das histórias de vida, incluindo aqui os dados subjetivos, uma vez que entendo que “a subjetividade não é um entrave

¹ Tomei a terminologia professoralidade docente e suas discussões a partir da obra: OLIVEIRA, V.F. Professor do Ensino Superior, saberes acadêmicos e demandas profissionais. In: MOROSINI, M.C. (org.) **Enciclopédia de Pedagogia Universitária**. Porto Alegre: FAPERGS/RIES, 2003 a .

quando suficientemente desvendada, isso é, quando os hieróglifos do seu conteúdo são decifrados” (idem p. 99).

Por um lado, sei que tratei de uma história única, singular, por outro sei também que essa mesma história insere-se numa “totalidade sintética” nas palavras de Marre (1991). Sendo assim, essa mesma história passa a ser representativa, não apenas dessa história única como um todo, mas de um pequeno fragmento de relações, que traz consigo a representação de indivíduos e *locus* sociais variados.

Trago agora uma breve apresentação que, no seu bojo, buscou dar vida, visibilidade e até voz a uma belíssima história de uma mulher desbravadora, que, muitas vezes, em seu tempo, teve que simbólica e empiricamente gritar contra aqueles que buscavam silenciá-la. Nas palavras de Alires, sua sobrinha, mencionando a mulher Helena Ferrari, percebi:

Ela foi uma mulher muito à frente de seu tempo! Por essa razão tão incompreendida pela família e pela sociedade. Sua postura quebrou tabus e, com isso, amenizou a vida de tantas outras mulheres, pois ela já tinha “quebrado a cara” diante daquela situação. Ela foi uma guerreira que, felizmente, semeou em terra fértil. Precisei ficar adulta para avaliar a grande importância do seu papel social para a sua geração, bem como para as demais.²

Assim, organizei essa pesquisa que, no primeiro capítulo, intitulado **HISTÓRIAS DE VIDA E SUBJETIVIDADE: COMO CHEGUEI ATÉ AQUI?**, busco demonstrar o porquê da escolha da temática de trabalho. Além disso, viabilizei um pouco da minha própria história de vida e os mais variados caminhos transcorridos pessoal e profissionalmente, até a inserção no PPGE e construção da dissertação que ora apresento.

O segundo capítulo, cujo título foi inspirado na obra “O mágico de Oz”, de Frank Baun, intitula-se: **“POR ENTRE TRILHAS DE TIJOLOS AMARELOS”:** **DEMONSTRANDO CAMINHOS PERCORRIDOS NA**

² Texto escrito por Alires, sobrinha de D. Helena, que me foi enviado por e-mail, posto que não pude, por motivos geográficos – Alires reside em Brasília – estar junto. Entretanto, contribuindo com a solicitação de que me escrevesse sobre quem havia sido Helena Ferrari em sua vida, prestativamente Alires me enviou um texto – via e-mail – relatando sua história junto à tia. O texto estará na íntegra ao final do trabalho, visto que resolvi tomá-lo como representação dos pensamentos da família Ferrari sobre Helena.

PESQUISA. Como o próprio título sugere tento demonstrar os caminhos que percorri, metodologicamente falando. No capítulo, inicialmente faço uma discussão sobre alguns referenciais que utilizo na lapidação do trabalho e na coleta de dados. Posteriormente, demonstro quais foram às temáticas que orientaram as entrevistas e, desta forma, me encaminho numa breve abordagem sobre as diferentes metodologias que partilho na construção da pesquisa. Finalizo o capítulo trazendo algumas discussões com alguns autores que já trabalharam e/ou trabalham com referenciais que nós também utilizamos, além de problematizar com os mesmos as diferentes formas de trabalho, com narrativas e processos de significação de memória.

HISTÓRIAS DE VELHOS: COMO TRABALHAR? é o terceiro capítulo dessa dissertação. Nele, trago algumas discussões em torno de e como é trabalhar com indivíduos em idade avançada. Tomo esse capítulo também para fazer a apresentação das colaboradoras, ou seja, as cinco ex-alunas de Helena Ferrari. Nesse capítulo, tento produzir, juntamente com alguns autores que discutem a velhice, uma interlocução referente aos mitos e tabus em relação ao idoso.

O quarto capítulo intitula-se **SABERES, SABORES E DESEJOS: UMA HISTÓRIA DE VIDA E ALGUMAS INTERLOCUÇÕES.** Nele, busco estabelecer um diálogo com certos autores que também buscam conhecer e/ou discutir os saberes dos professores. Elegi para orientar as discussões os autores Maurice Tardif e Clermont Gauthier. A partir deles, aprofundo a perspectiva dos saberes docentes e das narrativas na formação de professores. É nesse capítulo, também, que realizo a apresentação da história de vida, propriamente dita de Helena Ferrari, dando destaque para alguns de seus fazeres femininos, políticos, professorais e de escritora.

No capítulo, **HELENA PROFESSORA, CAMINHOS TRANSCORRIDOS: ENTRE SABERES E REPRESENTAÇÕES** estabeleço um processo de estudo que demonstra o contexto histórico professoral, vivido por Helena Ferrari Teixeira. Num primeiro momento, procuro mostrar um pouco da história de Santa Maria e de algumas escolas daquele período. Aqui procuro, através de conversas com alguns colaboradores, reconstruir os processos de ensinar e aprender na cidade de Santa Maria, isso sendo construído a partir dos

procedimentos adotados pelos professores e alunos do Colégio Sant'Anna, na década de 40. E finalizo, apresentando algumas considerações, onde demonstro minhas aprendizagens na realização da pesquisa e os principais achados da investigação.

1 HISTÓRIAS DE VIDA E SUBJETIVIDADE: COMO CHEGUEI ATÉ AQUI?

*Falarei tão pouco da importância de uma
boa educação;
nem deter-me-ei tão pouco em provar que a que se
prática é má;
mil outros o fizeram antes de mim, e não
me agrada encher um livro com coisas que todo
mundo sabe.
Observarei tão-somente que desde sempre todos se
opõem ao estabelecido, sem que ninguém
pense em propor coisa melhor.*

Rousseau.

A construção que hora apresento busca dar visibilidade à história de uma professora, não uma professora qualquer, até porque, penso eu, que não existem professores quaisquer. Todo professor é um sujeito particular, único, com histórias únicas, com subjetividades e particularidades. D. Helena não foi diferente, uma professora única, uma professora poeta, uma professora escritora, uma professora vereadora, uma professora.

Quero, assim, impedir que essa história, tão bonita, singular, *sui generis* posso dizer, se perca, como tantas outras que já se perderam, ou que, até o momento, não foram sistematizadas. Talvez, seja por esse motivo que alguns sintam dificuldades em escrever suas histórias, as histórias de suas escolas. Como se o magistério fosse um campo – e alguns até acreditam que seja – uma instituição social sem memória.

Nesse sentido, Matera citado por Tedesco (2004, p. 151) aponta que “[...] as condições contemporâneas parecem romper com os liames entre memória e identidade, nos coloca defronte ao espectro de uma humanidade sem memória e identidade”. Embora não se refira especificamente à memória docente, e sim aos saberes dos professores, sinto certa proximidade das pesquisas que buscam construir memórias professorais e das pesquisas que desejam conhecer os saberes dos professores. Ambas buscam dar visibilidade aos professores, suas construções e seus saberes-fazer. Gauthier (1998, p. 19) demonstra a necessidade de conhecer como ocorre essa construção dos professores.

Segundo ele, o ensino é um ofício universal. E esse ofício não somente possui uma longa história, pois suas origens remontam à Grécia Antiga, mas têm um papel fundamental nas sociedades contemporâneas. Ora, embora ensinar seja um ofício exercido em quase todas as partes do mundo e sem interrupções, desde a Antigüidade, ainda se sabe muito pouco a respeito dos fenômenos que lhe são inerentes.

Demonstrar, dessa forma, os caminhos que percorri, as trajetórias que desenvolvi, os recortes que tramei e as tramas que desenvolvi é o que pretendo nesse momento. Gostaria de produzir, nesta dissertação, e em meus trabalhos de modo geral, o que Agnolin (2005, s.p.) afirma: “O que quero dizer é que precisamos recuperar o poeta que dorme dentro de nós. Dar vazão à nossa imaginação. Nos experimentar na atividade da escrita. Redescobrir o prazer de brincar com as palavras”.

Compartilho com a autora, quando afirma:

De que nos serve “saber” escrever se não podemos escrever o que gostaríamos? Ou, se fazemos isso, nossa escrita é tachada de “sem valor científico”. [...] Na academia o saber precisa ser “endossado” pelo saber de outrem. Esse fato pode fazer com que muitos se sintam inibidos e cheguem até a desgostar do ato de escrever. Não quero dizer que devemos jogar fora tudo ou mudar radicalmente de regra, desconsiderando tudo que foi produzido (AGNOLIN, 2005, s.p.).

Nenhum pesquisador parte do nada e diz: “hoje vou pesquisar sobre um determinado tema”. Toda pesquisa sempre traz consigo as inquietações de um

ou vários pesquisadores. Toda pesquisa possui, inerente a ela, os desejos e as inquietações dos pesquisadores e/ou colaboradores. Portanto, por mais que alguns neguem, nunca é neutra e sempre está cheia de desejos e subjetividades dos envolvidos no complexo processo de pesquisar.

Rubem Alves, poética e brilhantemente, também critica os pesquisadores que se intitulam neutros e/ou impessoais.

Descobriu-se que a educação como tudo o mais tem a ver com instituições, classes, grandes unidades estruturais, que funcionam como se fossem coisas, regidas por leis e totalmente independentes dos sujeitos envolvidos. E daí chegamos a esta posição paradoxal em que para se conhecer o mundo humano, é necessário silenciar sobre os homens. Antes de tudo é preciso um “anti-humanismo” metodológico. [...] Se nem nós estávamos em nosso discurso, como poderíamos pretender que aqueles que a escola nos entregou como alunos estivessem? Assim, o discurso da escola ficou progressivamente, como algo solto no ar, que não se liga, pelo desejo, nem ao que fazem de conta que ensinam, nem aos que fazem de conta que aprendem. Ninguém fala. Quem fala é o sujeito universal, abstrato: observa-se, nota-se, constata-se, conclui-se, não foi assim que nos ensinaram? Não foi assim que ensinamos? [...] De fato, espelho de cem olhos. De fato, uma vontade que morreu. De fato, o ideal da objetividade. De fato um discurso pretensamente colado ao objeto. De fato um discurso de que o sujeito se ausentou. O resultado? Um discurso que não é expressão do amor falta o poder mágico de acordar os que dormem, falta o poder mágico para criar (ALVES, 1983, p. 16-23).

Costa et al. (2002, p. 153) comungam com Alves afirmando,

A neutralidade da pesquisa é uma quimera. Pergunte-se permanentemente a quem interessa o que você está pesquisando. A pesquisa científica está sempre a serviço de algo ou de alguém. Os saberes são produzidos, obedecendo a regimes de verdade que seguem regras específicas, de acordo com a racionalidade de uma época. Estas racionalidades são radicalmente históricas e correspondem a interesses situados e datados, não existe produção de saber fora dos jogos de poder.

Sinalizar, que pesquisas não surgem da neutralidade e que os pesquisadores aceitam ou não um tema por algum motivo, que vai mais além da constatação/comprovação científica dos fatos, é o que pretendo elucidar. Acredito que, para conseguir construir um saber científico, onde esse consiga registrar os conhecimentos construídos, e ainda tornar evidente a aventura prazerosa do ato de pesquisar, faz-se necessário que, de alguma forma, o tema escolhido perpasse e/ou transpasse pela história, pelos saberes, pelos

desejos, e/ou inquietações do pesquisador. Alves (1983, p. 69) esclarece que “a escolha dos problemas é um ato anterior à pesquisa, que tem a ver com os valores do investigador”.

Em determinado momento de minha pesquisa, comecei a refletir sobre as possíveis causas da escolha da temática de meu trabalho e acabei percebendo que ambas as histórias, apesar de distintas e de serem construídas em *locus* históricos e culturais bastante diferenciados, acabaram apresentando confluências. Nesse sentido, percebi que existem relações entre os preconceitos enfrentados por Helena, por ultrapassar ambientes ditos masculinos e por Vantoir que adentrou no magistério, um local ainda consagrado como *locus* predominantemente feminino.

Perrot (1998), em seu livro “Mulheres Públicas”, relata que os homens, ao longo dos tempos, desempenharam funções bastante diferenciadas das mulheres. “[...] existem lugares praticamente proibidos às mulheres - políticos, judiciários, intelectuais e até esportivos [...] - e outros que lhes são quase exclusivamente reservados - lavanderias, grandes magazines, salões de chá [...]” (1989, p. 07-37).

Que caminhos acabei percorrendo? Porque escolhi esse tema e não outro? Como cheguei à Helena? Essas e outras perguntas pretendo, ao longo da pesquisa, ir desenvolvendo, respondendo, argumentando e/ou, talvez, continuar a perguntar. Acredito que nesse momento histórico da pesquisa – na contemporaneidade - esteja num processo semelhante ao apontado por Costa (2002), deparando-me com um universo, onde as maiores certezas seriam as de que não tenho certezas algumas. Ou, como precisamente explicita Baudelaire, citado por Oliveira (2005, p. 07) “por que obrigar o meu corpo a mudar de lugar, quando a minha alma viaja tão ligeira? E para que executar projetos, quando o projeto em si mesmo é um prazer suficiente?”.

Deparando-me com a necessidade da construção de minha História de Vida, inicio a escrita da mesma, traçando e mostrando como consegui os dados que, agora, passo a demonstrar:

Telefone tocando, 8h 30min. Ouço³:

- Alô?
- Oi mãezinha, você me ajuda a escrever um pouco sobre minha História de Vida?
- Como assim, História de Vida?
- Assim oh: eu comecei a escrever minha dissertação e a Professora Valeska sugeriu que eu escrevesse primeiro a minha História, mostrando como cheguei até a D. Helena, que caminhos percorri, de onde veio essa vontade de estudar uma professora.
- Ah, sim, mas não sei se tu vais gostar do que eu irei falar e eu vou ter que falar a verdade viu!
- Tá bom mãe, então fala, me conta vai.
- Bom, na noite do dia 19 de janeiro, senti um pouco das dores do parto, e eu já sabia que você ia nascer. Passamos aquela noite no Hospital. Você nasceu de parto natural, (quase morreu - nasceu bem pretinho). Não sei também como, mas eu antes mesmo do nascimento (apesar de não ter feito ultra-som) sabia que você seria um guri. E foi! Quando consegui te ver, percebi que você era bem gordinho, os cabelos bem pretos, era vermelhinho, lindo, como todo bebezinho.



Figura 1 – Vantoir com seis meses de idade



Figura 2 – Vantoir com 12 meses de idade

³ Encontra-se a primeira versão da História de Vida escolar do autor da dissertação, no artigo intitulado **Tornar-se professor**: um processo de reflexão constante, de organização da professora Valeska Fortes de Oliveira que está em fase de organização.

Outras pessoas, no entanto, não achavam isso, como uma tia minha que, apesar de tudo, admiro bastante, ainda hoje comenta:

- Vanto, querido, quando você nasceu, você era feio, vermelho, eu disse para tua mãe: “não pode ser teu filho, será que não trocaram no hospital? Mas que feio!”.

Minha mãe terminou a ligação anterior dizendo:

- O resto eu vou contar, e você escreve do jeito que quiser, acho que vai ficar bem melhor.

Esse menino, essa criança cresceu. Desenvolveu-se numa família, formada por três mulheres e dois homens. As mulheres são Lourdes, minha mãezinha, que amo mais do que tudo e não me canso de dizer que morreria por ela. Acho que ela também por mim. Uma pessoa formidável, nunca vi ninguém dizer que não gostasse dela, que ama e amou muito seus filhos. Uma pessoa capaz até de deixar de tomar seus medicamentos para enviar dinheiro ao único filho que, na época, estava fazendo faculdade.

Uma tigresa, que, embora não soubesse nadar, ficava sentada, à beira do açude, - ah, na minha casa têm um açude enorme, onde passei bons momentos de minha infância, - cuidando e observando qualquer indivíduo que resolvesse me ensinar a nadar. A proteção era tanta que acabei aprendendo a nadar sozinho. Sozinho, entre aspas, porque minha mãe sempre ficava ali, vigiando. Num determinado momento, descobri que alguns objetos não afundam na água e, amarrei dois porungos,⁴ - uma espécie de cuia que ainda não está furada e que bóia na água - e me joguei na água e aprendi a nadar. Claro que não tão fácil assim.

⁴ Segundo o Houais digital porungo é: ANGIOS 1 m.q. **cabaceiro-amargoso** (*Lagenaria vulgaris*) 2 m.q. ¹ **cabaça** ('fruto') ETIM alt. de *porongo*.



Figura 3 – Açude

Posteriormente, continuarei falando de minha mãe. Isso, porque atribuo a ela minhas percepções iniciais de mundo. Discussões como ambientes e trabalhos femininos e masculinos foi ela quem me iniciou. Recordo que freqüentemente afirmava:

- Não quer estudar, então, pode ir lavar a roupa ou a louça. Por que homem não pode lavar? Pode sim, teu pai também lava, mesmo que nunca o tenham ensinado. Vai lavar sim!

Rousseau (1979, p. 09-10) descreve com bastante precisão um exemplo da “boa” mãe, acredito que a minha se parece bastante com ela:

É a ti que me dirijo, terna e previdente mãe, que te soubeste afastar do caminho trilhado e proteger o arbusto nascente. Contra o choque das opiniões humanas. Cultiva, rega a jovem planta antes que morra: seus frutos dar-te-ão um dia alegrias. Estabelece, desde cedo um cinto de muralhas ao redor da alma de tua criança. Outro pode assinalar o circuito, mas só tu podes erguer o muro.

As outras mulheres de minha família são minhas irmãs: a Cleonice e a Leonice. A Leonice - mulher forte – estudou apenas até a quinta série. Igual aos meus pais: ambos não terminaram o Ensino Fundamental. Minha irmã diz que não estudou por vários motivos: não gostava de estudar e gostava de trabalhar, pegava o trator e ia para a roça. Quando ia à aula, costumava brigar com os professores e com alguns colegas, isso era o que ela me contava. E brava ela era! Mas não comigo, me mimava o tempo todo. Se a minha outra

irmã - que depois retratarei - tentasse brigar comigo, mesmo eu estando errado, quem “apanhava” não era eu.

Lembro-me que a Leonice, ou a Leo, como carinhosamente a chamamos, gostava de contar histórias. Sempre foi uma pessoa bastante afetiva comigo. A história que mais gostava de ouvir, e que jura ser verdadeira, foi um fato que aconteceu com uma de suas professoras.

Referente a essa veracidade ou não dos fatos que me são narrados, minha orientadora, a Professora Valeska, sempre enfatizou que nas Histórias de Vida, principalmente no trabalho com História Oral e com memória, não buscamos saber se os fatos realmente aconteceram, pois estes se encontram no campo da produção de sentidos do narrador.

Segundo Queiroz (1998, p. 19), a História Oral: “[...] é um termo amplo que recebe uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar”.

Oliveira (2001), também, ratifica as palavras da autora supracitada, enfocando a importância da História Oral, pois esta pode trazer histórias de pessoas “comuns” permeadas de subjetividade, encontros, desencontros e saberes, que de um momento para outro perdem o anonimato, se tornados “autores” no seu coletivo. Sempre lembrando que a perspectiva central da História de Vida que estou trabalhando é a defendida por Meihy (1996), para o qual a História de Vida Oral não busca a veracidade dos fatos narrados, visto que estes se encontram num plano existencial, subjetivo, com significados e sentidos, construídos pelos sujeitos que se dispõem a dar visibilidade as suas narrativas.

Já a memória é utilizada, nesta pesquisa, não partilhando apenas com autores que a caracterizam como repertórios de saberes, e/ou reservatórios de informações. Conceituo a memória na linha dos escritos de Bosi (1994), memória como trabalho, trabalho de reconstrução de imagens, reconstrução de lembranças, lembranças revificadas no seio das relações contemporâneas dos colaboradores. Lembranças normalmente individuais, entretanto construídas sob contextos sócio-culturais vividos, contextos esses demarcados pelas falas dos envolvidos no processo.

Simson esclarece meus apontamentos referentes à memória como instância individual e coletiva simultaneamente.

Subjetiva ou individual (porque se refere a experiências únicas vivenciadas pelo indivíduo), mas também social porque é coletiva, pois se baseia na cultura de um agrupamento social e em códigos que são aprendidos nos processos de socialização que se dão no âmago da sociedade (SIMSON, 2000, p. 67).

Segundo minha irmã, isso aconteceu na terceira série, mais ou menos quando ela tinha nove ou 10 anos, num dia qualquer. Uma professora, que também fez parte da minha história e, realmente, com um ensino bastante enfadonho, resolveu “passar” um exercício. Mandou os alunos praticarem e foi ler seu jornal. Acomodou-se na cadeira, (tenho que ressaltar que a professora estava de saia) ergueu as pernas sobre outra cadeira e iniciou a leitura. Fico imaginando a cena: minha irmã, lentamente levantando-se da cadeira e “zaz”, atirando a borracha no lugar mais provável que vocês possam imaginar. Claro que isso foi motivo para conversa com os pais, ameaças e castigos, até que, no ano seguinte, minha irmãzinha abandonou a escola.

Minha irmã do meio (Cleonice), sempre foi bastante nervosa, brava mesmo. Dizia, quando eu nasci, que não gostava de mim. Que eu tinha lhe roubado os pais, principalmente a mãe. E acrescentava que, quando pudesse bater-me-ia com o martelo (objeto que gostava muito de usar) e, um dia, realmente bateu. Claro que não acertou, se acertasse não sei se estaria conversando com vocês, isso porque minha irmã mais velha colocou a cabeça antes e aí vocês podem imaginar.

Na “Revista dos Curiosos”, pude perceber o que o ciúme entre irmãos pode significar:

O primeiro tipo de ciúme que experimentamos é entre irmãos. O filho mais velho, que já está acomodado, como a estrela da casa, tem de aprender a compartilhar a mãe, o pai, os brinquedos e as atenções. “Esse processo faz parte da formação da personalidade da pessoa” (CORADINI, 2003, p. 33).

A Cleo, como a chamamos, sempre foi muito organizada, metódica, - para não dizer chata, espero que essa parte ela nunca leia - possuidora de

cuidados bastante excessivos com a limpeza e com a organização da casa, cuidados esses, que me fizeram levar “belas coças⁵”.

Quando minha mãe voltava da roça eu contava e, aí, quem apanhava era ela, eu ia para o colo da mamãe - que saudade. A Cleo sempre gostou muito de estudar, formou-se no Ensino Médio e não sei por que “carga d’água” não prestou vestibular. Sempre muito elogiada, motivo até de comparações por alguns professores que tínhamos em comum: “tua irmã tão dedicada e exemplar e tu desse jeito, deve ser o lado ruim da família”. Tinha mania de querer me ensinar, e eu relutava, brigava mesmo. Parou com a mania do ensino, quando a chamei de professorinha de “meia tigela”. Essa expressão, em Constantina - minha Cidade Natal, que amo de paixão - é quase um palavrão.

Talvez um pouco impulsionada por esses infortúnios, após concluir o Segundo Grau (atualmente Ensino Médio)⁶, realizou o Curso Normal Superior. Atualmente, acadêmica do curso de Matemática na UNIJUÍ. Motivo que nos leva a prazerosas discussões.

O lado feminino de minha família está completo, claro que não falei das tias, vizinhas, e primas (ah, como eu gostava das primas). Quem não teve primas não sabe o que é bom; as brincadeiras, as festas, os estudos e o algo mais que deixo vocês imaginarem.

Tenho, em minha família, uma outra presença bastante marcante, só que do lado masculino. Meu pai. Hoje um doce de pessoa. Tenho que dizer hoje, pois como brigávamos. Também, coitado, como entender que seu único filho homem, tão desejado para assumir as terras – que são “tantas”- e dar segmento ao nome da família, não quisesse trabalhar, preguiçoso, dorminhoco, vadio como alguns diziam e que não gostava de estudar. Só estudava quando tinha que ir para a roça. Sempre lembro, por mais que me esforce na busca de outras imagens, de suas posturas firmes, decididas. Última palavra, nem que fosse para enfatizar: “tua mãe disse e pronto”.

⁵ Essa expressão em algumas regiões tem entonação de levar umas leves palmadas, uma bronca séria ou algo do gênero.

⁶ Um olhar bastante significativo para o Ensino Médio pode ser encontrado no livro *Imaginário Social e a Escola de Segundo Grau*, ver bibliografia.

E terminou. Ah, eu ainda nem falei sobre mim. Eu, Vantoir, nome escolhido por causa de um jogador do Grêmio – para quem não sabe, sou torcedor gremista – que, era, segundo meu pai, um zagueiro que jogava muito bem. Posição futebolística essa que também era ocupada por meu pai. Talvez, meu nome tenha sido escolhido no intuito de continuar os jogadores de futebol da família - dizem, em Constantina, que meu pai e seus irmãos jogavam muito bem. Seu filho, no entanto, sempre foi um tremendo “perna-de-pau”. Tinha preguiça até de correr, quem dirá no meio de um monte de meninos e, muitas vezes, gotejando suor.



Figura 4 – Vantoir com fardamenta gremista

Pois bem, esse sou eu! Um indivíduo, às vezes, teimoso e genioso. Portador de um currículo invejável, claro que de brigas nos colégios por onde passei. Mais ou menos como o fragmento da música “Vento Negro”, de José Fogaça, que vem ilustrar “Quem me ouve vai contar. Quero lutas, guerras não. Erguer bandeiras sem matar”. Conseguia conversar apenas com um grupo determinado de pessoas, normalmente meninas. Entretanto, tinha um lado positivo: quando me tornava amigo de alguém, aquele sujeito podia não ser, para alguns, uma grande pessoa. Todavia, ninguém podia falar mal, eram os meus amigos.

Fui um aluno não muito interessado, perpasssei boa parte do Ensino Fundamental com notas muito baixas, sempre ficando em exame (na época chamava-se recuperação). Alguns professores até diziam “ele sabe tudo de novelas, mas os conteúdos [...] ainda por cima não pára quieto, briga com os colegas, e com os que não briga, instiga-os à bagunça, [...]”.

										Tabela de notas		
	Português	Matemática	Ciências Fís. e Biol.	Estudos Sociais	História	Geografia	E. M. C.	Educação Física	Educação Artística	25- 100	17- 68	9- 36
										24- 96	16- 64	8- 32
										23- 92	15- 60	7- 28
										22- 88	14- 56	6- 24
										21- 84	13- 52	5- 20
										20- 80	12- 48	4- 16
										19- 76	11- 44	3- 12
										18- 72	10- 40	2- 08
												1- 04
1º Bimestre	15	13	17	15						21	02	<i>Boleim corrigido, melhorou a letra e copiou certo!</i>
2º Bimestre	14	13	15	15						20	03	
3º Bimestre	20	13	19	18						23	03	
4º Bimestre	13	13	15	14						11	-	
Resultado Anual	62	52	66	62						25		
Recuperação Terapêutica		7										
Resultado Final		59										
Total de Faltas											01	

OBS: *Aprovado para 5ª série.*

Figura 5 – Boletim da 4ª série do Ensino Fundamental

E foi assim. Lá pela 6ª ou 7ª série comecei a ter notas ainda mais baixas. O comportamento piorava cada vez mais. Nesse momento, a adolescência também a florava, e as brigas começavam a se estender para casa. “Ninguém me entende! Será que eu sou realmente desse mundo? Quem sou eu? Por que tenho tão poucos amigos? O que eu tenho de errado? Será que sou eu o problema?”.

Nome: <u>Santos</u>		Português	Latino-americano	Matemática	Ciências	História	Geografia	Educação Artística	Educação Física	Educação Religiosa	Técnicas Agrícolas	Técnicas Domésticas	Língua Estrangeira	Biologia	Química	Física	Psicologia	Filosofia	Total de Faltas	
1.º Bimestre	Notas	68	43	75	60	58	70	80	80	50			85							
	Faltas	1	1			1	2	2	2											9
2.º Bimestre	Notas	75	64	86	80	84	78	80	85	60			80							
	Faltas	-	1	-	1	1	-	-	-	-			-							3
3.º Bimestre	Notas	70	66	59	60	72	85	90	85	70			80							
	Faltas	1	-	-	-	-	2	2	-	-			-							5
4.º Bimestre	Notas	69	68	88	90	88	80	90	90	76			80							
	Faltas				01															
Média Anual		70	60	75	72	79	78	85	82	64			82							
Recuperação Temporária				40	-	-	-	-	-	63			-							
Média Final		70	50	75	72	79	78	85	82	63			82							

Figura 6 - Boletim da 7ª série do Ensino Fundamental

Num momento desses, em que não consigo determinar quando especificamente, uma professora marcou de forma profunda minha história. Determinado dia, esse aluno, no caso eu, não fez os temas, como sempre. E, discutiu severamente com essa professora. Ela era conhecida por toda a comunidade escolar como exigente, briguenta, mas que realmente ensinava e, se o aluno não queria aprender, reprovava.

Esse dia, penso eu, representou um marco entre os dois extremos de minha carreira docente. Naquele instante, a professora, numa atitude compulsiva, e talvez no intuito de fazer com que eu progredisse, conseguiu desestruturar-me e, ao mesmo tempo, instigou-me a uma espécie de desassossego. Ali aconteceu algo que foi além da minha compreensão. Não consigo explicar direito, só sei que, internamente algo se modificou. Prometi que faria tudo para ser melhor, ou pelo menos que tentaria superar-me diariamente. E aqui estou.

Assim, progredindo, concluí o Ensino Fundamental com brilhantismo, pelo menos essas eram as palavras de alguns professores, no que dizia respeito às notas e à aprovação. As médias sempre, a partir daí, foram alcançadas, com uma busca constante por melhoria e auto-superação. No Ensino Médio, não foi muito diferente.

Nome: <u>Tatiane</u>																			
Nº <u>28</u>																			
Turma <u>212</u>		Português	Literatura	Matemática	Ciências	História	Geografia	Educação Artística	Educação Física	Ensino Religioso	Técnicas Agrícolas	Técnicas Industriais	Língua Estrangeira	Biologia	Química	Física	Psicologia	Educação	Totais de Pontos
1º Bimestre	Notas	90	74			72		70	80				91	76	77	83	80		
	Faltas	-				-		-	-				-	-	-	-	-		
2º Bimestre	Notas	88	100			74		80	82				78	83	78	79	94		
	Faltas	-	2			2		3	1				3	1	3	2	-		
3º Bimestre	Notas	81	85			79		90	80				94	80	89	85	89		
	Faltas	-	-			-		3	-				-	-	-	-	-		
4º Bimestre	Notas	90	77			80		80	80				91	84	84	95	83		
	Faltas	-	-			-		-	-				-	-	-	-	-		
Média Anual		87	84			77		80	83				77	82	82	87	86		
Respostas Teóricas		-	-			-		-	-				-	-	-	-	-		
Média Final																			

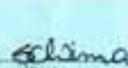
 Diretor
 Professor Coordenador

Figura 7 - Boletim do 1º ano do Ensino Médio

Nesse momento vivido, principalmente na Escola São José⁷, penso que alguns modelos professorais foram fortemente significados, trabalhados e até construídos. Segundo Pimenta (1999, p. 20), quando:

[...] os alunos chegam ao curso de formação inicial, já têm saberes sobre o que é ser professor. Os saberes de sua experiência de alunos que foram de diferentes professores em toda sua vida escolar. Experiência que lhes possibilita dizer quais foram os bons professores, quais eram bons em conteúdo, mas não em didática, isto é, não sabiam ensinar. Quais professores foram significativos em suas vidas, isto é, contribuíram para sua formação humana.

Enfoque semelhante ao da autora supracitada é o de Cattani (1997), esse indo mais além. Afirma inclusive que, a formação professoral se inicia antes mesmo do aluno entrar no ambiente escolar, continuando por toda a sua trajetória de vida.

Reflexões sobre os professores que me espelhei e que gostaria de desenvolver práticas semelhantes instigam-me a recordar de uma professora de Química, que levava-nos freqüentemente ao laboratório. Ensinava e fazia-nos experimentar. Eu nem sempre entendia o que acontecia, mas me sentia

⁷ Quando me refiro no trabalho carinhosamente à Escola São José, gostaria que entendessem Escola Estadual São José, localizada no Município de Constantina, na região Norte do Estado do Rio Grande do Sul. Escola essa que estudei durante os anos finais do Ensino Fundamental e concluí o Ensino Médio.

muito bem em suas aulas. Gostava, principalmente, de sua postura professoral, demonstrava um amor fervoroso pela profissão. Às vezes, penso eu, que era um pouco rígida demais. Embora esteja começando a perceber que se necessita de professores amorosos, mas “firmes”. Talvez, esteja entendendo a diferença entre autoridade e autoritarismo, que Freire, brilhantemente demonstra.

Recentemente, um jovem professor universitário, de opção democrática, comentava comigo o que lhe parecia ter sido um desvio seu no uso de sua autoridade. Disse, constrangido, ter se oposto a que o aluno de outra classe continuasse na porta entreaberta de sua sala, a manter uma conversa gesticulada com uma das alunas. Ele tivera inclusive que parar sua fala em face do descompasso que a situação provocava. Para ele, sua decisão, com que devolvera ao espaço pedagógico o necessário clima para continuar sua atividade específica com a qual restaurara o direito dos estudantes e o seu de prosseguir a prática docente, fora autoritária. Na verdade, não. Licencioso seria se tivesse permitido que a indisciplina de uma liberdade mal centrada desequilibrasse o contexto pedagógico, prejudicando assim o seu funcionamento. [...] A liberdade sem limite é tão negativa quanto a liberdade asfixiada ou castrada (FREIRE, 1996, p. 117-118).

Meu Ensino Médio foi marcado por excelentes professores, possuo muito orgulho em afirmar que sou fruto da Escola Estadual de 1º e 2º Graus São José, de Constantina. Na época em que estudei nessa escola, ela era Escola Pólo na região. A única que ofertava o Ensino Médio na cidade, fator que atraía a maioria dos alunos do município que desejavam continuar seus estudos, incluindo estudantes de outras localidades. Nos anos que estudei no São José recordo-me que a Escola apresentava em torno de mil estudantes e aproximadamente uns 50 professores.

No meu imaginário estudantil, a Escola Estadual São José era o ápice do saber do município, lá, acreditava eu, que se encontravam os melhores professores. Tenho que admitir que já pensei, muitas vezes, em voltar para Constantina, e confesso que ficaria muito feliz se conseguisse trabalhar nessa Escola. Ainda hoje, sempre que posso, tento, quando vou para Constantina, visitar a Escola, espiar alguma aula, conversar com alguns alunos e com meus antigos professores, que ainda permanecem lá e também com alguns novos professores que consegui realizar aproximação. Quero ressaltar que o Grupo de Estudos – GEPEIS – juntamente com a Secretaria Municipal de Educação

de Constantina – SMED – e alguns professores da Escola São José iniciaram aproximações e a tecer uma parceria.

Quero registrar que foram inúmeras minhas tentativas de aproximação da UFSM com meu Município Natal, muitas frustradas, mas, neste ano, para minha grande felicidade um professor de Constantina, do qual sou admirador de seu trabalho, principalmente de seu engajamento político, veio até o GEPEIS e acredito que se selou uma parceria.



Figura 8 – Frente do Colégio São José, com os colegas

Finalizado o Ensino Médio, ingressei no Curso de Pedagogia, na Universidade Federal de Santa Maria. Primeiro vestibular, sem cursinho, mas com muito estudo, muitos finais de semana e noites em claro, na busca da aprovação nessa Universidade. Acreditava encontrar aqui, na universidade, um constante crescimento pessoal e profissional. Buscava uma auto-afirmação. Ou seja, procurava, com a aprovação no vestibular, demonstrar para mim e também para os demais que não era preguiça as tardes passadas na leitura e no estudo, pelo contrário, era um desejo ardente de possuir outras oportunidades, além do trabalho rural.



Figura 9 – Trote da Pedagogia

Ano 2000, acadêmico do Curso de Pedagogia: “Tu fostes aprovado para Pedagogia? Não é muito um curso de homem né!?” “tu tens certeza que é isso mesmo que tu queres fazer?” “Tu és bastante inteligente, se quiseres podes fazer outro curso!”. Nessa História de Vida, os observadores podem perceber que a mesma sempre foi marcada por teimosias, algumas sem resultados, entretanto outras me trouxeram para cá. Trouxeram-me para o Curso de Pedagogia.

Busquei desenvolver e/ou devolver todas as perguntas, talvez, até algumas mais. Vou fazer Pedagogia sim, por quê? O Curso de Pedagogia não pode ter pessoas inteligentes? O que é mesmo inteligência? Eu quero mesmo fazer outro curso?

Faltam-me palavras para demonstrar meu crescimento, a partir do Curso de Pedagogia. Claro que esse curso não são só flores. E algum curso é? Ainda não fiz nenhum outro curso, embora nunca pretenda parar de estudar. No Curso de Pedagogia obtive formação, permeada por um crescimento pessoal e profissional. Nele, percebi que, na maioria dos encontros, buscava entender um educando na sua integralidade, um trabalho que respeitasse o outro na sua individualidade, na sua subjetividade e já ouvi alguém dizer: “talvez essa educação da amorosidade seja respirada nesse curso”.

Talvez, em alguns locais do “Centro de Educação”, alguns sujeitos consigam desenvolver um pouco de alteridade, ou priorizar o estímulo a práticas que incentivem esse olhar ao outro. Talvez, aqui, se busque educar com um olhar na perspectiva da percepção e da promoção do diferente, do singular, do novo. “Aqui é preciso falar da necessidade de promover a experiência da alteridade, da possibilidade de tornar-se o outro. Através da capacidade ontológica da criação” (OLIVEIRA, 1998, p. 64).

Referindo-se também à alteridade, Ruiz (2004, p. 56) remete que essa, “[...] é uma dádiva que possibilitou a criação da humanidade, porém também é uma imposição, pois nenhum ser humano pode optar entre a alteridade ou outra alternativa. Ela é a matriz geradora da liberdade do ser humano”.

Em minha formação, também tive professores dos quais não gostaria de comentar. Professores que, ditos adeptos da Pedagogia Construtivista chamariam de Tradicionais, Conteudistas e/ou Bancários. Esses formam apenas alguns. Claro que outros indivíduos, possivelmente, teriam me instigado, na busca pelo saber de forma mais apropriada. Todavia reflito: até esses indivíduos não me foram importantes na exemplificação dos caminhos que pretendo não seguir? De aulas que gostaria, se estivesse em seu lugar na docência, realizar de forma bastante diferenciada.

Ainda no ano 2000, já percebendo que o Curso de Pedagogia seria uma das minhas paixões e que faria sempre parte de minha vida, comecei a investigar formas de aprimorar meus estudos. Nesse tempo, conheci alguns locais de estudo do Centro da Educação - CE. Fui bolsista da Biblioteca Setorial do CE, local onde aguicei o desejo pela leitura, das fichas de leitura, e dos livros de modo geral. Lá aprendi a dificuldade e o prazer de trabalhar com gente, com público. Aprendi, também, que o atendimento às pessoas reflete de forma bastante significativa o “eu” interior. Sorria e receberás sorrisos. Esbraveje e alimente a frieza, seja mal humorado e, com certeza receberás um tratamento bastante singular⁸.

⁸ Essas e outras reflexões sobre a prática do sorriso podem ser encontradas em crônicas como, por exemplo: “Já é hora de sorrir”, Viagens de estudo: amigos, sorrisos, lugares e surpresas, dentre outras, todas elas de minha autoria publicadas em jornais de Santa Maria ou em um livro, em fase de editoração, com possível intitulação de “Críticas e reflexões da/na sociedade: visões crônicas do ser”.

Também estudei/pesquisei na Comissão de Avaliação Institucional do Centro de Educação – CAICE. Naquele grupo, realizei várias discussões, perpassando por questões como currículo, práticas universitárias, avaliação institucional, dentre outras.

Minha formação no CE, penso que foi bastante diferenciada e privilegiada. Além dos processos formativos na família GEPEISSOAL, que, posteriormente, comentarei, pude, através do Curso de Pedagogia, envolver-me em várias atividades, provenientes de disciplinas intituladas: Metodologias de Ensino, essas disciplinas, muitas vezes, aconteciam em Laboratórios de Ensino do Centro de Educação, nos quais pude interagir com outros campos do saber, aqui destaco apenas alguns, Geografia, Matemática, Artes,...

Quero dar um destaque especial ao LAMEN – Laboratório de Metodologia do Ensino de Música. Nele aprendi a ler partituras musicais, de uma forma pouco aprofundada, mas aprendi, aprendi a tocar flauta, aprimorei meus estudos de violão, comecei meus trabalhos com canto coral no GRUPO VOCAL CE-CANTA, do qual ainda sou participante.



Figura 10 - Grupo Vocal CE-CANTA



Figura 11 - Grupo de flautas

1.1 O GEPEIS: minhas, nossas inquietações...

“Tudo flui, nada permanece”.

Heráclito

*“Não importa o que fizeram com você,
o que importa é o que você fez com aquilo
que fizeram com você”.*

Sartre

Dei aprimoramento a discussões como essa que ora apresento, no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social GEPEIS/CE/UFSM. No GEPEIS, no início do ano 2002 (se não me falhe a memória), a convite da Professora Valeska, comecei a participar das pesquisas, discussões e variados momentos de formação, desenvolvidos pelo grupo. Aqui, porque mesmo no meu apartamento sinto a forte presença desse

grupo, permeando minhas palavras, impulsionando-me, pude encontrar um lugar-espço único. Na família Gepeissoal, como alguns carinhosamente denominam o grupo, desenvolvi uma enormidade de habilidades e saberes que nunca consegui imaginar pudessem ser possíveis, em um grupo de estudo e pesquisa.

Esses saberes pessoais e profissionais foram se construindo, não só nesse lugar instituído como GEPEIS, que se encontra nas salas 3282 e 3341 A, do CE. Os meus e nossos saberes-fazer são construídos em múltiplos *locus* de aprendizagens, indo dessas salas até os encontros festivos, perpassando pelas assessorias a escolas e se solidificando nos momentos de estudo individual e coletivo no CE.



Figura 12 – GEPEIS nos preparativos para assessorias à escola



Figura 13 – Festa caipira do GEPEIS



Figura 14 - Reunião de estudo e integração do GEPEIS em Itaara, RS

No livro “Vida de Professores”, Nóvoa (2000, p. 15) também comenta sobre locais/espacos, onde os professores/indivíduos se formam e são formados na personalidade e na professoralidade,

[...] o professor é a pessoa, e uma parte importante da pessoa é o professor. Urge por isso (re)encontrar espacos de interação entre as dimensões pessoais e profissionais permitindo aos professores

apropriarem-se de seus processos de formação e dar-lhes um sentido, no âmbito de sua vida.

A aprendizagem no desenvolvimento de pesquisas, que ousam olhar o diferente, o complexo, o não quantificado, o imensurável, sustentados pelo imaginário social, posso dizer que este é o elemento que interliga todos os variados projetos e pesquisas do grupo. Oliveira (1998, p. 60) descreve as trajetórias percorridas pelos pesquisadores que, ao longo dos tempos, trabalharam com o imaginário social:

Imaginação, imaginário, imagens, representações simbólicas e representações míticas – expressões que foram durante muito tempo banidas do pensamento considerado científico legítimo, por caracterizarem um campo “perigoso”, onde a preocupação com a constatação ficaria prejudicada. A imprecisão desses conhecimentos os coloca em choque com aqueles comprovados por explicação através de atividade racional. A própria cientificidade fica “abalada”, porque científico é o conhecimento que pode ser comprovado.

Trabalhar com professores, instigando-os num fazer cotidiano diferente, que olha não só para a resposta dita com palavras, é o que busco em minhas atividades. Sinto que, com o passar do tempo, o trabalho com o imaginário social instiga-me no desenvolvimento de um novo olhar, quase um novo sentido. Começo a perceber nos detalhes coisas que antes não via, começo a perceber as palavras ditas tão somente com o olhar, ditas na escrita da porta do banheiro, no muro pichado da escola, no vidro quebrado da sala do diretor, na lágrima que corre do aluno que diz “não estou sentindo nada”.

Uma teoria como Imaginário Social, que na sua essência apresenta um princípio básico de interdisciplinaridade, abre um leque bastante grande aos olhares de pesquisas. Ou seja, conseguiu-se costurar os desejos de sujeitos diferentes, detentores de um ideal comum “trabalhar com questões educacionais” e focar a complexidade do homem, olhando os mais variados ambientes por ele freqüentados.

No GEPEIS, via Laboratório de Imagens, minha trajetória, na condição de pesquisador, iniciou-se e matura-se, constantemente. O primeiro projeto de pesquisa do qual fui e sou participante. Aqui tenho que explicar o “sou”

participante. Esse acontece, pois, apesar de a pesquisa já estar concluída, as produções e os seus resultados continuam a ser colhidos. Por exemplo, esta dissertação possui como “fundamento instigador” a pesquisa que ora apresento.

Tenho que ressaltar também, que diversas produções desta dissertação e de outras, como fotografias, transcrições de entrevistadas e alguns materiais de pesquisas anteriores, estão e estarão disponíveis em um Banco de Dados⁹ que é resultado desse trabalho - intitulado Laboratório de Imagens: significações da docência na formação de professores. Uma pesquisa Interinstitucional, na qual um grupo significativo de pesquisadores de algumas Universidades do Rio Grande do Sul¹⁰, cujos trabalhos apresentam um enfoque central nas temáticas do Imaginário Social, nas Histórias de Vida, na memória e nos processos de formação docente e na subjetividade professoral.

Para que se entenda como é feita essa costura entre os diversos projetos desenvolvidos pelo GEPEIS, faço uso das palavras da Professora Valeska, Coordenadora Geral do grupo, que se referindo ao Laboratório de Imagens elucidada:

O trabalho de investigação/formação, desenvolvido por esta pesquisa, proporcionou aos grupos envolvidos na rede, aprendizagens de diversas ordens: o trabalho de pesquisa coletivo, a análise mais integrada das questões regionais e nacionais e o trabalho específico e singular de cada grupo com o material coletado vem gerando novos subprojetos, e ampliando nossas temáticas de estudo. A partir das categorias trabalhadas pelos pesquisadores envolvidos, quais sejam: escolha profissional, processos de formação e gênero, constata que o trabalho da memória, reconstruindo através das histórias de vida dos professores, imagens entendidas, aqui, como representações mentais que se explicitam através dos relatos orais e escritos, das fotografias, dos documentos e dos diários são materiais significativos num trabalho de investigação sobre como os professores se produziram professores (OLIVEIRA, 2002, p. 42-43).

Na busca de dar segmento aos trabalhos desenvolvidos nessas pesquisas, aprofundando temáticas das quais me aproximei mais, e com a conclusão do Curso de Pedagogia - Anos Iniciais e Matérias Pedagógicas do

⁹ Pode-se ter contato com nosso Banco de Dados, através do Home Page: <http://www.ufsm.br/gepeis>

¹⁰ As universidades que participam da pesquisa são: Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ, Centro Universitário Franciscano – UNIFRA, Universidade Regional Integrada – URI, além de algumas Secretarias de Educação.

Segundo Grau, dessa Universidade, procurei dar continuidade aos estudos. Agora, com olhar voltado a uma História que, embora às vezes só percebesse de forma inconsciente, apresentava muitas das inquietações que venho debatendo ao longo da formação.

Sendo assim, sinto a necessidade de conhecer os professores, sua cultura, sua formação, os ambientes nos quais vivem e viveram, as marcas que a formação lhes deixou, as marcas que os professores lhes proporcionaram, seus gostos, seus desgostos, seus professores amados e odiados. Agora, adentrando nesse imaginário, ou nesses imaginários professorais, tentando conhecer como aconteceu e como vem acontecendo a produção/formação desses professores é que investi nesse trabalho.

Dando visibilidade às inquietudes que me ajudaram nessa construção, apresento as questões de pesquisa que se delinearam ao longo do trabalho: Quais são e como foram construídos os saberes pessoais e professorais de Helena Ferrari Teixeira? Que imaginários foram construídos, ao longo do tempo, sobre minha personagem?

Com esta pesquisa, investigo a memória e os saberes, construídos ao longo da carreira da Professora/Vereadora/Mulher Helena Ferrari e as representações, construídas naquele momento da história sobre o processo de educação das mulheres. Além disso, analiso as relações estabelecidas entre os diferentes saberes da professora, trabalhando com sua História de Vida, tentando entender as representações imaginárias da época e sua participação na vida política. Trabalhando, aqui, a partir da sistematização de um fragmento da História da Professora Helena Ferrari Teixeira.

Tentando dar vida a uma História - Memória, pessoal e profissional que intenta na construção de um aporte teórico nas discussões referentes à História da Educação de Santa Maria e à História de Velhos, apresento essa dissertação. Deixando registrado, aqui, uma escrita referente à Vida de Helena Ferrari Teixeira, uma dentre tantas mulheres cuja História oficial, por se constituir numa lógica masculina e patriarcal, ainda não foi contada na História deste País.

2 “POR ENTRE TRILHAS DE TIJOLOS AMARELOS”¹¹: DEMONSTRANDO CAMINHOS PERCORRIDOS NA PESQUISA

*Eu falo de crianças, brinquedos, árvores, velhos,
amantes,
quadros, escolas, [...] Mas não se deixem
enganar.
Essas entidades, todas elas, traçam as linhas
do meu rosto. Tudo o que escrevo é sempre
uma meditação sobre mim mesmo.*

Rubem Alves

Falar no Método Biográfico Histórias de Vida, utilizado no intuito de conhecer os caminhos e as imagens construídas por uma professora nos seus anos de docência, fez-me conhecer também outras histórias, outras professoras, outras vivências e outras construções. Também acredito que “através das histórias de vida individuais”, a “história do coletivo” começa a aparecer e compartilho com Narvaes (2000, p. 42) que “relativiza-se o autor” e que, é através dele que “o grupo se expressa, por meio dos relatos de vida individuais, descobrem-se facetas do social”. E que história de vida é essa que pretendo recuperar? Como conceituá-la?

Comungo com Josso (2002, p. 20), que existem dificuldades em abordar a globalidade das Histórias de Vida, e parece-me mais adequado em algumas pesquisas, inclusive, utilizar outras terminologias para designar esse fundamento metodológico, segundo a autora,

¹¹ O título é inspirado no Livro o Mágico de Oz de BAUN, Frank L. onde alguns personagens (Dorothy, o Espantalho, o Lenhador de Lata, e o Leão covarde) percorrem um ou vários caminhos na busca de um ideal/construção comum.

As histórias de vida postas ao serviço de um projeto são necessariamente adaptadas à perspectiva definida pelo projecto no qual se inserem, enquanto que as histórias de vida, no verdadeiro sentido do termo, abarcam a globalidade da vida em todos os seus registos, todas as suas dimensões passadas, presente e futuras e na sua dinâmica própria.

Oliveira (2003, p. 253 a) claramente explicita que “A história de vida dá visibilidade aos processos pessoais, individuais e coletivos de formação do professor [...]” e, conceituando sobre a terminologia, afirma que essa é uma

construção de processos pessoais individuais e coletivos de formação do professor, trazendo para o cenário de formação continuada os saberes sobre a docência, a escola, a sala de aula, o professor, a avaliação, enfim, sobre questões pedagógicas e sociais da profissão (idem, p. 374).

Também partilho da tendência desenvolvida por Marre (1991, p. 89), onde apontava esta como “[...] parte essencial de um método biográfico cujo objetivo seja – a partir da totalidade sintética que é o discurso específico de um individuo – reconstruir uma experiência humana vivida em grupo e de tendência universal”. Tento, então, também realizar um trabalho que abarque a história de um “sujeito-fonte”, que estava inserido num contexto específico.

A construção desse trabalho vem acontecendo com o auxílio de cinco pessoas-fonte¹², cinco colaboradoras, cinco alunas de Helena, as quais irei apresentando ao longo do trabalho. Além, é claro, de outras pessoas-fonte, conhecedoras dessa história que aos poucos vai sendo delineada.

No intuito de valorizar a História de Vida da Professora Helena Ferrari Teixeira, respeitando sua subjetividade e sua singularidade, não esquecendo o rigor metodológico no qual gostaria de caracterizar a pesquisa, optei pela abordagem qualitativa, conforme enfatiza Minayo (2001, p. 22), ao dizer que a pesquisa,

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significações, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos

¹² Utilizo-me da terminologia a partir da obra **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Organizada pela Professora Maria Helena Menna Barreto Abrahão.

fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Desenvolvi uma pesquisa qualitativa sobre a qual, Oliveira (2005, p. 95) aponta,

o qualitativo estará sendo garantido pelo trabalho criativo e consistente do pesquisador em tecer articulações entre as fontes empíricas e as fontes teóricas, entre o geral, entre o específico e o momento histórico a partir do qual as falas estão sendo produzidas.

Neste, utilizei vários instrumentos nos processos (re)construtivos das memórias dos colaboradores, como, por exemplo: as entrevistas, as análises fotográficas e outros documentos.

Outro recurso metodológico que utilizei nesta investigação é a História Oral. Este recurso encontrou-se um tanto desacreditado, principalmente, por fatores como o Positivismo e suas idéias. Segundo Queiroz (1998, p. 19), a História Oral: “[...] é um termo amplo que recebe uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar”.

A respeito da história oral, esse novo processo de se ver e de se produzir história, foi um movimento iniciado em torno do ano 1929. Tomou-se esse ano como o marco de utilização desta nova forma de se fazer história, entretanto sabem que a História Oral foi um longo movimento, que já vinha sendo gestado por autores como Marx, Durkheim, Michelet e outros. Todavia, no ano de 1929, um movimento coordenado por Lucién Febvre, Marc Bloch e outros intelectuais resolveram pôr em prática algumas de suas idéias, produzindo o que chamaram de *Annales*.

A Revista *Annales*, hoje com aproximadamente 75 anos, tinha por objetivo principal produzir um novo jeito de se fazer história, segundo Boita (1990, p. 21),

As idéias diretrizes da revista, que criou e excitou entusiasmo em muitos leitores na França e no exterior, podem ser resumidas brevemente como segue. Em primeiro lugar a substituição de um problema – história analítica orientada ao invés de uma tradicional narrativa de eventos. Em segundo lugar, a história de toda a gama de atividades humanas e não apenas a história política. Em terceiro lugar visando completar os dois primeiros objetivos, a colaboração

com outra disciplina, como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a lingüística, a antropologia social e outras.

Nesse sentido, simpatizei com os ideais dos historiadores na “Nova História”, pois, ainda segundo a autora supracitada, os estudos realizados pelos fundadores do movimento trabalhavam,

Deslocando o foco dessa história política centrada primordialmente sobre feitos das elites, os historiadores voltaram-se para o circuito das atividades, concepção crenças e pratica cotidianas de uma massa anônima composta por aqueles para quem o olhar historiográfico até então não se voltava (BOITA, 1990, p. 20).

Oliveira (2001), também, ratifica as palavras da autora, enfocando a importância da História Oral, pois esta pode trazer histórias de pessoas “comuns”, permeadas de subjetividade, encontros, desencontros e saberes, que de um momento para outro perdem o anonimato, tornando-se “autores” no seu coletivo.

Com relação às entrevistas, utilizei a forma estruturada e semi-estruturada, com perguntas abrangentes, por estar inserido num processo de valorização das falas da professora, dando voz às mesmas. Meihy (1996, p. 37-38) também aponta:

Nas entrevistas de História Oral de Vida, as perguntas devem ser amplas, sempre colocadas em grandes blocos, de forma indicativa dos grandes acontecimentos e na seqüência cronológica da trajetória do entrevistado [...] os grandes blocos de perguntas devem ser divididos em três ou quatro partes, no máximo cinco. Quanto menos o entrevistador fala melhor.

Nessas entrevistas, que realizei com Dona Helena e seus familiares, tentei estruturar alguns tópicos, que fossem, ao mesmo tempo, significativos e provocadores como, por exemplo:

- A atuação da Professora Helena no magistério de Santa Maria;
- A Professora Helena numa Câmara de Vereadores constituída, basicamente, pela atuação masculina;

- As lembranças positivas e negativas de suas salas de aula, e de seus processos formativos.

Com as alunas de Dona Helena, busquei conhecer, principalmente, os saberes professorais de Helena e estruturei perguntas centradas no contexto da escola, da sala de aula. Também optei por dar visibilidade à vida das ex-alunas: quem são elas? O que fazem? Foram professoras ou não? Tenho que destacar que, em minhas entrevistas, apesar de ter elaborado um modelo, que se encontra em anexo ao final do trabalho, não o mantive fixo, estagnado. Partindo das falas de minhas colaboradoras, do que foram me relatando, seus desejos, suas peculiaridades, suas singularidades, reestruturei e/ou reformulei as perguntas.

Quero exemplificar: nas minhas primeiras entrevistas, não havia me ocorrido de questionar as vestimentas, os uniformes das estudantes nos colégios da época. Entretanto, na entrevista com D. Neusa, esta destacando a indisciplina da atualidade nas escolas, em contraste com a escola por ela vivenciada, percebi a importância que o uniforme, incluindo aqui a boina, representava para a época.

Eu acho que havia muita disciplina. Eu acho que a disciplina era fundamental. Aquilo ali não existia bagunça. Não existia nada, Aquilo ali no momento que tu entrava. Começando aí, olha, tu quer ver uma coisa, têm aqui em Santa Maria não existe mais ninguém com uniforme, aquilo era uma forma de tu até, te orgulho da tua escola. Uniforme. Aquilo ali, cada um com seu uniforme, aquilo já era uma forma de tu ter orgulho e de tu ter disciplina (D. Neusa, 11 de maio de 2005).

Sendo assim, passei a incluir em minhas entrevistas a questão do uniforme e, até voltei, e refiz mais algumas entrevistas, com outras colaboradoras que já haviam iniciado os trabalhos e perguntei a respeito do uniforme e da disciplina.

Relembrando as idéias de Montagner (1999), em relação à História de Vida, espero que com esta e com o “resgate” da memória da professora, ambos funcionem como o carvão, alimentando o fogo deste trabalho,

permitindo ressignificações e reflexões na minha vida pessoal e profissional, de seu contexto sócio-cultural e de meus, quem sabe, futuros leitores.

Esta proposta de estudo também se utilizou de pesquisa documental nos arquivos da cidade de Santa Maria, nos arquivos pessoais da professora Helena e de sua família e nos arquivos do Acervo Edmundo Cardoso. Nos arquivos documentais, ressaltei a utilização tanto de textos escritos, jornalísticos, atas, cadernos, como também de fotografias, pois estas, como afirma Demartini (1997, p.10) ativam a memória dos sujeitos:

A introdução das imagens durante o processo de entrevistas apresenta assim resultados em parte distintos, mas profundamente interligados: reaviva a memória dos entrevistados torna uma realidade mais próxima e, ao mesmo tempo, “traz” o pesquisador para a realidade. A coleta fotográfica não pode assim ser encarada com tarefa que se distinguiu da própria entrevista; ao contrário, ela foi, um elemento mesmo da própria entrevista, na medida em que se recorreu às fotografias encontradas pelos professores como forma de reavivar a memória e coletar novas informações.

O trabalho com as fotografias foi desenvolvido com o intuito de incitar a memória das professoras e dos demais colaboradores. Oliveira (2003, s.p.) aponta para a importância deste instrumento, pois segundo ela, com as fotografias, a memória é ativada de forma que acabamos nos recordando toda a situação vivida, e os demais fatos que estão ligados à imagem. Fatos estes que são subjetivos e significativos para a pesquisa. E ainda coloca:

Esses detalhes ditos subjetivos, ativados pelo olhar posto em cima de uma imagem de família, de um acontecimento social, de um espaço geográfico modificado com o passar dos anos e tantas outras situações que são registrados por fotógrafos de todos os tempos, fazem parte de relatos orais e de entrevistas normalmente utilizadas com método qualitativo de coleta de dados em projetos e, dessa forma, tem-se nessa questão a maior prova da importância da fotografia como documento de pesquisa, análise, comprovação e comparação de fato relevante para os objetivos de um trabalho científico (Idem).

E ainda me valho das imagens fotográficas, como registros convencionais, pois, nas fotografias, encontrei uma fonte onde pude buscar informações de grande relevância a minha investigação. Gostaria de produzir

com o uso fotográfico, conforme Oliveira (2005), uma aproximação com as representações dos meus colaboradores, representações essas que foram construídas ao longo de suas trajetórias de vida e que “Os baús, as caixinhas e os álbuns” (idem, p. 96), ao serem revisitados, proporcionam falas mais detalhadas e com maior precisão aos depoimentos.

Neste trabalho, utilizo-me de forma bastante significativa desses recursos visuais, porém tenho que mencionar que o trabalho com imagens apresenta uma série de dificuldades. A primeira que percebi foi que ao deparar-me com um número bastante vasto de imagens históricas, pensei poder trazê-las ao trabalho. Todavia, o hábito de contextualizar as fotografias com local e data ainda é bastante recente. Sendo assim, várias imagens não puderam ser usadas e não tive como analisá-las, pois mesmo os familiares e nossas colaboradoras não conseguiram identificar os acontecimentos.

Neste sentido, trabalharei numa etapa posterior na disponibilização de das fotografias que já foram autorizadas pela família, em um banco de dados digital, que será acrescido ao banco de dados do Grupo GEPEIS, no qual outras pessoas também poderão estar vindo a contribuir na contextualização das imagens. Um segundo fator que dificulta, significativamente, o trabalho com imagens são as dificuldades de trabalhar com as imagens, juntamente com o texto escrito. Muito se tem produzido em se falando de tecnologias na utilização de imagens, mas estas não são tão difundidas como acredito ser necessário nos meios educacionais. Os trabalhos como este, nos quais se inserem imagens, tornam-se mais difíceis de ser usados, devido ao fato de a resolução das imagens, muitas vezes, deixarem os computadores lentos, devido à falta de memória e espaço nos mesmos, entre outras.

2.1 Nas cercanias da memória¹³: algumas reflexões

Sei que a memória – mesmo instigada pelas fotografias - é seletiva e (re)significante. Sei também que armazena e estabelece significações a partir das acepções que nós, humanos, atribuímos aos fatos. Embora, neste trabalho, compreendo a memória como trabalho reconstrutivo e “não como um depósito de dados naturalmente estáticos, configurando um princípio de conservação, uma mera reprodução, mas no sentido dinâmico das experiências vividas [...]” (ZAMBIASI, 2000, p.14). A memória dá vazão a construções dos momentos de amor-ódio por nós vivenciados e/ou vividos.

O amor é o melhor tônico da memória. Quando o nome da coisa amada é pronunciado ela logo ressuscita dos mortos e aparece viva em nossa imaginação e o campo se enche de saudade. A saudade é o sintoma de que a coisa amada saiu do tumulto! (ALVES, 2003, p. 109).

Para mim, inspirado pelo autor acima referendado, e tentando içar velas para continuar nessa navegação, penso que, dei sentido e revisei espaços, tempos, pessoas, andanças e até coisas, porque não dizer, que amo e até que odeio. Sobre esse último sentimento – o ódio – Muraro e Boff (2002) dizem que não devemos temê-lo já que, é apenas o amor com sinal invertido. Porto (2005, p. 51), também parece querer discutir, quando afirma “a emoção é aquilo que dá o tom do momento da lembrança [...] jamais nos esquecemos o que sentimos, é uma impressão em nossa alma que nos faz compor a musicalidade e o ritmo da vida”. Benini e Brancher (2005, p. 05-06) também acreditam na memória e nas narrativas quando explicitam,

[...] as narrativas estão imbuídas na expressão dos desafios de conhecimento ao longo de uma vida. Tais conhecimentos estão inseridos no que de mais sensível foi demarcado em um determinado período histórico, seja pelo viés das potencialidades individuais, seja na construção coletiva dos conhecimentos no plano da consciência.

¹³ Expressão retirada do livro do Professor João Carlos Tedesco, intitulado: **Nas Cercanias da Memória**: Temporalidade, experiência e narração, que através da Universidade de Passo Fundo e seus grupos de trabalho, vêm desenvolvendo pesquisas e produções de altíssima relevância ao meio acadêmico, enfocando, principalmente o envelhecimento humano e os trabalhos com memória docente.

Compartilhando também sobre o assunto, Williges (2005, p. 59) argumenta: “eu não sei quem sou. Só sei das minhas lembranças. Pensar que somos aquilo que guardamos dentro de nós como relíquia é uma idéia interessante!”. Acredito na memória construída através dessa gama de fontes e formas. Reconstruída, e ganhando vida nova através de trabalhos com vistas a impedir que me perca nesses “labirintos intrincados da memória” (CAUDURO, 2005, p. 26).

Nesse sentido, simpatizo com as idéias lindamente construídas por Samuel (1990, p. 233) in Zambiasi (2000, p. 15), quando afirma que “entrevistas e reminiscências podem também capacitar o historiador a dar identidade e caráter às pessoas que, normalmente permaneceriam com meros nomes numa lista de rua ou de registro paroquial [...]”, ou seja, trabalhos como este, acabam propiciando voz a indivíduos normalmente afônicos na história oficial. Através das falas dessas pessoas, possibilita-se que outros sujeitos, e que outras histórias sejam compartilhadas, isso porque, “as pessoas vivem a sua experiência no interior de uma cultura determinada” (ZAMBIASI, 2000, p. 22), sendo, portanto representantes de um grupo social do qual fazem parte.

No pensamento de Williges (2005, p. 59) penso estarem contidas outras reflexões significativas, quando afirma, por exemplo: “Não quero lembrar do que aconteceu hoje. Acho que vou esquecer logo”. O que esses esquecimentos têm a me dizer? O que esqueci e o que nunca consegui apagar de minhas lembranças? As inquietações do autor instigaram-me a refletir esses esquecimentos conscientes e/ou inconscientes que realizo. Esquecimentos esses, muitas vezes, percebidos nos silenciamentos de meus colaboradores. Silêncio que se faz fala e que, muitas vezes deixa transparecer coisas que gostaria de omitir, de calar, e até mesmo o que gostaria de falar e não me permito. Explicitando, justamente sobre os trabalhos com memória e sobre o silêncio enquanto instância que é, fala e que merece atenção, Oliveira (2005, p. 95) esclarece:

A oralidade implica o trabalho da memória e, ainda, o trabalho da palavra, do que é dito e do que é silenciado, pois o silêncio na perspectiva que compartilhamos com Orlandi (1993, p.33-34), “não fala. O silêncio é. Ele significa. Ou melhor: no silêncio, o sentido é. [...] o silêncio não está disponível à visibilidade não é diretamente observável. Ele passa pelas palavras. Não dura. Só é possível vislumbrá-lo de modo fugaz. Ele escorre por entre a trama das falas”.

O silêncio esta na trama do trabalho da memória e como aponta Portelli (1996, p. 68-69) “estes procedimento da oralidade põem em evidencia o trabalho da palavra, da memória, da consciência”. O trabalho dessa consciência, segundo o autor “manifesta-se na entrevista pelo fatigante trabalho da palavra”.

Gostaria de ressaltar a flexibilidade desta metodologia, fui adequando-me às diferentes realidades que surgiram ao longo do processo de construção do trabalho, e das sugestões construtivas que foram e são recebidas em relação ao mesmo.

3 HISTÓRIAS DE VELHOS: COMO TRABALHAR?

Quando morre um velho desaparece uma biblioteca.

Provérbio africano

Um velho é apenas um adolescente que viveu demais

Marcel Proust



Figura 15 – Helena fotografia recente

Observando a construção histórico-social do País percebi que, até poucos anos o Brasil era tido com uma população predominantemente jovem.

Nessa perspectiva, os idosos, a popularmente conhecida Terceira Idade, construiu-se numa modalidade praticamente invisível.

Hoje, contrariando esse contexto, pesquisas como a de Cardoso (2004) mostram uma nova perspectiva e apontam que até, no máximo no ano 2020, viveremos em um país que possuirá o quinto maior número de idosos, mundialmente falando.

Para que se tenha uma idéia da velocidade dessa transição é interessante conhecer os dados fornecidos pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Fundação IBGE, mostrando que a expectativa de vida do brasileiro entre 1950 e 1980 passou de 43,2 anos para 63.4 anos. Foram acrescentados 20 anos de vida em três décadas. Esse aumento seguirá no mesmo ritmo, segundo projeções feitas. Para um período entre 2000 e 2025, esta expectativa chegará aos 80 anos (CARDOSO, 2004, p. 38).

Aliados a essa nova perspectiva, estão alguns dos programas de assistência, construídos em torno da figura desses indivíduos que são denominados de “mais velhos”. Estudos gerontológicos, programas da terceira idade, movimentos de idosos etc. são algumas das produções, muitas, e na maioria das vezes, criadas pelos próprios idosos, na busca de um envelhecimento sadio e com a qualidade de vida desejada. A liberdade conseguida com a maturidade e, algumas vezes, com a morte do/da cônjuge é uma das óticas que não pude deixar de observar.

O envelhecimento para quem sabe fazer do seu tempo livre um aliado transforma-se em uma experiência bastante positiva e rica em aquisições. Uma dessas aquisições é a liberdade. Alguns, ao contrário do que somos levados a pensar, a partir do momento que perdem o cônjuge ou os filhos saem de casa, tomam as rédeas da vida de forma nítida e prazerosa (CARDOSO, 2004, p.41).

Também entendo a velhice como um momento de reconstrução. Stano (2001, p. 10) aponta que esta é

muito menos do que um começo do fim, apresentando-se como a possibilidade de um começo [...], estar na aposentadoria, longe de ser um temo do não ser, revela-se um tempo de continuar sendo construtor de espaços existenciais [...].

No entanto, estereótipos referentes ao idoso, ainda podem ser percebidos na sociedade atual. Todavia, são, muitas vezes, dos próprios idosos as produções que visam à construção de um novo imaginário, qual seja, de uma sociedade mais justa, intergeracionalmente falando. Nesse momento, tomo apenas um dos preconceitos criados pelos sujeitos sociais, ainda não idosos: o modo de vestir. Sei que, por um longo período, as roupas, os acessórios, enfim, o figurino de modo geral, utilizado pelos idosos, sempre foi ditado por outrem, que não eles.

Rubem Alves, em seu livro “As Cores do Crepúsculo: a estética do envelhecer” que, pela ousadia e brilhantismo, gostaria de recitá-lo na íntegra, destina um capítulo do mesmo intitulado “O Blazer Vermelho”, para refletir e ajudar a estabelecer novas significações ao vestir dos “velhos-jovens”, escrevendo:

À medida que envelhecemos as cores devem ir ficando sóbrias e tristes. Esse costume, eu acho, tem a ver com a nossa idéia de que o velho está a um pé da sepultura, e que é bom ir deixando os vermelhos, azuis e amarelos para trás, assumindo a gravidade de quem vai se encontrar com deus, o mesmo que criou o arco-íris e suas sete cores, mas que nunca se veste de amarelo com bolas rochas. A moda que a sociedade escolheu para os velhos é uma *preparatio mortis*. Outra não é a razão porque em certas regiões da Península Ibérica e da Itália, as mulheres velhas e viúvas (é de costume geral que os homens morram primeiro) se cobrem de negro da cabeça aos pés, lúgubre imitação das vestimentas dos padres e dos urubus, especialistas em cadáveres. Com suas roupas negras, elas estão proclamando: “deixei a vida! Abandonei o amor! Que nenhum homem se atreva a me desejar!”. O costume chegou até nós de forma atenuada, mas chegou. Em tempos não muito distantes, o pudor e o respeito exigiam que as senhoras, a partir dos 50 anos, usassem vestidos tipo tubinho, indo até os tornozelos, golinha fechada no pescoço, mangas compridas, azul com bolinhas brancas e birote [...] (ALVES 2001, p. 83-84).

Nessa mesma perspectiva, Cardoso (2004), através das falas de suas colaboradoras, parece conversar com Alves (2001), explicitando o imaginário ainda instituído sobre o vestir do velho.

As roupinhas eram sempre aquelas; um decotinho redondo, um vestido tubinho. [...] já tinha sapatinho de velha, ‘a pra andar tem que ser esse sapatinho mais confortável, eu gosto daquele que é assim... (Z. F. 70 anos, mulher).

[...] Não é como a gente hoje na minha idade que eu freqüento... Às vezes eu vou numa danceteria, passeio, mesmo viúva. Naquela

tempo uma viúva, ela não saía, ela era de preto. Não saía de dentro de casa a não ser para ir para igreja (T. L. 70 Anos, mulher).

São de autoria própria as interpretações dessas e outras falas, remetendo-me que, imagens do idoso respeitoso e comedido, usando roupas desbotadas já estão quase que em extinção ou em perspectivas do fato. Hoje, acredito eu, que estamos ressignificando a velhice tal como foi vista durante muitos anos, nesta lógica de desvalorização e insipiência com relação aos “de mais idade”.

Ferrigno (2004, p. 29), neste sentido aponta “Face às exigências desse ‘novo idoso’, surgem no SESC ao final dos anos 70 as Escolas Abertas da Terceira Idade”. Tais instituições fundamentam-se nos princípios de educação permanente, que Lapassade (1975, p. 225) caracteriza como uma necessidade no homem, segundo ele “o inacabamento da formação tornou-se uma necessidade, num plano marcado pela transformação permanente das técnicas, o que implica uma educação permanente”.

Outra obra que aqui sinto necessidade de trazer à tona, pela beleza já na intitulação é “Vovó Delícia”, num viés, que segundo o autor, é destinado ao público infantil. Na obra, a personagem desenvolve uma entrevista com Tônia Carrero, magnificamente bem feita, levando-me a acreditar que o autor/personagem realmente realizou a entrevista com Tônia. Destaco aqui os detalhes da conversa entre a personagem, que Ziraldo só denomina de menina, e Tônia mostrando algumas concepções do envelhecer.

- Eu: você tem medo de envelhecer?
- Tônia: Dá muito trabalho envelhecer. Para envelhecer, você tem que ficar parada olhando a vida. Se você ficar sempre fazendo coisas, inventando, criando, fica sem tempo para envelhecer.
- Eu: Você sente muitas saudades da vida que passou?
- Tônia: não quero ficar pensando como foi a minha vida. Isso é conversar com a morte. Gosto é de conversar com a vida.
- Eu: Este é o seu segredo par ficar bonita assim o tempo todo?
- Tônia: Adoro ouvir essa frase. Ou quando dizem: “todo mundo envelhece, menos a Tônia”. Eu devia usar essa frase pendurada no pescoço. Quando eu virei avó havia um cronista muito famoso aqui no Rio, o Carlinhos de Oliveira que escreveu: “No meu tempo, avó não tinha coxas, eu vou a Cabo Frio e a Tônia esta de biquíni. No meu tempo, se eu falasse nas coxas da minha avó ia

ser um escândalo”. Pois agora, Carlinhos se você estivesse aqui ia poder falar das coxas da bisavó (ZIRALDO 2001, p. 46-47).

Uma enormidade de autores, como os acima referendados, instigam-me neste trabalho de rompimento com a lógica cruel e excludente das minorias, principalmente em relação aos idosos. Hoje, segundo Deberte (1996), empenhamo-nos no desmonte desse imaginário instituído¹⁴ na sociedade contemporânea. Discursos estes, que se integram na abertura de novos espaços aos mais velhos da população. Inserem-se nesses discursos, programas como Universidade para Terceira Idade entre outros, que visam o idoso como membro efetivo do *locus* das instituições. O *locus* temático, tomado nesta pesquisa, não foi muito diferenciado das pesquisas que acabei mostrando anteriormente, qual seja de valorização do idoso na plenitude do significado, abarcado pelo termo.

No ano 2003 realizei minha primeira entrevista. Tenho que ressaltar que não consigo precisar exatamente a data, na época, por questões pessoais não havia mergulhado profundamente em autores que trabalham com História Oral e História de Vida, dentre eles destaco Thompson (1992), Meihy (1996), Oliveira (2004), Abrahão (2004) Alberti (2004), dentre outros.

Naquele período ainda acadêmico do curso de Pedagogia, preparando-me para a conclusão do respectivo curso, embrenhava-me na escolha da temática de um possível projeto de mestrado. Então, através de textos jornalísticos e das sugestões da minha orientadora, conheci D. Helena Ferrari. Naquele contexto, percebi que deveria iniciar um trabalho de reaquecimento na memória de minha colaboradora. Uma senhora de idade bastante avançada, sua idade prefiro não revelar, pois este foi um pedido da própria Helena Ferrari.

¹⁴ Utilizo as terminologias referentes ao Imaginário Social, a partir dos conceitos de Castoriadis (1982) e Oliveira (2005), onde estes se referem ao Imaginário Social como sistema de sentidos que possibilitam uma compreensão da ordem/desordem vigente nas instituições sociais. Revelando, assim, manifestações simbólicas, práticas sociais, crenças, sonhos ritos e mitos das sociedades.

Revirando a caixa dos seus guardados¹⁵ e revirando suas memórias, pude encontrar e significar várias de minhas percepções em relação à Helena. Sempre apresentei dúvidas quanto à data do nascimento de minha colaboradora. Nos questionamentos à família descobri que Helena não queria nunca tornar pública sua data de nascimento, por uma opção que dizia ela ser particular. Observei, então, num dos manuscritos endereçados a Alires Porto Alegre dos Santos, também sobrinha de Helena, que na época tentava reconstruir suas memórias.

Perdoa o incômodo e peço que me informes sobre o assunto, bem como sobre a biografia que te enviei em correspondência registrada, o que muito te agradeço.

Um beijo carinhoso.

Helena.

EM TEMPO: O que te peço é que não ponhas a minha idade e nem a data do meu nascimento, a fim de que o assunto não venha a tornar-se público.

Agradecida.

A mesma.

Figura 16 – Carta de Helena, endereçada à Alires sua sobrinha

No dia 15 de março de 2004, minha primeira aula no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, após aprovação desta pesquisa para o referido programa, faleceu Helena Ferrari. Antes do ocorrido, já havia realizado com minha colaboradora duas entrevistas. Sabia que trabalhos com História Oral de Velhos, necessitam de um “aquecimento” das memórias e iniciei meus trabalhos.

¹⁵ Aqui a expressão caixa dos seus guardados é usada no sentido literal da expressão. Na casa de uma das sobrinhas de Helena Ferrari a Engenheira Civil Ana Lucia, que hospedou a tia por um longo período ficou uma caixa na qual encontramos uma gama de materiais, fotografias, manuscritos que vão aparecendo ao longo do trabalho.

Numa data anterior ao meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação, que não consigo precisar, fomos, minha orientadora e eu, conhecer Helena Ferrari, uma pessoa bastante meiga, feminina, enfim uma senhora na plenitude do termo. Helena nos recebeu com chocolates, sentamos na sala e iniciamos nossa conversa. A professora Valeska apresentou-me como um possível pesquisador da UFSM, que tinha o intuito de conhecer sua história.

Helena demonstrava bastante felicidade e até certo grau de excitação com o trabalho. Aproximadamente uns cinco minutos, após a apresentação, Helena volta-se para mim e explicita “quem é esse mesmo?”. A professora Valeska, pacientemente, explica novamente quem sou. Helena separa alguns chocolates e nos entrega afirmando “comam, comam, esses eu não gosto tanto”. Passam-se mais alguns minutos, Helena, novamente olha para a professora e pergunta: “é seu filho esse?”.

Naquele dia percebi que meu trabalho não seria muito fácil. Neste mesmo dia, conversei com seus familiares e descobri que ela já estava sofrendo o efeito do mal de Alzheimer. O mal de Alzheimer, até onde conheço, é uma doença degenerativa do sistema nervoso central e é apontada como um dos piores males, relativos aos idosos no século XXI.

Na “Revista Galileu”, de maio de 2000, o autor relata que essa doença degenerativa

faz o indivíduo ir perdendo, aos poucos, a memória, o raciocínio e a linguagem. Diagnosticada em 1906, pelo alemão Alois Alzheimer, ela torna sua vítima incapaz dos atos mais rotineiros – até mesmo de se alimentar ou de reconhecer seus parentes (FILHO, 2005 p. 61).

Seguindo nesta mesma lógica, o autor relata que, com a elevação das perspectivas de vida da população, possivelmente, ocorra um aumento significativo desta doença entre os idosos. Afirmando, também que, “a doença de Alzheimer ataca 5% da população acima do 60 anos e 20% acima dos 80, tornando-se uma temível vilã de classes afluentes [...]” (FILHO, 2005, p. 61).

Minha segunda entrevista aconteceu na semana seguinte. Helena estava sozinha, bastante calma, receptiva e, para minha surpresa, ainda se recordava

de mim. Embora, sempre que realizava qualquer pergunta, como, por exemplo: como eram os colégios e os alunos na época que a senhora foi professora? Essa respondia: “a da política” e contava-me os principais momentos de sua vida política e as disputas políticas por ela vividas.

Com o falecimento de Helena Ferrari, às 4:30h, do dia 15 de março, segundo nota no Jornal A Razão¹⁶ do mesmo dia, “vítima de uma hemorragia gástrica, conseqüência do Mal de Alzheimer que sofria desde julho do ano passado. Helena estava internada desde a última quarta-feira no Hospital de Caridade Astrogildo de Azevedo”, fui obrigado a repensar meu trabalho. Minha orientadora sugeriu que procurasse novas fontes, quem sabe pudesse encontrar suas alunas, e outras pessoas que a conhecessem.

Entre as conversas formais e informais que realizei com os familiares de Helena, descobri muitas preciosidades acerca de sua vida, das obras e feitos. Descobri, também, que na rua lateral à casa de uma de suas sobrinhas, Ana Lúcia, morava Reinilda, uma das alunas de dona Helena, e aí os contatos foram sendo feitos.

Reinilda foi uma pessoa muito importante na realização de meu trabalho, conhecia e possuía inclusive telefones de mais algumas colegas, também alunas de Helena Ferrari. Optei por realizar um trabalho com cinco colaboradoras, cinco pessoas-fonte. Todas as alunas de Helena, em algum momento de sua vida, foram e/ou continuam sendo professoras.

Todas as entrevistas que realizei foram transcritas, por mim¹⁷, segundo as orientações de Meihy (1996) e Alberti (2004). Primeiramente, elaborei um questionário com perguntas abrangentes, que iriam orientar as entrevistas. No momento da realização das mesmas, apresentava a proposta às colaboradoras e, com o consentimento destas, iniciávamos nossa conversa. Tenho que destacar que todas as entrevistas foram gravadas em fitas K7 e, posteriormente transcritas e entregues às colaboradoras para que fossem lidas, analisadas, riscadas e retirados fragmentos que elas não quisessem que

¹⁶ O Jornal A Razão é um veículo de comunicação impresso da cidade de Santa Maria.

¹⁷ Quero ressaltar que, além de tomar os cuidados apontados por Meihy (1991) para a realização das entrevistas, sempre transcrevi as narrativas, juntamente com mais uma pessoa, evitando assim, impressões nas mesmas. Aqui tenho que deixar um agradecimento especial a Sandra Agnolin e Marines Verônica Ferreira (minha namorada) duas pessoas que, pacientemente, ajudaram-me na realização das transcrições.

permanecessem. Para minha surpresa alguns fragmentos foram modificados por minhas colaboradoras, algumas não gostaram da forma escrita de sua fala, não se reconheceram nela. Uma, em especial, disse que gostaria de reescrever sua entrevista, o que lhe foi permitido. No entanto, quando lhes apresentei o texto do trabalho com suas falas, ilustrando como ficariam no trabalho, afirmaram que desejavam que a fala inicial, que primeiramente não haviam gostado, fosse mantida.

Nas fotografias, embora na adolescência das colaboradoras, pude perceber a vivacidade e o brilhantismo dessas mulheres. Todas as minhas colaboradoras, as alunas de Helena, que foram: Reinilda, Neusa, Elita, Miranda e Nanci. Nas imagens de meu trabalho, e em outras que utilizei para “reaquecimentos” de memória, pude perceber o quanto estas são ricas nos processos de reconstrução de Histórias de Vida. Também acredito que,

Não faltam experiências, aliás, bem sucedidas do uso de imagens - geralmente fotografias - empregadas, efetivamente, para servir a gerar, alimentar, relançar e, finalmente, formar o que chamamos ora relatos orais, ora histórias de vida. Colocados diante de uma imagem, de fato, somos, todos, de uma maneira ou de outra, convidados a penetrar na espessura de uma história, a entrar num tempo passado, reavivá-lo e reatualizá-lo por meio de palavras (BRUNO, 2004, p. 26).

Realizei duas entrevistas formais com Reinilda. Uma senhora bonita, lúcida e que, como ela mesma relata, ainda continua realizando alguns trabalhos professorais com alunos que a procuram, em casa, para reforçarem os ensinamentos escolares.

Neusa Zavaris, uma professora de música, uma senhora de raciocínio brilhante, lógico, com princípios e desejos bastante interessantes para Santa Maria, uma defensora da moral e dos bons costumes, dona de uma loja, localizada no centro de Santa Maria, atividade que dirige com pulso firme, buscando melhorar diariamente o estabelecimento. Pessoa bastante falante e ouvinte atenta aos desejos e falas dos interlocutores. Possuidora de fala consciente, precisa e, a todo instante, fundamentando-as em algum jornal, livro e/ou revista, mostrando que mantém bastante aceso o desejo pelo saber e o hábito da leitura.

D. Miranda Mouro é uma dona de casa, nascida e criada no interior de Santa Maria. Com onze anos saiu de casa para iniciar os estudos. Foi professora somente por um ano, uma pessoa bastante atenciosa e cuidadosa. Afirma que gosta de cuidar do lar e de fazer tricô e crochê. No dia da entrevista, sobre a mesa havia uma linda peça de crochê em finalização. Uma senhora muito inteligente que, apesar de afastada das escolas, nunca deixou de estudar, principalmente a leitura que, pode ser percebida quando menciona determinadas obras literárias e também através do fluente e rebuscado português.

D. Nanci, uma professora de matemática aposentada que demonstrou um profundo conhecimento e uma verdadeira paixão pela matemática e pela docência. Uma senhora comedida, recatada, mas que sabe demonstrar seu ponto de vista com bastante precisão e lucidez. Quando lhe perguntei quem era, afirmou:

olha, eu fui uma aluna do meu tempo, com uma formação do meu tempo. Muita coisa era errada, muita coisa não era permitida. Não ir ao baile sem ser acompanhada, [...] depois que eu entrei na faculdade eu já lecionei no colégio Sant'Ana, depois que eu me formei na escola normal, eu fiz faculdade e fui lecionar no Maneco, até [...] e eu me sinto realizada dentro do fator magistério eu me sinto realizada.

E, finalmente, Elita Zavaris, prima de Neusa, uma senhora comedida, atenciosa, de aparência bastante jovial, que não exerceu a docência por muito tempo. Não tão falante, com quem realizei apenas uma conversa e bastante informal.

Quero deixar explícito que, além dessas cinco interlocutoras, perpassei por vários meios, na construção desse trabalho, tive a ajuda constante de seus familiares, realizei pesquisas na Câmara de Vereadores e conversei com a obra de Gallina (2004), na qual a autora contextualiza Santa Maria, principalmente, no auge político de Helena Ferrari. Leitura que sugiro aos interessados em conhecer um viés mais centrado nos feitos políticos de Helena, e que, segundo a autora, foram distorcidos pelos meios de comunicação da época.

Senti-me instigado por algumas inquietações pessoais e por algumas das falas de minhas colaboradoras e até de D. Helena a discutir a questão da velhice, hoje. Com se sentem, o que fazem? Quais as representações da velhice que apresentam?

Talvez, seja uma espécie de preconceito de minha parte, mas surpreendi-me com as respostas. Todas as entrevistadas referiram-se à velhice como um tempo maravilhoso. *“Hoje, Hoje. Não eu, não me sinto infeliz por ser velha, olha eu acho que eu tiro de letra”*. (risos) (D. Neusa).

Outro elemento que, constantemente, é apontado como fator positivo em relação à velhice são os movimentos de terceira idade. Movimentos estes que, na sua grande maioria, são organizados pelos idosos e que buscam proporcionar uma forma diferenciada na percepção do idoso, na sociedade contemporânea. D Reinilda afirma que:

Bom a gente, hoje em dia com esses movimentos de terceira idade já estão valorizando bastante os idosos. Eu me sinto, assim, bem realizada como idosa. Temos bastante atenção das pessoas, a gente também procura tratá-los bem, os colegas, as pessoas estranhas às vezes, nos encontros aí, eu acho que isso aí é muito positivo. Essas iniciativas, de valorização da terceira idade.

Quando questionei minhas entrevistadas, em relação ao tratamento recebido dos jovens e da sociedade, de modo geral para com os idosos, tive elementos bastante diferenciados. Enquanto D. Reinilda afirma que,

Está bem, não têm mais aquela coisa de, porque é velho, porque isso ou por que aquilo, não sei se constrange porque a gente tá nessa, mas eu acho que eles tão valorizando mais, eu vejo os netos, os sobrinhos, todos assim com aquele carisma com a gente, muito positivo.

D. Neusa demonstra elementos bem antagônicos,

O que eu me chateio, fico furiosa e com a falta de respeito que tem, até dentro de uma loja, sabe, a geração mais nova, [...], mas tu fica indignado com a falta de respeito, sabe, é uma coisa assim, mudou muito para pior tudo, tu sabe, eu acho! Que mudou muito para pior.

Complementar a fala de D. Reinilda é a de D. Nanci, que também vem discorrer sobre os movimentos da Terceira Idade e sobre o ser velho hoje. Quando lhe perguntei como a sociedade tratava os mais velhos hoje, prontamente me respondeu.

Bem melhor do que antes, antes era considerada uma pessoa, hoje não, claro que com as questões da terceira idade, que eu acho um movimento muito bom, que fez renascer as pessoas de mais idade, deu mais ânimo, deu mais vida, as pessoas antes ficavam em casa cuidando dos netinhos, hoje não, hoje elas saem para a rua, vão em busca do que querem ainda. E eu pro meu padrão de vida estou muito satisfeita.

Santa Maria, para os que não a conhecem hoje se apresenta como uma cidade com um grande movimento de pessoas, um fluxo muito grande, principalmente, de estudantes e militares. É uma das características populacionais da cidade neste momento. E, possivelmente, essa não fosse a realidade vivida nos anos de estudo de minhas colaboradoras. Talvez esse seja um dos motivos de D. Neusa indignar-se perante determinadas posturas dos jovens e adolescentes atuais.

Outra coisa que me indigna muito, muito, muito, muito, é que essa juventude vem para cá, acha que aqui é a Casa da Mãe Joana. Isso aí é incrível. Você não queira saber, eu moro aqui no centrinho, eu vejo coisas, eu presencio coisas, que eles não respeitam, eles simplesmente eles vem, eles acham que eles podem fazer tudo. Tudo! Desrespeitar tudo. Desrespeitar a cidade, sujar, (...)Tem um lugarzinho para por o lixo ai, não, mas o lixo tinha que ser colocado no chão. Tantas vezes que eu falei. Eu digo a, mas o que é isso? De não respeitar? Ali é o prédio que eu moro, a idéia que eu tenho do jovem de hoje. No prédio que eu moro aconteceu duas vezes, uma foi no domingo, outra foi na segunda eu estava na cozinha, e eu ouvi, mas esse no domingo foi o pior, eu estava sentada tomando o meu café. Devia ser umas nove, nove e pouco, umas nove e meia da manha mais os menos, por esse horário mais ou menos. Tomando o meu café e eu ouvi umas pancadas na porta da entrada, por que são duas. Na porta da entrada aquelas,... Eu digo, mas parece que tão batendo, parece que estão tentando abrir a porta com o pé. Ai eu abri a porta e como tem uma parte que é de vidro eu realmente vi que estavam batendo com o pé. Querendo abrir a porta com o pé. Sabe? Tinham uns rapazes que moravam em cima, eu abri a porta e disse assim: mas escuta moço, é essa a maneira que você abre a porta da sua casa? Ele não me disse nada. Subiu a escadaria, foi embora, mas não me deu uma resposta. Se ele desse uma resposta ai ele ouvia mais, quando eu disse para ele, eu disse: que absurdo (D. Neusa).

Velho (1999, p. 49-50), também percebeu, em sua pesquisa, que os idosos muitas vezes não reconhecem mais o lugar do qual foram e são construtores, segundo ele:

As mudanças na cidade são verificadas nas transformações dos espaços e dos costumes apreendidas por um olhar que não consegue mais reconhecer a cidade como sua, trazendo não só estranhamento, mas insegurança. Pergunta-se direta e indiretamente: "quem sou nesta cidade"; ou "que lugar é este, que não reconheço mais?" Como os marcos espaciais são apoio nas recordações para se construir uma memória coletiva, as identidades construídas em referência a eles acabam perdendo seu significado.

O autor coloca, ainda, que as observações dos mais velhos são construídas a partir de determinados lugares sociais e que o olhar do colaborador é fundamental para construir os diferentes lugares sociais por eles ocupados. Nesse sentido, "a visão que se tem, então, do passado é dada pelo jogo entre esconder e revelar, deixando entrever traços antigos que ora sobressaem, ora são esmaecidos pela patina do tempo" (VELHO, 1999, p. 43).

Ou seja, entendo e conheço o passado, através dos relatos narrativos, uma reconstrução bastante singular, visto que sei que o autor da narrativa me proporciona os elementos que lhe estabeleceram significação, omitindo outros que considera desnecessários. Além disso, o mesmo autor coloca que, quando tratamos de analisar as mudanças físicas e históricas, devemos ter a atenção de perceber que os narradores:

elegem determinados aspectos da vida para interpretar as mudanças culturais e físicas na cidade e constroem a representação de um processo de transformações a partir da proeminência da visão como o sentido mais eficaz para exprimi-las (idem, p. 45).

Ao refletir sobre os tempos da velhice, para os professores, Stano (2001, p. 103), citando De Masi, afirma que, a partir da aposentadoria muitos professores e até outros profissionais passam a percorrer novos caminhos de criação:

O tempo do ócio pode e deve ser potencializado para a criação do novo, de um tempo em que o ser humano passou a subtrair a *poiésis*, destacando os nós de um passado para recolocá-lo em formatos de teias, criando e compondo cenários e espaços

existenciais outros que possam manter e atualizar permanentemente o vivido e o construído como identidade.

Na pesquisa desenvolvida por Velho (1999), o autor afirma que idosos sempre elegem determinados fragmentos de sua vida para serem interpretados, e que é através desses fragmentos que se utilizam para dar significação às mudanças culturais e físicas na cidade. Outro fator que tive a felicidade de perceber em minha pesquisa foi justamente um apontamento por Stano (2001, p. 16), qual seja, de que o “envelhecimento pode ser encarado comum processo com determinantes não apenas biológicos, mas, sobretudo, uma composição múltipla de elementos sócio-culturais que, muitas vezes independem da idade cronológica”.

D. Nanci parece conversar com o próprio autor ao afirmar que, “*olha, não sei se por eu ter convivido a vida toda com jovens, eu acho assim que minha idade cronológica não é bem a minha idade mental. Eu me sinto mentalmente bem mais jovem do que eu sou.*” Sendo assim, acredito que uma velhice bem feliz e bem sucedida é uma condição particular de cada indivíduo e do grupo social no qual ele está inserido. Assim, a “chamada máscara da velhice (referente às propriedades aversivas dela: limites físicos, perda da beleza e utilidade etc.) vêm cedendo lugar a uma imagem de envelhecimento mais positiva [...]” (STANO, 2001, p.14).

Penso que poderia sintetizar minha concepção, referente ao ser idoso hoje, através da fala de D. Miranda. Nela, a autora demonstra o que é ser uma pessoa de mais idade hoje, e afirma,

Eu acho que hoje em dia é mais fácil, é mais bem tratado. Eu lembro quando eu me casei, a minha mãe tinha 54 anos, ela acompanhava o século ela era de 1900. A minha mãe era a pessoa mais linda desse mundo semi-analfabeta, mas não perdia a vaza, não perdia a palavra para ninguém, ela discursava nos aniversários e tudo e mal desenhava o nome. Então eu me lembro que quando me casei ela tinha 54 anos e eu me desesperada pensado: a minha mãe já com 54 anos e eu vou embora eu vou deixar? Porque eu fui a última a sair de casa, eu vou sair e ela vai ficar sozinha, eu achava a minha mãe uma velha, já na idade, e tudo era mais difícil. Hoje não, hoje eu tenho 72, mas eu convivo, eu converso eu participo e acho que só não participo mais, é porque não quero, a minha vida é isso aqui, mais calma, mais dentro de casa. Eu acho mais fácil hoje em dia. Ter 72 anos é muito bom. É muito bom, principalmente por chegar aos 72 anos.

Vivo, hoje, um momento de desconstrução, desconstrução de valores, de conceitos, de saberes e, alguns autores afirmam que estamos redesenhando inclusive os mapas e os paradigmas que orientam e/ou orientaram a humanidade. Ao tomar como afirmativo esse momento de desconstrução, certamente, também espero que, com os períodos de desconstrução estejam os de construção e de reconstrução. Sendo assim, penso que no momento contemporâneo faz necessário um olhar nem tanto assistencialista nem tanto de supervalorização, o que é preciso, hoje, é que se olhe o indivíduo, esteja ele em qualquer fase de sua existência. Um olhar que não caia nos modismos inventados por meios de comunicação de massa, que já perceberam um novo mercado consumista, e sim uma percepção de um idoso como um sujeito único, singular, com necessidades, particularidades e com especificidades únicas.

4 SABERES, SABORES E DESEJOS: UMA HISTÓRIA DE VIDA E ALGUMAS INTERLOCUÇÕES

*Orgulho-me, sem vaidade, por ter contribuído
para
a valorização da mulher e para a busca de um
mundo melhor.
Helena Ferrari*



Figura 17 – Helena entregando flores a uma menina

Nos debates que realizei em torno dos saberes dos professores, comecei a perceber que estes acionam uma gama bastante variada de produções. Sinto que necessito destacar os trabalhos de Maurice Tardif e Clermont Gauthier, ambos da Universidade de Quebec, no Canadá. É a partir deste último, que utilizo as terminologias referentes aos repertórios de

conhecimentos dos professores. Tais discussões proporcionam um olhar para algumas questões que, penso, devam ser significadas, como, por exemplo, a questão da epistemologia da prática docente. O próprio Tardif (2002, p. 256), ao se referir aos saberes cotidianamente usados pelos professores afirma:

A finalidade de uma epistemologia da prática profissional é revelar esses saberes, compreendendo como são integrados concretamente nas tarefas dos profissionais e como estes os incorporam, produzem, utilizam, aplicam as suas atividades de trabalho. Ela também visa compreender a natureza desses saberes, assim como o papel que desempenha tanto no processo de trabalho docente quanto em relação à identidade profissional dos professores.

Muitos professores já perceberam que, nas discussões em relação aos seus processos de formação, é indispensável um conhecimento bastante aprofundado sobre a profissão. Conhecimento este adquirido pelo estudo de grandes mestres, grandes pensadores, ou como, costumeiramente são chamados de aprofundamentos teóricos. Identifico, nesse momento, os saberes “disciplinares, curriculares, das Ciências da Educação, e da Tradição Pedagógica”, para Gauthier (1998, p. 29), “e os saberes disciplinares, curriculares, da formação profissional” para Tardif (2002, p. 36), que, em termos empíricos, sei que ambos representam um mesmo saber. Entretanto, para preservar a identidade dos trabalhos dos autores, optei por utilizar as terminologias que os próprios autores trabalharam em suas obras.

Da importância de estudar grandes pensadores da educação, comecei a me dar conta de que, também, e não menos relevante, é o estudo com os profissionais da educação, profissionais que construíram muitos saberes e que, no passado, não eram aceitos ou reconhecidos como tal. Sendo assim, senti a necessidade de adentrar em um outro campo de conhecimento, qual seja, dos saberes experienciais.

Meu entendimento dos saberes da docência também busca conhecer e construir um referencial, diferenciado desses constructos dos professores. Pois sei que “[...] há poucos estudos ou obras consagradas aos saberes dos professores. Trata-se, de fato, de um campo de pesquisa novo e, por isso,

relativamente inexplorado, inclusive pelas próprias ciências da educação” (TARDIF, 2002, p. 32).

É exatamente da memória dessas pessoas que se pode retirar um manancial extremamente rico e variado de informações sobre inúmeros episódios que aconteceram no passado. Passado esse que antes não era de interesse daqueles que detinham o poder, mas que agora pode ser recuperado [...] (MONTAGNER, 1999, p. 44).

Na compreensão da natureza dos saberes docentes, faz-se necessário uma relação direta com os professores envolvidos na produção dos referidos saberes. Devo me aproximar do *locus* de trabalho desses profissionais e [con]viver com os mesmos, para compreender as práticas pedagógicas por eles desenvolvidas.

Tardif (2002, p. 31) enfatiza que, “um professor é, antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber a outros”. Cabe aos professores-pesquisadores descobrirem os saberes que realmente os professores sabem, transmitem e/ou utilizam. O referido autor define o saber docente como um saber plural, formado pela amálgama, mais ou menos coerente de saberes, oriundos da formação profissional e dos saberes disciplinares, curriculares e experienciais.

Sei da importância das confluências desses saberes, sei também da necessidade de uma coerência na aquisição/construção dos mesmos. Embora aqui, destaque os saberes profissionais, ou que alguns autores denominam “saber fazer” e “saber ser”, referindo-me às práticas escolares, ao falar/trabalhar no sentido dos saberes experienciais, pressuponho que os demais saberes sejam inerentes às práticas pedagógicas dos professores.

Percebo que a escola é um dos locais onde se concentra uma multiplicidade cultural. Embora essa multiplicidade exista, toda instituição apresenta sua especificidade e cabe aos educadores perceber e compreender a complexidade e a subjetividade dessas instituições.

A modificabilidade e/ou a [re]significação/construção dos saberes institucionais, perpassa por uma visão dessa complexidade do *locus* formativo/educativo das escolas. Uso as terminologias do “pensamento

complexo”, buscando ilustrar que não posso, jamais, pensar em uma única verdade, em um único conhecimento, um único saber, pois,

A complexidade aparece certamente onde o pensamento complexo simplificador falha, mas integra nela tudo o que põe ordem, clareza, distinção, proporcionando conhecimento. Enquanto o pensamento simplificador desintegra a complexidade do real, o pensamento complexo integra o mais possível os modos simplificadores de pensar, mas recusa as conseqüências mutiladoras, redutoras, unidimensionais e, finalmente, ilusórias de uma simplificação que se toma pelo reflexo do que há de real na realidade (MORIN. 1991, p.08-09).

Nas escritas e/ou relatos autobiográficos dos professores, encontrei materiais e informações que podem ser utilizados e (re)significados na auto-formação destes profissionais. Além disso, a reflexão do fazer diário e histórico dos professores, a partir das escritas e dos relatos autobiográficos, vem se revelando hoje, como uma das alternativas utilizadas pelos professores/pesquisadores que têm produzido resultados significativos. Os fazeres e as escolhas que estes profissionais desenvolvem nas suas trajetórias históricas influenciam e proporcionam diferenciadas formas de construção do profissional professor.

Bosi (1994, p. 55) assegura que “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas repensar com imagens e idéias de hoje as experiências do passado”. Pensar a História de Vida proporciona uma forma de reflexão sobre o ambiente escolar. Embora esta atividade possa, aparentemente, ter um viés um tanto simplificado aos olhares ingênuos, porém esta não o é.

A escrita autobiográfica e o repensar reflexivo autobiográfico, apresentam intrínsecos ao seu desenvolvimento um processo de formação e auto-formação. Conceituo, nesta investigação, a formação e a auto-formação numa perspectiva bastante próxima da apontada por Josso (2002), onde a formação é entendida como processo *continuum* que se dá ao longo da trajetória de vida pessoal e profissional. Toma-se a formação do professor como processo permanente, introduzindo-o numa condição de sujeito em constante aprendizagem, ou seja, um, “sujeito aprendente” (JOSSO, 2002), que vai realizando sua formação nos percursos por ele transcorridos. Nessa perspectiva, a intencionalidade da formação passa a ganhar novos

significados, formar e formar-se podem ser atividades concomitantes. É nesse sentido que Benini e Brancher (2005, p. 04) apontam:

É oportuno, aqui, expressar a brilhante idéia de Josso (2002, p.09) quando afirma “formar é sempre formar-se”, ou ainda na expressão de Oscar Wilde in Josso (2002, p.11), que destaca a questão de “não apenas fazer, mas ser; não apenas ser, mas tornar-se” formadores e aprendentes. Isso implica na certeza de que devemos ser professores reflexivos de nós mesmos, de nossas práticas, dos resultados expressivos que se originaram do nosso que/fazer educativo.

Aqui, consegui perceber consonância com as escritas de Boaventura Santos (2000), principalmente quando elucida ser o conhecimento necessariamente autoconhecimento, ou seja, pesquiso e sou pesquisado, investigo, sou investigado e nos auto-investigamos. Sujeitos e objetos da formação se metamorfoseiam, produzindo um amálgama simultâneo e convergente.

Complemento à perspectiva de formação é o olhar atribuído por Nóvoa (2002, p. 11), agora explicitando a “auto-formação” segundo ele, nesses momentos “o formador passa a formar-se através das reflexões sobre suas trajetória pessoais e/ou profissionais”, e vai mais afundo, afirmando que nesses processos auto-formativos, na relação com as coisas (eco-formação), na relação com os demais indivíduos (hetero-formação), os saberes e a formação continuam a se desenvolver.

Aprofundamento das discussões em torno do professor como sujeito em constante formação, buscando um aprofundado conhecimento de si, com vistas a auto-formação constante, foi o olhar atribuído por Benini e Brancher (2005, p. 05), artigo que pode ser olhado numa referência a tais elucidações. Os autores acreditam que

Conhecer os processos nos quais os docentes são formados leva-nos a uma revisão e a uma ressignificação das práticas, memórias e identidades docentes. É nessa perspectiva que enfatizamos o realce da História de Vida e da Memória Professoral ao construto da identidade docente.

Além disso, a escuta destes profissionais, permitindo-lhes que falem e/ou pensem em relação a suas Histórias, exerce em alguns indivíduos, uma espécie de sistema terapêutico, onde estes profissionais começam a se perceber e a visualizar suas dificuldades formativas através de outro “ângulo”.

Olhar os processos formativos é uma nova forma de perceber as lacunas, instauradas na formação universitária e em outros processos formativos, formação essa que, embora construída individual e diariamente pelos sujeitos, também pode ser trabalhada, intensificada e construída na escola e na coletividade, sendo necessário, para tanto, entender as instituições enquanto espaços coletivos de formação. Tenho, aqui, que ressaltar que, embora estes processos formativos acabem se realizando em locais múltiplos, sempre são vividos pelo professor e como ele significa estes momentos formativos, as informações perpassam pela subjetividade e pela formação pessoal e profissional do professor em questão.

Gauthier (1998) e Tardif (2000) deixam transparecer que tais registros podem ser muito úteis na construção de um repertório de saberes, relacionados ao fazer docente. Estabelecer, nesse sentido, um corpo de saberes dos professores, não significa que os professores devam apenas possuir um conjunto de saberes pedagógicos. Sua subjetividade é inerente ao fazer docente, do mesmo modo que sua história pessoal. Nóvoa (1995) observa que é impossível separar o eu pessoal do eu profissional. Desta forma, continuarei inquieto, com a preocupação de dar visibilidade aos saberes pessoais e profissionais de minhas professoras. Saberes esses que conhecerei através das narrativas docentes e com a sistematização das Histórias de Vida das mesmas.

O trabalho com Histórias de Vida, buscando o conhecimento dos saberes de um ou de vários professores pode trazer surpresas interessantes. Neste trabalho, com a construção da História de Vida de Helena Ferrari, acabei conhecendo e interagindo com questões que poucas pessoas foram conhecedoras. Apesar de Helena ser uma personagem politicamente bastante conhecida em Santa Maria, sua história pessoal e como professora não é muito conhecida pelos Santamarienses; nos próprios livros da história da cidade não encontrei referências a ela. Além disso, comprovei e conheci neste

trabalho uma outra Helena, a escritora e, com ardoroso trabalho consegui reconstruir, um pouco¹⁸, da história que passo a apresentar.

4.1 Helena Ferrari Teixeira: reconstruindo sua “História de Vida”...

Cerigüela
Maria Antonia de Oliveira

*A vida se retrata no tempo formando um vitral,
de desenho sempre incompleto, de cores variadas,
quando passa o sol. Pedradas ao acaso
acontecem de partir pedaços ficando buracos,
irreversíveis.*

*Os cacos se perdem por aí. Às vezes eu encontro cacos
de vida que foram meus,
que foram vivos. Examino-os atentamente tentando
lembrar de que
resto fazia parte. Já achei caco pequeno e
amarelinho que ressuscitou de
mentira um velho amigo. Achei outro pontudo e azul,
que trouxe em
nuvens um beijo antigo. Houve um caco vermelho que
muito me
fez chorar, sem que eu lembrasse de onde me
pertencera.*

¹⁸ Neste trabalho, os leitores perceberão que sempre que trato de História de Vida e até mesmo, muitas vezes, em se tratando de pesquisa, escrevo de forma a passar a impressão de que o trabalho ainda estivesse em construção. Tal forma de escrita foi proposital, visando demonstrar justamente que no trabalho com Histórias de Vida e com muitos trabalhos das áreas humanas não trabalhamos com dados fechados e conclusos, algo aproximado com o vitral do poema Cerigüela, aqui inserido, ou seja, em constante construção e lapidamento.



Figura 18 – Helena Ferrari e suas irmãs Ione e Iolanda

Num dos poucos escritos que encontrei referente à vida de minha colaboradora, a autora assim a descreve, “uma meiga senhora de 82 anos, moradora do abrigo Longe Vita, no bairro Cerrito, na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil” (Gallina, 2004, p.05). Apesar de os órgãos oficiais já terem divulgado seu ano e data de nascimento, preferi em meu trabalho não divulgá-lo, visto que este foi um pedido da própria Helena a sua sobrinha Alires. Sei que um dos motivos pelos quais Helena não gostava que dissessem a data de seu nascimento, diz respeito a uma crença de minha personagem, de que seus pensamentos poderiam ser analisados a partir de sua idade, e, dessa forma, alguns poderiam achá-los ultrapassados.

Toda vez que conversávamos e era mencionado seu nascimento ela desconversava, convidando-me a um chocolate, ou chamando-me a atenção com outro assunto. No Diário de Santa Maria, do dia 17 de dezembro de 2002, na coluna política, também li uma menção a minha colaboradora. Neste dia, D. Helena estava recebendo um título de Vereadora Emérita “Os Cabelos brancos, a pele marcada pelo tempo não escondem a valentia característica de Helena Ferrari. [...] As mulheres mal haviam conquistado o direito ao voto, e Helena já militava na causa trabalhista de Getúlio Vargas”.

Os familiares de D. Helena sistematizaram parte de sua História de Vida e me ajudaram no encontro de inúmeros materiais referentes a esta História.

Refiro-me aqui a fotografias, jornais, transcrições de discursos e até mesmo um fragmento da História de Vida, por eles escrita. Nestes materiais e em outros que “cavamos” com bastante esforço em inúmeros locais, a partir dos quais consegui (re)construir as falas/escritas que aqui seguem¹⁹.

Percebo, através destes escritos biográficos e dos depoimentos dos meus colaboradores que essa professora poeta teve uma vida bastante difícil. Filha de Ana Luiza Ferrari Teixeira e Mario Souza Teixeira, ambos moradores da Cidade de Santa Maria. Seu pai Mario a deixou órfã aos 14 anos e, neste tempo, ela juntamente com a mãe e as duas irmãs, tiveram que construir seu caminho sem a figura paterna para ampará-las.

Posso, com isso, imaginar as dificuldades enfrentadas por esse grupo familiar feminino com o falecimento de um dos sustentáculos da mesma. Perrot (1998, p. 112) demonstra a importância representada pelo homem na gerência familiar.

Na família do Código Napoleônico, célula básica da sociedade civil, a mulher não passa de um menor. Membro subordinado da família, ela não pode alcançar nem a individualidade nem a cidadania. A família é gerida e representada pelo pai, pilar da cidade.

Helena estudou em várias escolas. Inicialmente, no Colégio Santa Terezinha, Colégio Feminino da Viação Férrea e depois foi estudar no Colégio Sant’Ana, no qual permaneceu até a 5ª série. Nessa escola, formou-se juntamente com sua irmã, personagem bastante mencionada em seus relatos orais, e que só não cursaram o Ensino Superior, segundo D. Helena, porque Santa Maria não o possuía naquela época.

Deixo a própria Helena, num discurso intitulado: “Eu também devo acusar: um depoimento para o futuro”, fazer sua própria apresentação:

Nasci, criei-me e eduquei-me em Santa Maria. O meu passado está aí. Não é preciso ir-se muito longe para se saber quem sou e como tenho vivido na minha cidade natal. Procedo de família modesta quanto as suas condições econômicas, mas inatacável do ponto de vista moral. Este ambiente de família, onde se fez da honra e do trabalho a razão essencial da existência, teve seu prolongamento, na minha formação, nas classes escolares do colégio “Santa Teresinha” e no colégio “Sant’Ana” onde conclui o Curso de Ginásio. Empolgada,

¹⁹ Gostaria de agradecer aqui, aos familiares de D. Helena, principalmente seus sobrinhos a Ana, ao Beto e a Alires e as suas irmãs Ione e Iolanda.

desde menina, pelas lutas cívicas de minha pátria, não pude, já moça, deixar de participar de sua vida política e social. Assim, fiz-me trabalhista por ideal, sem nenhuma preocupação de obter pela política, posição de relevo ou destaque. Filha do povo, com o qual me tenho identificado nas suas lutas e reivindicações, procurei dar, na medida de minhas possibilidades, a minha contribuição de idealismo e trabalho pelo advento de um Brasil mais homogêneo do ponto de vista social, educacional e econômico.

D. Helena lecionou no Colégio Santa Catarina para, posteriormente, trabalhar na Secretaria do Colégio Sant'Ana, e também na docência nesse mesmo local. Helena Ferrari gostava muito de escrever, talento que, segundo sua construção autobiográfica, foi utilizado como forma de extravasar suas emoções, que no sub-capítulo 4.2 pode ser percebido, no qual falo de sua habilidade poética e da beleza de seus escritos.

Embora a poesia fosse um dos fortes de Helena Ferrari, outras formas de escrita não deixavam nada a desejar, soube que escreveu contos, crônicas e poesia para “[...] em época de guerra, arrecadar fundos para enviar aos “Pracinhas Brasileiros”. A lindeza de sua escrita, além de sua preocupação para com o povo, sua tristeza e decepção com as mortes dos inocentes brasileiros, enviados à luta da Segunda Guerra Mundial podem ser percebidas na sua Crônica de Natal. Nela, a autora usa do Natal de 1945 para sensibilizar seus leitores.

Natal²⁰

Noite dos grandes e dos pequenos, dos ricos e dos humildes, dos velhos e das crianças! Noite das festas e das surpresas, dos sinos e dos pinheiros! Noite da prece! Noite da Redenção, quando na humilde manjedoura repousa a rir o pequenino Rei, abrindo os braços para a Humanidade! Noite dos anjos que anunciaram aos pastores de Belém a vinda do Messias prometido, num cântico de paz e de vitória! Nata! Noite dos pequeninos, de olhinhos inquietos e curiosos, que adormecem sorridentes e felizes, sonhando com o velho bom e carinhoso, que vêm de longes terras e que, descendo pela chaminé, colocará em seus minúsculos sapatos as maravilhas que traz em suas mãos.

Os sapatinhos lá foram colocados desde cedo por mãozinhas ansiosas. O Papai Noel virá [...] eles têm confiança. E na varanda do velho lar, eleva-se o pinheiro, lançando aqui e ali cintilações estranhas. Um mistério qualquer se nota em todos os semblantes. Uma alegria ruidosa invade a casa e um sorriso feliz brinca em todos os lábios. De repente, os sinos festivos anunciam a chegada do Messias, convidando os homens para a prece. É a tradicional e histórica Missa do Galo, já conhecida pelos nossos avós. Um sentimento qualquer invade os corações que se inclinam reverentes e aos lábios sobem as consoladoras palavras que redimem. Em todos os peitos nasce um sentimento bom, repleto de ternura e de bonança. Todos se sentem seguros nesta hora, sob os repiques sonoros e tocantes do Natal. Mesmo aqueles que não crêem se sentem envolvidos pelo doce mistério que desce sobre a

²⁰ Fonte: Revista Lanterna Verde, ano 1, n. 5. 6/9/1946. p. 25.

terra e, até mesmo os espíritos mais rústicos, jamais podem fugir à esta mágica influência e se sentem abrandar vendo cair-lhes n'alma uma centelha de luz.

Natal de 45! Depois de seis Natais de luto e sangue, Natais de pranto e de extermínio, surges aos nossos olhos como uma coisa fantástica e irreal. Tens para, nós uma linguagem diferente e nos falas de um mundo novo. De um mundo que surge aos nossos olhos enuviados como uma promessa. Como o preço de tantas vidas que jazem no fundo dos mares e no âmago da terra, pelo triunfo do Bem e da Justiça! Como as preces de muitas mães, que acalentaram em seus largos braços àqueles que, mais tarde, deviam entregar à fúria dos canhões. Como as lágrimas de tantas esposas, que viram os seus entes queridos violados e trucidados. Como os sofrimentos de tantos inocentes, sacrificados por mãos impiedosas. Como os suspiros de tantos lares que, durante estes anos de dores, não sentiram a consoladora magia dêste instante. Como o horror de tantos ouvidos que, por longo tempo, não escutaram os repiques festivos de tua festa, sob o ribombo dos canhões e o fogo das metralhas. Como um outro Natal diferente, mais tocante, mais expressivo. Como um Natal que falará mais perto ao coração de todos.

Natal de 45! Tu nos trazes à lembrança os nossos bravos que adormeceram em Pistóia, após tantas lutas e sacrifícios. Tu nos dizes que eles também têm o seu Natal, porque estão conosco nesta hora, em nosso pensamento, em nossa estima e em nossa imorredoura gratidão. São eles, são esses heróis silenciosos do mundo todo, que nos falam nesta noite. É para eles que voa o nosso pensamento e é por eles que se eleva a nossa prece. Prece mais pura, mais sincera, mais espontânea! Que os lares enlutados se consolem na triste e confortadora certeza de que outros possam ter uma alegria. Na certeza, de que a, Humanidade jamais há, de esquecer esses heróicos homens que deram o seu sangue para redimi-la e, para que no horizonte em chamas, raiasse a aurora de um novo dia. De um dia, que enxugasse as lágrimas e sanasse todas as feridas, apagasse as tristezas, extinguisse o fogo da metralhas e fizesse calar todos os canhões.

Natal de 45! Bendito sejas porque nos trouxeste o melhor e mais caro presente que almejamos — a Paz! O sussurro de todos os lábios e os anseios de todos os corações. Esta palavra pequenina e grandiosa que custou o sangue de tantos bravos e que foi o mais suspirado ideal de todos os povos. . . Bendito sejas mil vezes, Natal de 45! Natal, em que os nossos pequeninos do mundo todo têm, outra vez a sua festa e os nossos lares, a sua árvore simbólica.

Bendito sejas, Natal de 45! Ano, em que os povos se dão as mãos amigas para iniciarem uma vida nova. Vida sem sangue, sem lágrimas, sem luto. Em que os sinos repicam, outra vez, festivos e os nossos corações se inclinam reverentes, num largo gesto de gratidão. Ano, em que o riso volta aos lábios das crianças e a Paz reina em todos os recantos. Ano, em que todos têm o seu Natal, o Natal da amizade, da Redenção e da Vitória! Em que os homens se reúnem confiantes na esperança de uma Paz duradoura! De uma Paz que custou o sangue de seus irmãos e que não deve ser maculada. De uma Paz que perdure, sincera e altaneira, em cada povo e em cada coração. Em que da cinza e dos escombros brotam novas flores, nova seiva, nova vida e novas esperanças. Em que as searas outra vez ressurgem, os homens voltam novamente à lida e o mundo marcha para o progresso. Ano que perdurará por todos os séculos e há de passar na História do Universo como o mensageiro da Paz e da Vitória!

Em que os anjos, nesta noite tão solene, cantam outra vez como cantaram aos pastores de Belém: "Glória a Deus nas alturas e Paz na terra aos homens de boa vontade!".

HELENA FERRARI TEIXEIRA

Santa Maria, 25-12-45.

Essa brilhante escrita de Helena Ferrari, publicada no ano de 1945, foi encontrada numa revista da época denominada de "Lanterna Verde". Tal

revista só foi encontrada no Museu Edmundo Cardoso, lindamente organizado pela sua esposa, que prontamente colaborou com meu trabalho.

4.2 Helena Vereadora: significações identitárias



Figura 19 - Panfleto político da campanha de Helena Ferrari



Figura 20 – Ficha de Filiação de Helena Ferrari, no PTB

Nos relatos autobiográficos, a professora revelou-me que foi uma das fundadoras do Partido Trabalhista Brasileiro. No ano de 1952, elegeu-se vereadora em Santa Maria, sua cidade natal, pelo referido partido, sendo que

este fato se repetiu, em 1956 e 1960, conseguindo expressiva quantidade de votos. Nos anexos do trabalho pode ser conferida a ilustração da campanha.

No dia 4 de maio de 2004, foi inaugurada, em Santa Maria, a Galeria das Mulheres do Legislativo Santa-mariense. Essa galeria representa e representou certo reconhecimento às mulheres que construíram e estão construindo, de forma tão singular a história brasileira. Neste dia, nos discursos dos vereadores contemporâneos, posso perceber um pouco do que representou a figura de Helena Ferrari para este Legislativo:

*Em primeiro lugar eu gostaria de desejar uma boa tarde e um bom início de noite a vocês que vieram aqui prestigiar, agradecer a presença de vocês, agradecer e cumprimentar os parentes da nossa Pioneira Helena Ferrari, que para nós é um orgulho, sempre que temos a oportunidade de falar e de fazer uma homenagem especial a essa mulher tão pequenininha no seu porte físico, mas de uma capacidade inigualável, nos emocionamos sempre, hoje já não podemos contar mais com ela aqui conosco de uma forma física, mas tivemos a oportunidade enquanto vereadores, de poder nesse mandato de prestar uma homenagem a essa mulher que deu início, como bem disse a vereadora Misiara, há 52 anos atrás, a essa caminhada das mulheres no legislativo do Brasil. E pelo que se tem ou que não se tem escrito, a Helena Ferrari foi **a primeira mulher eleita no Brasil**. Embora, no arquivo do Senado cite uma outra vereadora, eleita em 1954 como a primeira vereadora, então nós temos a certeza de que Helena foi a primeira vereadora eleita no Brasil (MAGALI MARQUES DA ROCHA ADRIANO no Discurso de inauguração da galeria) grifo meu.*

A fala da vereadora Magali vem ajudar-me a esclarecer e a tentar dar visibilidade aos trabalhos desenvolvidos por minha personagem principal. Sei que ainda não conseguiram dar o reconhecimento histórico da vereança de Helena Ferrari, no Congresso Nacional. O Vereador Paulo Airton Denardin, no momento presidente da Câmara de Vereadores de Santa Maria, também na inauguração da Galeria das Mulheres parlamentares, coloca que:

*[...] a mulher tem um significado muito grande e as mulheres parlamentares ainda mais, tem as dificuldades todas que tem e tem os lares para cuidar, tem os seus trabalhos e tem o parlamento. Então as mulheres que fazem isso, as mulheres que, como Helena Ferrari, **a primeira vereadora do Brasil**, sem dúvida nenhuma elas vem mostrar para a sociedade a importância das mulheres [...]. grifo meu.*

D. Helena afirma, com bastante orgulho, que foi a primeira Vereadora Mulher de Santa Maria e do Brasil, tornando-se uma pessoa conhecida no Brasil e até no exterior, mais especificamente, em Cuba, por intermédio do Deputado Fernando Ferrari, que divulgava seus trabalhos e projetos de Santa Maria e região. Gostava muito de discursar em uma tribuna popular, localizada no Alto da Famosa Bomba de Gasolina, na esquina onde hoje se encontra a Caixa Econômica Federal. Na época, provavelmente, encontraria este local facilmente, pela organização da cidade e pelo contexto sócio-político-cultural em que se vivia. Helena fala-me, lamentando que Getúlio Vargas, embora desejasse, não conseguiu discursar sobre a Bomba, pois esta foi derrubada para a construção do prédio da referida Caixa Econômica.

Helena Ferrari, uma mulher de fibra, garra e coragem, que dedicou sua vida à educação e à política. Uma personagem²¹ forte da História de Santa Maria que liderou inúmeros eventos e passeatas, atraindo multidões, enfim, uma mulher com uma poderosa História de Vida para ser contada, ouvida, interpretada, analisada e estudada.



Figura 21 - Panfleto Político da campanha de Helena Ferrari.

Na escrita do folheto os seguintes dizeres: “Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será vossa bandeira de luta”.

²¹ Quando utilizo a palavra personagem ao longo deste trabalho, em hipótese alguma tento focar que minha colaboradora esteja assumindo outros papéis, utilizo-a apenas como variação das palavras indicativas a Helena Ferrari.

Para **vereador** vote em Helena Ferrari Teixeira (grifo meu)
 A defensora dos pobres
 A candidata do povo
 A voz em defesa dos trabalhadores
 A batalhadora incansável na luta por melhores dias
 A corajosa defensora dos direitos do povo

Tenho que chamar a atenção para ambos os panfletos das campanhas eleitorais de Helena Ferrari, pois por um longo período de tempo Helena Ferrari teve que esperar o Legislativo adequar a formas de tratamento lingüístico para com a mesma. Gallina (2004) faz uma breve menção sobre este fato, entretanto aprofunda uma série de discussões referentes à Helena no Legislativo. Seus familiares afirmam que, no primeiro mandato, Helena foi chamada de **O vereadora**, no segundo mandato **A vereador** e que somente na terceira candidatura Helena pode afirmar-se **A vereadora**.

Minha colaboradora teve uma vida de exclusiva dedicação à escola, à família, à política e ao povo. No discurso anteriormente citado, a própria Helena ressalta:

A minha vida foi uma renúncia. Renúncia de mim mesma, no que tange aos meus interesses. Renúncia de mim mesma, (no que diz respeito a minha condição de moça). Deixei-me absorver pelo trabalho. E a causa pública passou a ser a minha própria causa. Ninguém poderá negar isto. Daí o número de discursos que pronunciei. De requerimentos que encaminhei à câmara. De pareceres que dei. De projetos que elaborei. Talvez não seja ainda o mais operoso dos vereadores, mas posso afirmar que sou dos mais operosos. A minha casa é o caminho daqueles que querem ver seus assuntos tratados com dedicação e carinho. A minha casa e a Câmara, e até a rua – por que não dizer? Porque nunca me nego a atender a quem me procura. E os que me procuram são os pobres os desajustados, essa massa inumerável de brasileiros sem instrução e sem saúde, sem emprego e sem ajuda de ninguém.

Discutir, portanto, a História de Vida de uma personagem tão singular que rompe com o imaginário instituído de uma época, qual seja o de dominação masculina e submissão feminina, faz necessário estudos, contextualizando o período histórico por ela vivido e discussões referentes ao mesmo. Na atualidade, a participação feminina nos mais variados âmbitos vem aumentando. Não podia ser diferente na esfera política. Embora nem sempre discutir e ascender neste campo sejam tão simples. Gallina (2004, p.11), comentando as reflexões do site “O voto Feminino” (2003) enfatiza que,

[...] cedendo às pressões do movimento sufragista brasileiro, aprova, por decreto presidencial em 1932 o direito feminino ao voto, que foi confirmado pela Constituição de 1934. Vale ressaltar que a “obrigatoriedade plena do voto para todas as mulheres só foi constituída com a Constituição de 1946, sendo que até então o voto era obrigatório somente para as mulheres que exerciam funções remuneradas em cargos públicos [...].

Helena Ferrari Teixeira também teve que percorrer tais ditames sociais e/ou institucionais políticos, contudo desafiava as estruturas de poder vigentes na sua época, sejam elas sociais ou políticas. Desconsiderava indicações a locais e afazeres pré-destinados aos homens e mulheres. Num texto, que me foi enviado primeiramente por e-mail, e posteriormente, publicado no Jornal A Razão, por Alires Porto Alegre dos Santos, sobrinha de Helena Ferrari, a autora comenta:

Em Santa Maria, tal como ocorrem mudanças climáticas marcantes, também havia costumes de verão e de inverno. Nas noites quentes as senhoras da alta sociedade, acompanhadas de suas famílias, reuniam-se na Praça Saldanha Marinho e após, com muita elegância, dirigiam-se ao Bar Tropical para saborear salada de frutas com sorvete; já nas tardes de inverno, reuniam-se para chás em uma ou outra residência para, enquanto tricotavam ao pé da lareira, trocar receitas e ouvir os últimos sucessos do Carlos Gardel. Inversamente a esses costumes Helena participava de discussões no Café Cristal – reduto exclusivamente masculino – (as senhoras quando desacompanhadas passavam pela calçada do outro lado da rua!) onde se debatiam questões de interesse político e social, [...] (JORNAL A RAZÃO, 08 de março de 2005).

Percebo a importância que o Café Cristal representava para Santa Maria, nas falas de inúmeras pessoas que viveram naquela época. Nas entrevistas de Gallina (2004), seus colaboradores também mencionam o que era o Café Cristal. Ana Lucia, sobrinha de Helena Ferrari, também comenta em uma de nossas conversas que a orientação dada às meninas era que, se obrigadas a passar em frente ao bar, atravessassem a rua e que nunca olhassem para dentro.

Ludwig Larré (2004), num livro de belíssimas crônicas, na sua maioria de autores de Santa Maria, escreve uma crônica muito interessante, intitulada “Tempos de Cristal”. Nela, o autor deixa transparecer que muitas das decisões

políticas da época e construções das quais resultou a Santa Maria que conheço hoje foram tomadas nesse local.

Talvez os novos freqüentadores do Calçadão jamais tenham ouvido falar do Café Cristal, mas aquele espaço foi um marco na vida de gerações de santa-marienses. Nos primeiros anos da década de oitenta, a fauna do Cristal reunia estudantes, operários, ébrios anônimos e ilustres, além de expoentes da cultura local. Não raro, nossas conversas adolescentes eram interrompidas para ouvir o Prado Veppo²² recitar um poema criado ali no balcão, ou o Edmundo Cardoso²³ ilustra a rapaziada sobre a história da cidade. E havia a caipirinha amarela, de limão crioulo, servido em copo longo, e o ponto de observação privilegiado para acompanhar o ir e vir das belezas. Sonhava-se, na mesma intensidade, um mundo melhor e fantasias de amor com as musas da adolescência. Eram tempos de cristal (LARRÉ 2004, p. 69).

Referindo-se, agora à vida e à família, Alires destaca,

A começar, uma casa só de mulheres já suscitava dúvidas. Acrescente-se, a isso, o fato de uma delas ser fundadora do, então, Partido Trabalhista Brasileiro, passar a freqüentar rodas de discussões políticas, participar do movimento Queremista (Queremos Getúlio), e ainda poetar. Era muita ousadia para os padrões da época, no interior do Rio Grande do Sul. [...] de forma marcante, tocou a todos: a maioria reprovava as atitudes liberais daquela moça bonita, inteligente e de oratória brilhante; outros poucos, ou melhor, outras poucas mulheres vibravam com sua ousadia e suas destemidas atitudes, porém calavam-se diante das circunstâncias impostas pelos costumes vigentes. Sim, pois essa cidade de padrões altamente rígidos com relação à moral e aos costumes, nunca tinha visto uma mulher sobressair-se. E Helena Ferrari (seu nome "de guerra") era política, seguidora e amiga de Getúlio Vargas, líder feminista (antes mesmo de se ter forjado o termo com a atual conotação) e poetisa de alta sensibilidade (JORNAL A RAZÃO, 08 de março de 2005).

²² Luiz Guilherme do Prado Veppo, ou simplesmente Prado Veppo, como era chamado, nasceu em Porto Alegre, no dia 21 de julho de 1932, teve uma história marcada por várias perdas familiares na sua infância. Com menos de dois anos perdeu a mãe vítima de tuberculose, com cinco anos perdeu o avô e com 14 o pai. Médico, escritor, poeta compositor musical, professor do curso de Medicina da Universidade Federal de Santa Maria, colunista de jornais de Santa Maria,... estas foram apenas algumas das ocupações e feitos desse importante personagem que marcou, de inúmeras formas a História da Cidade de Santa Maria, deixando uma vasta coletânea de livros, demonstrando a beleza e a sutileza de um homem que adentro vários campos do saber, do conhecimento e da cultura. Faleceu no dia 13 de agosto de 1999, vítima de uma complicação cardíaca.

²³ Senti a necessidade de mencionar que o Professor, colunista de jornais, teatrólogo, escritor e memorialista, Edmundo Cardoso, também foi uma das pessoas que muito se dedicou na construção e no "resgate" da história da cidade de Santa Maria.



Figura 22 – Helena Ferrari e família



Figura 23 – Helena discursando

Chamo a atenção, que ao lado de Helena esta sua mãe, Ana Luiza Ferrari Teixeira, ou vó Nena, como carinhosamente era chamada. Uma figura que marcou imensamente a vida de Helena. Pelo que soube a vó Nena sempre foi uma pessoa muito participante na vida política de sua filha, embora, geralmente, não se manifestasse, exceto quando passassem dos limites nos maus tratos com sua filha. Nos feitos políticos de Helena, sempre foi uma “fiel

escudeira” da vereadora, senão apoiando, porque a família explicitava seu desgosto com a filha política, prestando seu zeloso acompanhamento materno.

O texto, por si só, é uma fonte permeada de ilustrações referentes ao imaginário vivido pela professora Helena. Os meandros por ela percorridos, e as dificuldades enfrentadas por uma mulher na luta por sua ideologia política, pessoal e social, sem esquecer sua sensibilidade, e sua subjetividade feminina. Quem ousaria andar na rua de braços dados com dois homens? Quem ousaria andar de braços dados com um negro, numa época onde a discriminação racial era muito maior que a percebida na atualidade? Sua irmã Ione, olhando para essa fotografia exclama: “nossa mãe nos ensinou que o único preconceito que deveríamos ter era com indivíduos que não fossem verdadeiros, dignos e justos”.



Figura 24 – Helena e dois amigos

A trajetória pessoal de Helena Ferrari parece-me perpassada por princípios ideológicos²⁴ bastante firmes, bastante delineados e concretos. Uma

²⁴ Quando uso a palavra ideologia ao longo do trabalho, compartilho como as idéias apontadas por Marilena Chauí, na obra **O que é ideologia?** No texto, a autora explicita que para termos uma ideologia, propriamente dita, necessitamos não apenas da defesa de uma idéia – ideário – e sim um conhecimento histórico contextualizado dos fatos.

pessoa que assumia uma postura política única. Como se pode perceber na fala.

Sabe, ela era muito, muito legal, e era uma pessoa, que ela, o jeito de ser dela, coisa mais interessante, era uma coisa que me chamou atenção, uma época, porque eu sempre continuei morando em Santa Maria, o que ela era naquela época como pessoa ela continuou a vida toda, até na maneira de ser, na maneira de, de andar, de se trajar ela era, a pessoa, ela foi parece que até o tempo passou por ela assim e deixou ela sempre da mesma maneira sabe, é a lembrança que eu tenho dela. (D. Neusa).

Coragem e audácia parecem-me algumas das características visivelmente marcantes de Helena. Comumente, ouço comentários sobre suas discussões acirradas na Câmara de Vereadores. Gallina (2004) apresenta alguns relatos bastante significativos em relação a essas acaloradas proposições. A própria Helena afirma que não deixava provocações em branco e não gostava de levar desaforos para casa. Em jornal da época encontrei algumas pistas dessas ocasiões.



Figura 25 – Reportagem retirada do Jornal A Razão, de 5 de dezembro de 1957

A nota que aparece na reportagem tem os seguintes dizeres: “OS AGRESSORES – à esquerda a vereadora Helena Ferrari, que semanas atrás

agrediu o vereador Raphael da Silva com um copo de água e que por esse motivo está sendo professada pelo vereador do PSD”.

Na mesma reportagem, que anteriormente referendi, Alires Porto Alegre, também comenta sobre as posturas firmes da tia na busca de um ideal. Mesmo que, para isso, fossem necessárias discussões, brigas e às vezes até um estranhamento com a família.

Essa grande mulher era movida por ideais nobres, por isso não se deixava intimidar pela perplexidade que causava nem pela constante censura da família. Sua postura política e sua visão social estiveram sempre acima das convenções vigentes. Com uma postura tão diversa dos padrões da sua época ela não se casou, mas convive com carinho e entusiasmo com seus quatro sobrinhos (JORNAL A RAZÃO, 08 de março de 2005).

4.3 E da poetiza, o que podemos saber?

*As grandes comunhões não acontecem em meio aos
risos da festa.
Elas acontecem paradoxalmente na ausência do
outro.
Quem ama sabe disso.
É precisamente na ausência que a proximidade é
maior.*

Rubem Alves

*Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.*

Carlos Drummond de Andrade

Pouco, realmente, consegui conhecer sobre a Helena Poeta, sobre a Helena escritora. Seus textos centram-se principalmente num olhar político, atas, memorandos, ofícios, petições, projetos.

Dentre alguns dos materiais que gostaria de apresentar, encontra-se esse poema. O papel no qual o encontramos estava bastante deteriorado pelo tempo, bastante rabiscado e possivelmente o manuscrito inicial. Só conseguimos trazer essa escrita ao trabalho, graças à impecável organização lógica que Helena atribuía a seus escritos. Na sua grande maioria, enumerada, com várias cópias, acrescidas de correções que a própria professora realizava. Talvez, este seja um dos motivos pelos quais os textos que acabei conhecendo, da professora, serem tão impecáveis e bem escritos.

Aproximam-se as férias...

Helena Ferrari Teixeira

Estamos a poucos dias das férias.

Primeiro o arrocho dos exames e, depois um belo período de descanso.

Como me sinto feliz quando chega este tempo!

Sim, porque, após a luta de um ano em busca de aperfeiçoamento e de novos conhecimentos, posso recuperar as energias perdidas pelo esforço dispendido.

Nas férias, costumo viajar com meus pais e irmãs.

Nessa época, vamos, geralmente, para alguma praia, onde nos divertimos bastante.

Gosto imensamente de contemplar o mar.

Que majestoso espetáculo. Que obra grandiosa da criação. Nela sentimos a presença de Deus e, reverente, erguemos os olhos para o alto.

Na praia tudo é belo e nos alegra o espírito.

O azul profundo do mar, o barulho chicoteante das ondas, a beleza pura do céu, tudo é festa para os nossos olhos e música para nossos ouvidos.

Também gosto muito de jogar bola na praia de juntar conchinhas.

E como fazem bem os banhos de mar

É, por esta razão que, ao retornarmos dessas belas férias, sentimo-nos bem dispostos e revigorados para novas lutas.

É interessante reparar, na escrita, a sensibilidade que a autora transparece para as pequenas questões cotidianas e rotineiras dos mais variados ambientes, passados por ela ou não. Soube que, muitas vezes, Helena escrevia para se libertar das tensões e tenho alguns indícios apontando que Helena nunca foi às praias, principalmente com seu pai, falecido quando ainda tinha quatorze anos. Sua sobrinha, Ana Lucia, afirmou que a tia desejava muito ir às praias, mas que nunca teve oportunidade. Sendo assim, acredito que, novamente, a autora se colocou num momento desejoso de renovação e de descanso e, através de seus processos imaginativos, viaja às praias.

Suas próprias alunas também afirmam que desconheciam as escritas da professora. Soube, inclusive, que ela escreveu e publicou poemas em revistas locais, cujos fundos foram enviados aos pracinhas brasileiros, quando o Brasil estava em guerra com o Paraguai. Alíres, escrevendo sobre a História de Vida da tia, explicita que “Helena foi integrante do Grêmio Literário Castro Alves onde apresentou inúmeros trabalhos em prosa e verso”. Infelizmente, dos trabalhos escritos e publicados, somente encontrei quatro, um primeiro que foi encontrado na caixa dos seus guardados, intitulado “As Férias”, texto esse que digitei e se encontra em sub-capítulo anterior. Um segundo texto que pode ser classificado como uma crônica e estas duas poesias que apresento a partir daqui:

Meu Canto

Helena Ferrari Teixeira

Eu amo a glória de cantar em verso
o imenso sonho que me embala a vida,
poder soltar aos ventos do Universo
a minha rima suave e colorida,
Poder sonhar às vezes acordada...
no próprio sonho viver encantada,..

Buscar às vezes num céu tão risonho,
colher as flores de um perfume raro,
abrir meu peito à fantasia e ao sonho
que em nossa vida sempre custa caro.
Olhar o mundo com olhar sereno,
sorrir à vida com' sorriso ameno.

Abrir minh'alma em flores de esperança,

amar a glória e ter vontade infinda
de crescer, de subir e ter confiança
na própria vida que as vezes nos brinda...
E crer em tudo e viver perpetuada
na noite escura ou plena madrugada.

Mas quando a dor me vem bater á porta,
ferir minh'alma com aguda espada,
eu inda canto e o cantar que importa
que seja a vida bela ou desgraçada?...
Eu inda canto e inda sei sonhar,
e no meu sonho posso recordar..,

Que vale a vida?... As vezes quasi nada...
uma saudade, riso, uma esperança,
um rosto alegre, a vida amargurada,
a dor que fere e a glória que se alcança...
Mas mesmo assim eu inda sei sonhar
e no meu sonho posso recordar...

Um momento de felicidade

Helena Ferrari Teixeira

Numa manhã esplendorosa e linda,
Em que havia no ar tanta beleza,
Abri a larga porta de minh'alma
Para saudar a bela natureza.
O dia era tão calmo e luminoso,
As árvores de flores se enfeitavam
E as brancas nuvens lá no céu risonho
Figuras. encantadas desenhavam.
Tudo era belo e grande neste dia
Na própria natureza que vibrava,
Que minh'alma sentiu-se comover
Naquele quadro que também formava.
Abri os olhos, procurando a luz,
Dei alguns passos e estendi a mão,
Um doce encanto me invadiu o peito
E me bateu mais forte o coração.
Tudo era festa e a natureza toda
Era um florir risonho de esperança
Brincava em cada canto um sonho lindo
Dos sonhos encantados de criança...
E assim, tomando parte neste quadro
Achar a luz por um momento eu quis
E, buscando esquecer a própria vida,
Por um momento pude ser feliz.

A respeito da escritora e poeta Helena Ferrari, sei que, segundo seus familiares, sempre que estava triste e/ou com alguma perturbação na Câmara de Vereadores e/ou em sua vida pessoal, sentava-se, pegava qualquer papel

que apresentasse um local que pudesse escrever e, simplesmente, as palavras ganhavam vida. Ou seja, a escrita, muitas vezes, foi uma forma de Helena Ferrari dar vazão a sua subjetividade, a sua individualidade, à incompreensão da sociedade da época.

Na escrita, anteriormente citada, pude perceber certa inquietude e/ou talvez certo inconformismo com a sociedade vigente. Talvez pudesse dizer que me passa certa infelicidade momentânea, mas com uma esperança de um porvir melhor. Por exemplo, neste fragmento do poema “Meu Canto”.

Mas quando a dôr me vem bater á porta,
ferir minh'alma com aguda espada,
eu inda canto e o cantar que importa
que seja a vida bela ou desgraçada?...
Eu inda canto e inda sei sonhar,
e no meu sonho posso recordar..,
Que vale a vida?... As vezes quasi nada...
uma saudade, riso, uma esperança,
um rosto alegre, a vida amargurada,
a dôr que fere e a glória que se alcança...
Mas mesmo assim eu inda sei sonhar
e no meu sonho posso recordar...

D. Nanci, foi uma das alunas de Helena Ferrari e me conta que morava na mesma rua que Helena, na Tuiuti. Ainda me remete que Helena não foi uma pessoa muito bem compreendida em sua época. Naquele contexto, a mulher mal podia estudar quanto mais ir para a política, um campo masculino e até machista, porque não dizer. Talvez, alguns de seus poemas tenham sido escritos em um dos momentos de discriminação e/ou sofrimento. D. Nanci afirma que a personagem passou inúmeras dificuldades e até discriminações, na luta pela inserção das mulheres no Legislativo.

Olha eu sei que ela foi a primeira vereadora, que ela lutou muito pela causa da mulher e quando a Helena foi vereadora eu era bem nova e não ligava para essas coisas. Eu sei de ouvido, eu sei que ela foi muito criticada na época, os maliciosos, tu sabe como é, mas ela foi por um ideal, não foi por outra coisa eu acho que ela conviveu ali, no meio dos vereadores com bastante dignidade, e tu sabe como é a mulher se tu situar naquela época, que a mulher não fazia parte de nada disso, ai a mulher entra num ambiente só de homem e ela teve essa coragem. Eu acho que ela foi a primeira do Brasil. É 52 né? E ela discursava bastante discursava muito (D. Nanci).

Tenho que ressaltar que ambos os poemas e a Crônica cujo título é: “Natal”, só puderam ser disponibilizados, neste trabalho, graças ao louvável trabalho desenvolvido pelo professor Edmundo Cardoso²⁵. Até onde sei, uma personalidade da cidade de Santa Maria, líder de inúmeros movimentos artísticos entre os anos de 1930 e 1960, e que colecionava inúmeras publicações referentes à cidade de Santa Maria. O professor Edmundo, juntamente com D. Helena e outras personalidades locais, foram os fundadores do antigo e famoso “Grêmio Literário Castro Alves”, cuja datação de inauguração é da década de 30 (RECHIA, 1999).

Felizmente, uma das aquisições do professor Edmundo foi a Revista Lanterna Verde. Tal revista apresenta a primeira edição com datação de janeiro de 1946. Na época, a revista tinha sua redação, localizada na rua Tuiuti 2095, na cidade de Santa Maria. A revista que foi publicada mensalmente, tinha na Gerência A. Garcia e José Salamoni, e na Redação, Robinson Flores. Seus autores, nessa mesma edição de 1946, contextualizam a existência da revista que, segundo eles, foi resultado de conversas informais entre um grupo de amigos e empreendedores santa-marienses, e me ajudam inclusive na compreensão do próprio nome da revista.

Apresentação

Lanterna Verde surge, hoje, à luz da publicidade, preenchendo uma velha lacuna na imprensa santa-mariense. Temos assim a pretensão de satisfazer a necessidade do nosso público leitor, que, de há muito, reclamava um magazine, uma espécie de lenitivo suave, insinuante, contra as habituais horas de tédio, que mais longo tornaram os instantes de lazer. [...] já a esta altura é preciso que se diga algo sobre a denominação de LANTERNA VERDE. É uma homenagem comovida que prestamos à memória do saudoso poeta contemporâneo Felipe Daudt de Oliveira, cujo livro de estréia que lhe valeu a consagração de sua lira inspirada também trazia na capa estas duas palavras singelas: “Lanterna Verde”. São estas as nossas credenciais. A não ser o desejo de contribuir para erguer o nível cultural do nosso povo, oferecendo-lhe, ao mesmo tempo, um motivo de entretenimento, nenhuma outra ambição nos move. A Direção. (REVISTA LANTERNA VERDE, 1946, p. 01).

²⁵ Destaco que a Revista Lanterna Verde, em Santa Maria, somente encontrei no Acervo Edmundo Cardoso. O Acervo vem sendo dirigido e organizado por D. Therezinha de Jesus Santos, que deu continuidade aos trabalhos de seu marido Edmundo Cardoso. D. Therezinha vem buscando, até onde sei, uma constante sistematização, organização e divulgação da História do município de Santa Maria. Fica aqui meu agradecimento especial.

Posso perceber, assim, que esse periódico, na época, representava um local onde a Helena Ferrari, juntamente com outras personalidades, escreveram a história deste povo e desta cidade encantadora. Observando o conteúdo da revista, nota-se que a mesma, divulgava sem distinções as falas dos escritores santa-marienses, fossem eles já consagrados e/ou em ascensão.

Embora olhasse, muitas vezes os textos escritos para fins políticos, como seus discursos, neles pude perceber a beleza, a profundidade, a escrita impecável que a Helena possuía. A maestria com as palavras pode ser percebida no seu empolgante discurso, proferido no momento na entrega do título de Cidadão Santa-Mariense ao Reverendíssimo Padre Gabriel Bolzan. Neste texto, que acrescentei na integra aos anexos do trabalho e que, possivelmente, exceto os participantes do ato público de entrega do título, tão poucos conheçam, posso perceber o profundo conhecimento que a Helena Ferrari possuía dos cidadãos santa-marienses, e o quão era conhecedora da História desse Município, como é possível perceber nesse fragmento do seu discurso.

Assim, compreendo e assim sentindo, tem o Reverendíssimo Padre Gabriel procurado viver, levando a todos a sua palavra que conforta e a sua ação sempre pronta e decidida que a tudo anima e a tudo vivifica. Sacerdote dos mais populares e estimados na nossa Terra, muito tem ele feito pelo nosso Município e muito especialmente pelos nossos Bairros, granjeando o respeito, a admiração e o reconhecimento de todos nós. Sorriso sempre aberto e lealdade à toda prova, a cabeça incandescia pelo trabalho, mas de vigor e entusiasmo sempre renovado, é o Reverendíssimo Padre Gabriel figura simpática e amiga que cativou de assalto a todos aqueles que já tiveram a ventura de privar de seu convívio. É por isso que aqui nos encontramos Reverendíssimo Padre Gabriel, nesta noite engalanada, para homenagear-lhe e para testemunhar-lhe a nossa estima e gratidão. É por esta razão que aqui está Santa Maria, para enaltecer a sua personalidade e para aplaudir a sua obra edificante.

Quiçá, pudesse eu também construir de tão bela maneira a História de Vida da autora desse discurso, como ela construiu a História do Padre Gabriel Bolzan. Fica o desejo da construção.

5 HELENA PROFESSORA, CAMINHOS TRANSCORRIDOS: ENTRE SABERES E REPRESENTAÇÕES

*“O futuro, não nos dá nada, não nos traz nada; nós
é que,
para construí-lo, devemos dar-lhe nossa própria vida.
Mas,
para dar é preciso ter, e não temos outra vida, outra
seiva,
a não ser os tesouros herdados do passado e
digeridos por nós”.*
Simone Weil.



Figura 26 – Helena e alunas em frente ao Sant’Ana, em 1947.

Nos discursos educativos da atualidade, posso perceber uma maior importância aos processos formativos dos professores, para seus saberes práticos e cotidianos. Isso acontece, pois os professores/pesquisadores

perceberam o valor de tais saberes, seja no entendimento da construção dos conhecimentos, seja na compreensão dos processos de ensino.

Neste sentido, inúmeros trabalhos vêm se desenvolvendo, tomando como foco de discussão a figura do professor. Brancher et al. (2003, sp.) destacam que refletir sobre os processos de formação permite que relembrar:

[...] boas e más lembranças. Imagens, estas que trazidas ao presente, constituem-se em materiais de formação e auto-formação dos professores. Essas imagens trazem a riqueza de experiências que refletem comportamentos, padrões, valores, posturas profissionais e pessoais, que são os nossos primeiros saberes construídos sobre a docência.

Discutir a importância ou não da formação continuada na atualidade, ou da qualificação, a partir da prática de sala de aula, é uma maneira de valorizar os saberes experienciais dos professores. Encontro nas concepções de Pereira (2000, p. 49), em relação à docência, que “a formação do professor não se vislumbra apenas na academia, com a diplomação, mas sim sobre as reflexões destes quanto à prática em si, nos bancos escolares e também para além destes”.

Neste aspecto, o Método Biográfico História de Vida vem proporcionar o conhecimento dos processos formativos da professora Helena Ferrari Teixeira, reconhecendo os saberes constituídos nas suas experiências individuais e coletivas, ao longo da trajetória por ela vivida.

Ouvir esta professora e também suas ex-alunas é significar angústias, incertezas e experiências produzidas em um determinado momento na História de Santa Maria e na História do Brasil. Assim, nos relatos orais as educadoras, ao narrarem suas experiências,

[...] o fazem não somente retomando o que viveram, mas sim, o que têm como representações daquela experiência e de tudo o que viveram entre o momento em que aquilo aconteceu e o que eles construíram de lá até aqui (VASCONCELOS, 2000, p.103).

Partilho com Abrahão (2005) e os pesquisadores de seu grupo, quando, através da pesquisa “Profissionalização Docente e Identidade - Narrativas na

Primeira Pessoa”, demonstram que nas histórias de vida, e no caso da pesquisa anteriormente referida, de educadores, essa é uma fonte riquíssima da história da educação, tanto quando menciono a Educação Sul-Rio-Grandense como a Brasileira.

Trabalhar com História de Vida é desenvolver um processo, onde um narrador relata as experiências que ele considera mais importantes em sua trajetória. Para que isso aconteça, é necessário que se estabeleçam relações de comunicação e de poder entre os dois sujeitos envolvidos, sendo que estas relações podem influenciar nas narrativas autobiográficas. É preciso que o colaborador da pesquisa se sinta à vontade e tenha o desejo da realização do trabalho proposto.

Além da questão da empatia/subjetividade no trato entre pesquisador e colaborador, um detalhe que senti fazer muito a diferença em meu trabalho foi a questão da seletividade da memória de meus entrevistados. Fatos comuns, e muitas vezes vividos conjuntamente, me foram narrados de formas bastante diferenciadas e/ou não me foram narrados. Abrahão (2005, p. 147) ajudou-me a entender essas falas, segundo a autora existem três razões/formas para a seletividade da memória:

Primeiramente, uma memória não intencionalmente seletiva. Isso aconteceu em situações em que os narradores guardavam na memória fatos, pessoas, relações, situações a que tinham atribuído significação relevante no momento que vivenciaram. [...] uma segunda expressão da memória seletiva ocorria quando o narrador intencionalmente selecionava a informação, ou para não lembrar fatos desagradáveis, muitos dos quais chegavam a lhe recordar situação de intenso sofrimento, ou para não declinar situações que achava não devesse vir a público. A expressão de reconstrutividade da memória ficava também evidente de um terceiro modo, quando o narrador realmente ressignificava a fala no momento da enunciação.

Meu trabalho também abordou, embora brevemente, algumas questões de gênero, a partir de um recorte na História de Vida da professora, pois busquei entender um momento em que se conclamou a presença da Mulher na Política, da Mulher na História.

O fato de ser a única mulher na Câmara de Vereadores nunca foi motivo para pudores nas disputas em pleno plenário. Entre os principais opositores,

Helena cita Antônio Abelin e Rafael Theodorico. Num dos tantos episódios ontológicos, durante uma acalorada discussão, ela atirou um copo d'água em Abelin. "Eles brigavam comigo, eu tinha que brigar com eles. Mas não chegou a acertar", observa, rindo (DIÁRIO DE SANTA MARIA, p. 06, 2003)²⁶.

Inúmeras versões são provadas no imaginário coletivo, referentes a esse episódio da dita agressão de Helena Ferrari a determinado vereador. Gallina (2004) também sentiu dificuldades em trabalhar com esse dado, a autora chega a afirmar que cada um de seus oito entrevistados tem uma versão para o fato, sendo que alguns de seus colaboradores enfatizam que ocorreram duas agressões, uma primeira ao vereador Theodorico, com um cinzeiro, e uma segunda com um copo d'água no vereador Abelin.

Sendo assim, tomei postura bastante semelhante à da autora supracitada, nas reconstruções desses momentos históricos. E, também, percebi as mesmas representações no imaginário coletivo das pessoas com quem conversei, das apontadas pela autora.

No entanto, mais importante do que a precisão dos relatos, são as pistas de como se fortalece na memória dos entrevistados, a figura desta destemida vereadora. A constância e expressiva presença na memória coletiva de representações, como "lutadora", "guerreira", "atuante", evidencia um período da história local onde a intervenção no cotidiano da vida do trabalhador marcou o passado com contornos bem determinados. Toda uma parcela de pessoa resgata um tempo histórico onde uma vereadora pleiteou constantemente ações em defesa do interesse dos menos favorecidos e desafortunados de Santa Maria (GALLINA 2004, p. 64).

Trabalhar com a memória de uma personagem tão ilustre, como D. Helena, é desenvolver um processo de desconstrução de imaginários. Que esta personagem, com certeza, também desenvolveu em seu contexto vivido, ao se colocar num campo, definido na época, como masculino. Criar um processo de desmonte, de quebra com este imaginário ainda vigente, ainda instituído foi uma tentativa bastante ousada. Tentarei então, primordialmente, dar visibilidade aos percursos por ela transcorridos. Pedro e Grossi (1998 p. 23) afirmam que:

²⁶ O Diário de Santa Maria é um meio de comunicação impresso com publicação diária na Cidade de Santa Maria.

[...] no Brasil é visível que não há nem clarezas, nem certezas em relação a uma teoria feminista do conhecimento. Não apenas a questão é pouco debatida mesmo nas rodas feministas, como, em geral, o próprio debate nos vem pronto, traduzido pelas publicações de autoras do Hemisfério Norte.

Tais discussões perpassaram por referências com aportes teóricos da memória. Memórias (Bosi, 1994) que alicerçaram reconstruções de lembranças, revividas no momento presente, revisitando os momentos passados através das rememorações.

O olhar que atribuo a esta pesquisa centra-se na individualidade, na subjetividade, nas experiências de Helena Ferrari. Trabalhar com a subjetividade da pessoa e da professora, remete às representações coletivas, pois estas são baseadas na cultura de um grupo, na vivência de um povo em um ambiente social. Simson (2000, p. 67) indica que a memória pode ser tanto:

Subjetiva ou individual (porque se refere a experiências únicas vivenciadas pelo indivíduo), mas também social porque é coletiva, pois se baseia na cultura de um agrupamento social e em códigos que são aprendidos nos processos de socialização que se dão no âmago da sociedade.

Deste viés, entendo que o trabalho com a memória é individual, pois trata das representações permeadas por uma única personagem, ao mesmo tempo em que é coletivo, pois investigo a memória da docência a partir das concepções de um grupo social.

Tentar entender esse imaginário, construído num determinado contexto social é, como aponta Oliveira (2003, p. 218), tentar conhecer,

o conjunto de normas, de valores, de crenças e artefatos de uma sociedade e, aqui especificamente, de uma categoria que se pretende profissional, mas de uma cultura com práticas discursivas de abnegação, de vocação e extensão maternal, de improvisação, de isolamento, de não refletividade nas questões do ser e do fazer docente.

Ressignificar os saberes de professores, neste caso, da professora Helena Ferrari Teixeira, através de um trabalho com a memória, é um recurso que possibilita novas formas de perceber e compreender os indivíduos nas

suas comunidades. A memória libera as capacidades da percepção, da sensibilidade, da descoberta de novos sentidos, da elaboração de novas significações e contextos para as diferentes práticas, sejam elas docentes e/ou pessoais.

Parto do pressuposto de que conhecer meu fazer pedagógico perpassa, necessariamente, pelo conhecimento da matriz histórica professoral. Acredito que professores, engajados no movimento de formação dos docentes que se concretiza lentamente na atualidade, devem estar se perguntando: quais são as imagens/representações sociais do professor hoje? Quem é o professor hoje? Essas e outras questões do ser professor são discutidas de forma bastante elucidativa por Narvaes (2002). Nesse sentido, senti a necessidade de problematizar a construção histórica do professor para tentar compreender quem é o professor do qual tento falar.

Tenho o conhecimento de que, possivelmente, os primeiros professores na época, acredito que preceptores, tenham sido escravos gregos. Não é por acaso, que muitos carregam marcas tão profundas de escravatura, ainda no contexto atual dessa profissão.

Castro (1996, p. 179) explicita:

Os significados da profissão docente ao longo dos séculos XIX e XX e nos primórdios do XXI não são exatamente os mesmos, o que muda e o que permanece? Os sujeitos encarregados da educação passaram de preceptores a funcionários públicos ou de organizações privadas. Da casa-escola já que iam morar nas casas das famílias cujos filhos se tornavam seus aprendizes ou da escola-casa, pois ensinavam na mesma escola onde moravam, a docência passa a ser exercida na escola-empresa. Os/as preceptores/as são, ao longo do tempo, substituídos pelos profissionais do ensino.

Para entender determinadas ações, posturas e até para conhecer o período sócio-histórico transcorrido, sinto a necessidade de contextualizar o período histórico sobre o qual já falei.

5.1 Nossa percepção da realidade sócio-histórica

Contextualizar o período histórico de trabalhos professorais de Helena Ferrari tornou-se hoje uma tarefa um pouco árdua, visto que não dispus de duas fontes de extrema relevância: a primeira delas a própria Helena Ferrari, falecida no dia 15 de março de 2004, e a segunda fonte seriam os cadernos de chamada e outros materiais das escolas nas quais Helena Ferrari foi professora. Entretanto, esta documentação não foi encontrada em ambas as escolas, Sant'Ana e Santa Teresinha, nas quais Helena ministrou a docência. Tomei, dessa forma, um período aproximado que gira em torno dos anos de 1946 e 1952, período esse, onde, minhas colaboradoras, cinco ex-alunas de Helena Ferrari, disseram estar estudando no colégio Sant'Ana, tendo como uma de suas docentes a professora Helena.

Em se falando de Brasil, sei que este período foi um momento histórico um tanto diferenciado dos demais. Gallina (2004) também aponta, neste sentido, e menciona que neste período, entre os anos de 1945-1964, foi um dos poucos, e talvez o único momento na história, onde as massas tiveram uma participação política de forma mais contundente. Segundo a autora, este fato ocorreu devido ao encerramento da Segunda Guerra Mundial.

Com a redemocratização, houve inúmeros fatores que impulsionaram a queda do Estado Novo. A ditadura Vargas (1937-1945) veio, nesse sentido, proporcionar à população brasileira uma representação de liberdade política, num momento histórico de efervescente pluralidade político-partidária. Nesse mesmo período, mundialmente falando, houve a construção de dois blocos políticos extremamente antagônicos, que geravam certa insegurança. Tal insegurança foi bastante típica nas disputas veladas entre os blocos capitalistas e socialistas, nesse período conhecido como Guerra Fria.

No cenário político nacional temos a figura de Getúlio Vargas, ídolo de Helena Ferrari, que continuava no centro das discussões e atenções desse contexto. No ano de 1950, Vargas foi eleito Presidente da República, através da coligação entre PTB e PSD (Partido Trabalhista Brasileiro e Partido Socialista Brasileiro). Sua eleição ocorreu logo após ter sido mentor e eleitor

de Eurico Gaspar Dutra, na eleição de 1945, para então retornar em 1950, nos “braços do povo”.

O ano de 1952 foi pontuado, pois sei que foi neste ano que Helena Ferrari assumiu seu primeiro mandato como Vereadora da Bancada Petebista de Santa Maria. Instaurando-se como a primeira vereadora mulher no contexto santa-mariense e brasileiro. Tenho que ressaltar também que somente darei visibilidade à História de Helena Ferrari como professora do Colégio Sant’Ana, pois minhas colaboradoras, todas foram alunas daquela instituição, e não tive contato com as alunas do colégio Santa Teresinha.

No ano de 1952, que marcou a entrada de Helena Ferrari na política e sua saída do magistério, o Brasil estava instaurando o Segundo Governo Vargas (1951-1954). Tivemos como característica governamental vigente um governo centralizador, populista e nacionalista, caracterizado por intervenções do Estado, e por uma política diferenciada em relação ao comércio e à indústria.

Vargas, neste seu segundo mandato, buscando demonstrar um dirigismo de seu governo, promoveu o desenvolvimento da infra-estrutura brasileira como os combustíveis, os transportes e as hidroelétricas. O Presidente investiu pesadamente também nos meios de comunicação, em especial no rádio, que foi um dos grandes formadores de opinião da época. Getúlio ainda defendeu o que Penteado (1999, p. 45) classificou como “uma mistura de medidas de bem-estar, atividade política de classe média e nacionalidade econômica”.

Santa Maria refletia a política governamental getulista. Gallina (2004, p. 21) descreve a formação política do município:

[...] elegeram-se para prefeito e vice-prefeito os candidatos Heitor Campos e Raul Valandro, ambos do PTB. De um total de 15 vagas no Legislativo Municipal, o PTB ocupou sete, configurando-se como a maior bancada na Câmara. A política da administração municipal baseava-se muito nas diretrizes partidárias de âmbito nacional, que eram reproduzidas através de discursos locais. Cada partido seguia à risca seu programa ideológico.

Fruto desse sistema de governo, regido por uma lógica getulista, o Executivo santa-mariense desenvolveu expressiva insatisfação, de modo geral na população. Alguns pesquisadores, incluindo a autora supracitada, enfatizam que a insatisfação do povo santa-mariense, neste período, foi uma crescente que somente se dissolveu com a morte de Vargas. Entretanto, o falecimento de Getúlio Vargas, em 1954, causou uma espécie de fortalecimento ao partido com a morte de um de seus grandes sustentáculos.

5.2 Colégio Sant'Ana algumas lembranças...

Tenho por datação inaugural, o dia 4 de março de 1905, para a fundação do Colégio Sant'Ana, entretanto, nesta data, a instituição ainda se localizava numa pequena casa, na rua Presidente Vargas, hoje se ainda lá estivesse, estaria próxima ao Hospital de Caridade. Segundo Rechia (1999), no dia 28 de julho de 1908, foi lançada a pedra fundamental do novo colégio, localizado na Rua dos Andradas, local onde ocorreu significativo ano de docência de Helena Ferrari e minha colaboradora.

Nos relatos que colhi, pude perceber a importância ímpar que o Colégio Sant'Ana apresentava na construção da sociedade santa-mariense e regional da época. Um colégio feminino, que intentava pela formação integral de suas alunas, ou seja, desejava formar a futura dama santa-mariense. Esta formação centrava-se numa preparação para uma possível futura docência ou da preparação da submissa, boa dona de casa. O Colégio Sant'Ana, naquela época, fisicamente apresentava uma estrutura composta por dois prédios: o primeiro, subdivido em quatro andares com as seguintes ocupações no primeiro ou térreo era um local mais aberto, destinado a atividades menos dirigidas. Nele, também se localizavam as salas de visitas, o refeitório, a secretaria e a capela. O segundo, no qual estava localizado o salão musical e algumas salas de aula. No terceiro andar, também, se encontravam algumas salas de aula, além do dormitório das maiores e o quarto e último andar destinado à moradia das menores.

O segundo prédio localizava-se atrás de um grande pátio aberto, era uma espécie de pavilhão, no qual aconteciam sessões de estudo e as aulas de Educação Física.



Figura 27 - Frente do Colégio Sant'Ana no ano de 1948

Outro elemento que me chamou bastante atenção foi o currículo da escola na época. Soube que este era composto por Ensino Primário, subdividido em cinco anos de estudos e Ginásial que, segundo as alunas, após uma aprovação no exame de admissão, poderiam escolher entre os módulos: Clássico ou Científico. As que optavam pelo primeiro, obtinham uma formação mais voltada para o Português e outras línguas e as que optassem pelo científico aprofundariam seus conhecimentos em outras áreas.

Apesar desse currículo, integrava-se à formação das estudantes uma série de disciplinas que se acreditava necessárias à formação pessoal das mesmas. Essa formação era composta por aulas manuais, assim chamadas na época. Na quinta série do currículo em vigor, as meninas ganhavam um lapidamento nesta formação da mulher santa-mariense. D. Miranda no seu depoimento descreve-me uma das aulas de bordado:

Na quinta série, tinha trabalhos manuais, então a irmã trouxe, era a irmã Doroti, depois ela deixou o convento. A irmã Doroti trouxe, aquela pilha de trabalhos manuais e cada uma escolheu uma coisa para ela ensinar a bordar, a pintar, e tudo, e eu fiquei assim e não falei, mas eu não gostei daquilo, de repente ela abriu e lá era um joguinho, uma toalhinha mais ou menos de um metro quadrada e mais

três guardanapinhos menores e ai eu pulei e disse eu quero esse e ai ela disse “não esse é para as maiores”. [...] ai eu disse, mas eu quero essa! – “mas tu sabe?” “eu sei”. Era todo bordado em pontinhos de cruz, eu sabia fazer, porque lá fora a gente aprendia a fazer, aprendia com a mamãe, a gente fazia tudo em casa. A num zaz traz, numas duas ou três de bordado, mas era um dia por semana estava tudo pronto. Ai ela elogio, elogio, elogio, tudo bem feitinho, umas não sabiam nem pegar a agulha, não sabiam enfiar a linha na agulha e tal, ela disse: “agora nos vamos levar para a irmã Alda para ela botar uma rendinha” e eu disse irmã, mas se a senhora me arrumar uma agulha de crochê e uma linha eu faço um crochê não fica bonito? Eu disse. Mas como que tu vai fazer, não é do plano de ensino da minha classe aquilo. Ai eu disse não, mas eu sei fazer crochê e eu contei para ela que com quatro anos eu comecei a fazer Crochê e ela ficou encantada e ela me deu uma agulha de crochê que ela ganhou quando ela fez curso na Alemanha, era uma agulha embutida numa coisa de madre perola linda, linda, linda e eu fiz o crochezinho e ela ficou tão encantada que ela me deu de presente a agulha de crochê.

Além das aulas manuais, soube que as alunas também recebiam aulas de etiqueta e boas maneiras. Essas aulas eram ministradas, segundo suas alunas, por uma professora nobre francesa:

[...] a Irmã Francisca, diziam na época que era uma descendente, que ela tinha sangue nobre, que ela era descendente de nobres franceses e ela era professora de francês. Nossa, ela era chique, uma dama, como eu admirava, ela dava boas maneiras para a gente também, ela cuidava o refeitório então ela cuidava: “meninas, os braços, as mãos encima da mesa, meninas, ” eu nunca esqueço, até hoje, quando eu faça uma coisa assim na mesa, ou em qualquer lugar, eu faço, mas eu me lembro, é era a Irmã Francisca não ensinava assim [...].

Alguns estudos contemporâneos têm demonstrado que entre as décadas de 30 e 60 um significativo número de escolas, principalmente as que se denominavam Escolas Normais, que não era o caso do Colégio Sant’Ana, apresentavam em seu currículo o que chamavam de aulas de Civilidade. Segundo a Professora Maria Teresa Santos Cunha, importava-se, nesse contexto, principalmente da França, manuais e teorias referentes à Etiqueta e à Civilidade. Esses manuais, segundo a autora, eram

um livro de leitura escolar que, presente nos currículos, participavam da construção de um repertório de atos plausíveis desde formular uma emoção e exprimir um desejo, a saber sentar-se para ler e escrever corretamente uma carta (CUNHA, 2005, p.124).

Um dos mais famosos manuais “Tratado de Civilidade e de Etiqueta” tinha como autora a Condessa de Gense, ainda segundo Cunha (2005), tratava-se de uma autora francesa que usava esse codinome. A autora demonstra que muitas escolas, através dos manuais e outras práticas curriculares, buscavam incutir em seus alunos,

formas civilizadas de conduta pessoal e moral, desfilando suas próprias marcas de etiqueta social eram aspetos desenvolvidas como um saber escolar, e como tal, estavam preocupados em definir regras para o controle e a contenção de sentimentos e sensações (CUNHA, 2005, p. 123).

As alunas, além das aulas ditas manuais e de etiqueta, também tinham uma formação bastante eclética, diferenciada e aprofundada, com aulas de latim, francês, inglês, espanhol etc. Embora de minhas colaboradoras apenas duas tenham se mantido por um longo período na docência, todas discutem a educação atual e fazem significativas comparações entre o ensino contemporâneo e o ensino da época. E enfocaram que o estudo da época era bastante rígido, mas muito mais produtivo que o atual. D. Neusa, nesse sentido, pode abrilhantar:

Eu acho! Que o ensino virou uma vergonha! Por que hoje, hoje com raríssimas exceções se a jovem não é muito interessada, não vai atrás ela não aprende nada, se vai depender do professor ela não aprende nada. É o que eu enxergo. Sabe. É o que eu enxergo. É o que eu vejo, pelos netos que eu tenho. Parece que cada vez está piorando mais. Piorando mais. Ah. Aquela época não. Aquela época tu sabe que eu sempre costume dizer o seguinte que o meu ginásio valeu para um, não vou dizer uma faculdade, mas que valeu muito valeu. Olham, eles tiraram tanta coisa nossa, eu acho assim que o latim, disseram que o latim não era importante. Como que não era? Nós somos de uma geração que sabe falar o português, que sabe escrever o português. O latim teve alguma influência. Pois é, tiraram o francês, tiraram o inglês, não sei se tiraram o inglês? O francês tiraram, descartaram ?

Concordando com o mesmo enfoque D. Reinilda menciona:

Eu acho que naquela época exigiam muito mais, muito mais, hoje eu sou professora particular, quando me aparece algum aluno. E eu percebo, não vou dizer uma certa superficialidade, mas que é bem

não vou dizer também inferior, mas é mais fraco, no meu conceito, mas ou sei lá. Muito mais fraco, naquela época exigia-se muito, havia muita reprovação, porque tinha que sair sabendo mesmo.

A sociedade santa-mariense, na década de 40 ainda acreditava que a formação dos estudantes, meninos e meninas, deveria acontecer em locais isolados. Inclusive minhas colaboradoras relatavam que o Colégio Sant'Ana possuía apenas um único professor do sexo masculino e ainda sob a forma de inspetor de ensino. Este já carregando um estigma bastante grande, pois era a pessoa que vigiava e punia alunos e professores que não seguissem a ideologia da instituição.

[...] me lembro de outra passagem que a gente dizia naquela que o Santa Maria era o Homem. [...] também tínhamos professores estrangeiros e os leigos eram todos formados, aqui tinha a professora Eda Beltrão ela agora é Eda Beltrão esqueci o sobrenome, encontro com ela sempre, A dona Eda, a Helena, tinha uma outra professora muito querida que já é falecida e não me lembro mais o nome ela ficou muito doente depois, ficou parálitica eu me lembro que ela tinha um namorado e nós achávamos o máximo porque no fim da aula quanto ela pegava a última hora à gente corria para a janela espiar porque o namorado ficava lá em baixo esperando. E nós achávamos o máximo quando ela descia ligeiro e pegava na mão dele e nós ficávamos todas entusiasmadas, tinha várias professoras leigas, agora professor no meu tempo nenhum. As irmãs dividiam muito, o masculino e o feminino era um tabu muito forte, muito fechado, mas professoras leigas tínhamos várias, eu me lembro dessas de outras eu não sei não me lembro mais (D. Miranda).

Nesse contexto de estudo, o Colégio Sant'Ana destacava-se como um colégio que fornecia a formação integral às estudantes do sexo feminino. Em contrapartida, o Colégio Santa Maria vinha proporcionar a formação masculina. O Colégio Santa Maria também representou muito para a formação da cidade, para se ter uma idéia, foi o primeiro colégio particular de instrução secundária desta cidade. Na época, localizava-se na rua Floriano Peixoto, hoje próximo ao Clube Caixeiral. Teve sua inauguração no dia 11 de julho de 1989 (RECHIA, 1999).

A formação masculina não era muito diferenciada da feminina.

Em 12 de fevereiro de 1905, foi oficialmente criado o Ginásio Estadual Santa Maria, sob os auspícios da autoridade eclesiástica. Tinha por finalidade ministrar á mocidade uma sólida educação

moldada nos princípios católicos e oferecer a instrução fundamental necessária a qualquer carreira. Havia três categorias de alunos: internos, semi-internos e externos. Os internos eram admitidos desde a idade de 08 anos e os externos, desde os 06 anos. O ginásio tinha três cursos: Primário, Secundário ou Ginásial e o Comercial. Ao terminar o primário, que durava 04 anos, o aluno precisava prestar exame de admissão para se habilitar ao ingresso no Ginásio que tinha duração de 05 anos. Ao finalizar o ginásio, o aluno recebia o grau de Bacharel. Por fim, havia 02 anos de Pré: Pré-jurídico, Pré-técnico e Pré-médico que preparavam para o acesso às Faculdades. Em 1942, o governo de Getúlio Vargas reformou o ensino, reduzindo para 04 anos o ginásio e transformando o pré em Cursos Clássico e Científico com duração de 03 anos (RECHIA 1999, p. 231).

5.3 A disciplinarização

A formação das estudantes, além dos elementos anteriormente citados, trabalhava constantemente com a idéia da disciplina, concomitante com a da organização. Neles, os conceitos de educação e higienização andavam juntos, tal idéia pode ser percebida na fala:

Eu acho que a disciplina era fundamental. Aquilo ali não existia bagunça. Não existia nada, Aquilo ali no momento que tu entrava. Começando ai, olha, tu quer ver uma coisa, têm aqui em Santa Maria não existe mais ninguém com uniforme, aquilo era uma forma de tua até, ter orgulho da tua escola. Uniforme. Aquilo ali, cada um com seu uniforme, aquilo já era uma forma de tu ter orgulho e de tu ter disciplina. Porque tu eras obrigado a ir bem limpinho. Com tudo isso. Todos os colégios que eu conheci. Bem limpinhos, bem arrumadinho, ajeitadinho, já era uma forma de disciplina e tu eras obrigado a ir (D. Neusa).

Cunha (2005, p. 123) e outros autores informam que os períodos em torno de 30 e 60 se caracterizaram pela emergência de discussões de “diferentes campos como a igreja, a escola, a medicina, a imprensa; todos preocupados com aspectos ligados à higiene, à moral, e à construção de homens e mulheres saudáveis e civilizados(as)”. Existem estudos apontando que, no Brasil, os primeiros educadores foram missionários jesuítas que vinham com o objetivo de catequizar a população. No século XVIII, a profissão de professor deixou de ser dirigida pela Igreja e passou às mãos do Estado. Possivelmente essa, seja uma das razões de, na atualidade e no contexto

vivido por Helena, apresentar-se, ainda, concepções confundindo o papel do professor com o do vocacionado, com o do religioso. Como aparece nesse discurso de Helena Ferrari:

Sr. Bernardino Machado, estimado Secretário desta Escola. O carinho e amizade que nos demonstraste cativou-nos de tal maneira que nos levaram a escolher-vos como nosso homenageado de honra. É, pois, como uma demonstração do nosso sentir que pedimos que aceite este nosso gesto como símbolo da alta consideração que vos mereceis e o reconhecimento que vos dedicamos. Que o Criador continue a guiar os vossos passos e que o vosso exemplo nos sirva de incentivo para prosseguirmos no caminho que nós traçamos. Caros e incansáveis Mestres, nossos distintos homenageados. A missão que escolhestes é árdua e cheia de espinhos, mas nobilitante e digna no seu significado. Sim, porque a vossa missão é como um sacerdócio que quer dizer sacrifício. Sacrifício que será compensado não com as recompensas materiais, mas com a alegria que vos encherá a alma e que será o melhor de vossos galardões. Vossa decidida e nobre vocação têm feito de vós os guias seguros a cuja orientação nos curvamos, na certeza de que trilhamos o caminho certo. Vosso apostolado é dos mais elevados, pois que ilumina os espíritos e semeia o amor ao bem e à virtude nas consciências juvenis. Ao magnífico espírito de desprendimento que exorta o vosso caráter, unistes as luzes do vosso espírito culto e o calor do vosso coração magnânimo. Abraçastes uma profissão trabalhosa, bem o reconhecemos. Lidar com a infância e a mocidade demanda qualidades excepcionais àqueles que se entregam a este nobilitante mister. Vós, porém, soubestes aliar todas essas qualidades a ponto de vos tornardes educadores completos e amigos prestimosos. Grandes foram às lições que recebemos durante o nosso aprendizado nesta Escola. Eis porque nos sentimos orgulhosos de haveremos ingressado nas suas fileiras. Que Deus vos recompense pelo muito que por nós fizestes e permita que nos ilumine para que sempre nos mostremos dignos de vós. Bem compreendemos quão árduo é vosso sacerdócio e de quantos sacrifícios e incompreensões vossa vida é semeada. Nosso Senhor, porém, que vos deu o múnus divino, proporcionou-vos, também, a coragem para suportar os percalços inerentes ao vosso apostolado. A vós, Mestres exortados dos mais peregrinos dotes de inteligência e de caráter, conhecedores profundos da arte de educar, aqui rendemos a nossa homenagem que, embora modesta e despreziosa, simboliza a afeição, a admiração e o reconhecimento que lhes devotamos. Solícitos e incansáveis soubestes nortear os nossos impulsos, dirigindo-os no bom sentido. Que estejamos sempre unidos na recordação das horas felizes que aqui vivemos unidos pela mesma fé e alimentados pela mesma esperança.

Compartilho também com Narvaes (2000), que em sua pesquisa aponta inúmeras representações que ainda são carregadas pelos professores contemporâneos. Segundo a autora, ainda hoje permanece um imaginário docente de que “os sentidos da profissão docente se expressam pelas

palavras amor e doação” (NARVAES 2000, p.53). Nóvoa também aponta que uma marca que tem acompanhado a história do professorado, é a de uma pedagogia do meio termo, ou seja, “não devem saber demais nem de menos; não se devem misturar com o povo, nem com a burguesia; não devem ser nem pobres nem ricos; não são (bem) funcionários públicos, nem liberais, etc.” (1995, p. 16).

No período do qual meu estudo faz referência não posso deixar de mencionar que, no colégio Sant’Ana as internas também eram incumbidas de demonstrar a superioridade das irmãs e uma certa diferenciação entre professor e aluno. Inclusive, quando passavam por elas. D. Miranda explica, que eram ensinadas a realizar uma reverência às madres do colégio.

*Ah, eu me lembro assim, da?? eu me lembro e admiro e faço comparações com os dias de hoje, por exemplo, à maneira de tratar, de conviver com os professores, claro que hoje em dia tudo é mais fácil, mas eu me lembro que a gente encontrava uma irmã na escada e fazia reverências (fala gesticulando e demonstrando com a mão a reverência que era realizada para as irmãs) para ela passar, a gente não encontrava uma irmã assim de passar uma pela outra, ou de tomar a frente, a gente vinha correndo, por exemplo, como pressa e encontrava uma irmã, parava e fazia uma reverência para a irmã poder passar. Hoje em dia é no **tu**. Nossa, como a gente fazia diferente, era bonito, naquele tipo era o que tinha de mais bonito. (grifo meu)*

Noto também que a formação das internas e externas sempre manteve forte fundamento na formação religiosa das estudantes. A capela que se localizava na entrada do colégio era um dos atrativos à religião, além disso, como coloca D. Nanci “*olha, eu me lembro muito do contato com as freiras, eu lembro muito da capela que nós rezávamos muito ali. Eu lembro da gruta, e um convívio de jovens, bem?! Nós éramos um tipo de jovens diferentes da juventude atual, a época não era tão avançada*”.

5.4 Uniformizar uniformizando, será possível?

É quase unânime entre minhas colaboradoras, ex-alunas do Colégio Sant'Ana, que os uniformes fossem elementos positivos do processo de escolarização no Colégio Franciscano Sant'Ana. Algumas das alunas chegam a afirmar que gostavam de sair e/ou ir para a missa, devidamente uniformizadas.

Eu sempre gostei muito do uniforme. Principalmente quando eu tive as crianças. Que usavam também uniforme nas escolas públicas que era aquele aventalzinho branco, achava maravilhoso, até hoje eu condeno essas crianças que não têm uniforme e ficam competindo roupas. E inclusive nas férias, a eu adorava sair nos domingos, ir à missa, com meu uniforme de gala. De gala era uma blusa branca, com gravata azul marinho pet poi de branco e a saia azul-marinho. Sapato também era uniformizado, todos iguais, era muito bonito. E usávamos boina. Por exemplo, o curso, até a quinta série do primário era boina azul-marinho e a primeira série então era boina vermelha a segunda série verde, a terceira amarela, e a quarta série azul claro. E depois no científico que era boinas brancas. Era com muito orgulho que a gente usava. (Risos). A gente tinha muito orgulho da escola (Reinilda).

O uniforme, no Colégio Sant'Ana era tido como coisa muito importante, não sendo permitida a entrada no colégio sem a devida uniformização

[...] a era uniforme e rigoroso, sapato preto, saia pregueada azul marinho. Um blusão listrado esse era usado com gravata. E aí de quem fosse sem. Era obrigado a usar e as freiras eram rigorosas. [...] eu até que gostava do uniforme, naquela época. Era de manga comprida, tinha que usar com a gravata no verão. A gente quase morria de calor, mas o uniforme era bonito (D. Elita).

Nem todas as imagens que obtive em relação aos uniformes foram negativas, notei que, muitas vezes, pessoas que não se encontravam em uma situação financeira tão favorecida, os filhos de agricultores da época, por exemplo, gostavam bastante do colégio. Alguns inclusive tinham a representação, que ainda permanece para muitas pessoas, da escola como único local que proporciona inclusão social e/ou melhora de condições econômicas.

Eu me achava assim, a gente tinha aqueles uniformes, não eram bonitos, mas eram bons, eu vestia aquilo e pensava, meu deus meu

pai ta lá fora de chinelo, a minha mãe cuidando a casa e eu aqui bem arrumada, passeando, participando, com professoras de francês, de inglês, que meu pai nem ouviu falar nisso nunca, pobrezinho, assim também minha mãe menos ainda, me lembro de minha primeira aula de francês que eu tive, porque eu sou de origem italiana, então eu tenho facilidade, mais do que qualquer língua estrangeira com o francês (D. Miranda).

Conseguí coletar informações de que as internas possuíam três tipos diferentes de uniformes. O diário, o de gala, e o de descanso. O uniforme diário que era composto de uma saia pregueada, na época chamada de meia canela, uma blusa ou túnica listrada azul-marinho e branco, um cinto de couro, uma gravatinha abotoada e sapatos fechados. “*O uniforme diário, era saia pregueada azul-marinho. Blusão listrado de branco e azul e com uma cintinha na cintura e era maravilhoso (...)*” (D. Reinilda).

Um segundo uniforme que era chamado “Uniforme de Gala”, nesse, mantinha-se a mesma saia, entretanto usava-se uma blusa branca, com gravata amarrada e sapatos. Para os dias de passeio colocava ainda um avental branco, aumentando a proteção das meninas. Além disso, para as estudantes que estivessem cursando o Ginásio, uma espécie de Ensino Médio hoje, existia um acréscimo na vestimenta de uma boina. Para cada uma correspondia uma cor diferente e inclusive os boletins da época eram produzidos na mesma cor da boina.

Nós tínhamos o uniforme diário e o uniforme de gala, os dois para as meninas era saia pregueada, meia canela e as maiores que a gente chamava do clássico e do científico usavam saia justa. E a blusa do diário era uma tunicazinha listrada azul-marinho e branco e o cinto, assim, amarrado na cintura, um cinto de couro, não era amarrado era com uma fivelinha, esse era o diário a gente tinha que se apresentar sempre com este. E o uniforme de gala era com a mesma saia, com blusa branca, gravatinha e boina então cada série se identificava por uma cor de boina. O primário e até a quinta série era azul-marinho a boina. A primeira série do ginásio era vermelha, a segunda era amarela. A primeira era vermelha a segunda era verde, a terceira amarela e a quarta série era azul claro e as maiores era branca (D. Miranda).

Nós usávamos boina. Risos. Era assim cada ano era uma boina de uma cor diferente. Eu não me lembro, me parece que no primeiro ano era a vermelha, depois azul, verde, eu não lembro bem as cores, mas também era uma forma, olha que a freiras, olha como elas eram, era

uma forma de incentivar também o aluno a estudar, porque a vergonha, uma grande vergonha eras tu no ano seguinte tu repetir aquela série que todo mundo ficava sabendo pela tua boina. Saber era uma coisa assim, que às vezes eu fico pensando, e havia respeito (D. Neusa).

No Sant'Ana nós usávamos uma saia pregueada azul marinho, uma blusinha listrada de branco e azul e uma gravatinha azul marinho. Até a quinta série nós não usávamos nada, na primeira série em diante nós passávamos a usar além do uniforme uma boininha, essa boininha correspondia à série que nós estávamos. Então se era a primeira série nós usávamos vermelho, sei que tinha vermelha, amarela, azul era a quarta série e tinha uma outra cor que não me lembro e uma parte do científico era branquinha (D. Nanci).



Figura 28 - Alunas do Sant'Ana com o Uniforme de Gala completo

Um terceiro uniforme, se é que posso chamar de uniforme, era uma vestimenta que as internas tinham que usar nos dias de calor muito intenso, quando não tinham mais tarefas para realizar.

Aí identificava no uniforme de gala e a gente usava uma gravatinha e no uniforme diário a gente também usava uma gravatinha, mas não era uma gravata amarrada era uma gravata posta abotoada e no uniforme de gala era uma gravata mesmo amarradinha. E tinha o uniforme de, de às vezes no verão de tarde, quando não tinha aula à tarde elas liberavam então a gente, que podia ficar sem a saia pregueada que era um calor, e aquilo era de lã e então a gente usava

um avental branco, era um avental feitinho, inteiro quase um vestido, só não tinha manga, branquinho. Meia e sapato fechado, sapato abotoadinho (D. Miranda).



Figura 29 - Uniforme de verão das estudantes do Sant'Ana

Uma de minhas colaboradoras afirmou que, nas aulas de Educação Física, as alunas tinham ainda um outro uniforme que era colocado por baixo das saias, uma espécie de bermudão fechado. Que evitaria numa possível queda das alunas que algo aparecesse, evitando também que as alunas exibissem suas pernas. Sobre o uniforme de Educação Física, D. Miranda relata a vinda de um evento que integrou os colégios Sant'Ana, Santa Maria e outros colégios locais e de Porto Alegre.

[...] me lembro de outra passagem que a gente dizia naquela época que era o Santa Maria era o Homem e o Sant'Ana era a mulher era o par e houve um torneio, eram jogos estudantis e eu não me lembro como é que era, e veio o Rosário de Porto Alegre, o Bom Conselho, e vários colégios e fizeram aqueles jogos, era vôlei, era? Futebol não tinha, não sei, caçador a gente jogava muito, não sei se tu conheceu isso? Caçador aquele de jogar a bola, uma coisa assim, e as gurias, as meninas do Sant'Ana jogavam, mas não era só Bom Conselho, tinha um colégio não sei se era estadual ou particular, mas não era de freira, de Porto Alegre que agora eu não me lembro qual era, e as nossas jogavam de saia, vestiam o calção, uma bermuda quase até o joelho e a saia por cima, as irmãs não permitiam que jogassem de bermudão, short ou coisa assim e esse colégio de Porto Alegre as meninas estavam todas de shortinho, bem para cima do joelho, bem curtinho. Não me recordo o nome do colégio, acho que nem existe mais, e era o portão aberto, então se jogava. Uns jogos eram feitos no Sant'Ana e outros no Santa Maria então quando era no Santa Maria nós íamos lá, durou uma semana, quando era no Sant'Ana os

meninos vinham para cá. Ai aquelas meninas daquele colégio de Porto Alegre, jogando com o Sant'Ana e o Sant'Ana de saía pagueado, lá meia canela e as de Porto Alegre todas de shortinho e é claro os guris debandaram tudo pro outro lado, torceram para elas, o Sant'Ana se ofendeu as meninas se ofenderam, deu uma política que tu nem imagina, teve que vir o diretor do Santa Maria conversar com a Madre e a Madre reuniu uma, nem sei se as gurias se lembram disso, a Madre reuniu as de mais idade, as maiores, e tal e fizeram uma reunião. O Santa Maria veio o Diretor do Santa Maria com uma representação de alunos pedir desculpas para o Sant'Ana, os que tinham torcido contra. E as meninas não queriam ceder, mas terminou tudo bem, embora foi uma briga sem tamanho por causa da torcida.



Figura 30 - Estudantes do Sant'Ana uniformizadas para Educação Física, no ano de 1948

Quando questionei minhas entrevistadas sobre a beleza do uniforme e da importância ou não do mesmo, todas, sem exceção afirmaram que o uniforme era bonito, e que achavam imprescindível o uniforme para o ensino. O uso era motivo de orgulho, uma forma de pertencimento ao grupo que estudava numa escola reconhecida no imaginário da sociedade santamariense.

Eu achava o máximo. Estava bem arrumada eu não era acostumada com isso. Mas era bonito, na época era um uniforme bonito. E as irmãs eram muito cuidadosas, eram muito caprichosas, eram feitos 95 por cento, eram feitos no próprio colégio, algumas traziam de casa, não sei se por economia então a gente percebia, mas o uniforme de gala normalmente era feito todo no colégio. Tudo era padronizado e muito bonito. E tinha o casaquinho azul marinho então, era um casaquinho normal, de bolinha azul marinho (D. Miranda).

Eu acho que havia muita disciplina. Eu acho que a disciplina era fundamental. Aquilo ali não existia bagunça. Não existia nada, Aquilo

ali no momento que tu entrava. Começando aí, olha, tu quer ver uma coisa, têm, aqui em Santa Maria não existe mais ninguém com uniforme, aquilo era uma forma de tu até, te orgulho da tua escola. Uniforme. Aquilo ali, cada um com seu uniforme, aquilo já era uma forma de tu ter orgulho e de tu ter disciplina. Porque tu eras obrigado a ir bem limpinho. Com tudo isso. Todos os colégios que eu conheci. Bem limpinhos, bem arrumadinho, ajeitadinho, já era uma forma de disciplina e tu eras obrigado a ir. Por exemplo, no Sant'Ana, naquela época nós usávamos no ginásio era a Boina (D. Neusa).

5.5 E do professorar?

Tenho que ressaltar que, segundo suas alunas, Helena sempre foi uma excelente professora, observo o que Reinilda afirma:

D. Helena foi a primeira professora que eu tive aqui em Santa Maria, era uma pessoa assim, muito liberal, ela não era tão enérgica, quanto outras. Na primeira série nós a tivemos como professora de História, História do Brasil durante todo ano ela foi nossa professora, era muito querida, a gente tinha bastante liberdade de conversar com ela tudo, e a gente já tinha assim, não tinha muito conhecimento quanto à vida política dela, mas quando veio Getúlio Vargas pela primeira vez para Santa Maria, eu não me recordo muito bem se foi em 1949, eu tenho a impressão que foi, aí então eu lembro muito, eu nunca esqueci dela fazendo o discurso, onde era o Hotel Jansen antigamente, hoje está desativado, de reforma, não sei lá, está muito complicado para se dizer, ali perto dos Cauduro, acima da farmácia Drogacentro, no centro da Venâncio com o Rio Branco. Eu lembro dela naquela sacada, rindo, entusiasmada, ela era, ela falava muito bem, muito alto com muita euforia mesmo.

Paixão pelo colégio e um grande afeto pelas irmãs, suas antigas professoras do Sant'Ana, foi o que percebemos nas falas das alunas. Algumas chegam ao ponto de afirmar que escolheram sua profissão pelo constante estímulo recebido das irmãs. Quando lhe perguntei referente ao ser aluna naquele contexto, Nanci afirma: *“Era gostoso, para mim pelo menos era gostoso. Eu vivia só para estudar era minha única preocupação, era estudar, tentei estudar música ali, mas não dei para a música, continuei estudando”* (D. Nanci).

Posteriormente, ainda conversando com D. Nanci, pergunto o que destacaria de seus estudos no Sant'Ana e instantânea e enfaticamente me respondeu que *“olha me chamava muita atenção à irmã, na terceira série, a irmã Dolores, e depois do ginásio adiante, que até hoje eu quero muito bem a Irmã Consuelo, que para mim a irmã Consuelo é, ainda há poucos dias fui visitá-la, ela é um marco na minha vida”*. Tentando então compreender como eram as aulas dessa irmã, tão famosa na história do Sant'Ana e do ensino de Santa Maria, voltei a perguntar o que fazia essa irmã de tão diferente e, novamente, D. Nanci vem ratificar:

A irmã Consuelo²⁷ era muito positiva, e ela tinha um conhecimento muito grande e ela transmitia aquilo para a gente, que despertava na gente à vontade de estudar, ela incentivava, por exemplo, quando eu saí do colégio Sant'Ana e voltei para o colégio Sant'Ana como professora e a irmã Consuelo diariamente ia à minha sala de aula e me dizia assim: “mas não é possível que tu não fazer uma faculdade, porque tu tens que fazer a faculdade”, até que eu disse ta eu vou fazer a faculdade. Quer dizer que ela foi a minha maior incentivadora (D. Nanci).



Figura 31 - Irmã Consuelo e alunas em frente ao Sant'Ana

²⁷ Carmem Silveira Neto ou como carinhosamente era chamada irmã Consuelo, foi uma personagem que realmente muito contribui para a História religiosa e educacional desta cidade. Irmã da ordem de São Francisco, natural de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, irmã Consuelo teve uma vida destinada às escolas e a sua congregação. Rechia (1999, p. 273) escreve que para ela, “falar da irmã Consuelo constituiu-se um desafio, considerado sua bagagem de conhecimentos advindos de cursos, viagens, atividades inúmeras ligadas ao ensino, títulos pela dedicação inconstante de mestra-educadora, membro do magistério secundário e superior.” É necessário mencionar que entre alguns de seus feitos encontra-se a fundação da FIC “Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Imaculada Conceição”, atualmente UNIFRA (Centro Universitário Franciscano) e a Direção da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

Tenho que mencionar que posturas diferenciadas, como as de Helena, em relação a alguns professores da época, frente a suas alunas, eram consideradas naquele momento, pouco didáticas, isso porque deixar os alunos interagirem, rompia a lógica de ensino da época. D. Neusa, enfocando a maneira de ensinar de alguns professores por ela vivenciados, ilustra:

*A gente tinha tanto respeito, tanto respeito, pelo professor nem se fala, porque Deus o livre, aquilo ali entrava para dentro da aula tu não dava um pio mais. **Aquilo ali só quando ela chamava, que tu levantava,** (grifo meu) [...] essa história de conversinha e de bolinha de papel, como eu sei que fazem e bilhetinho. E paquerinha. Bom, começando que nós não podíamos paquerar, porque eram só meninas, mas mesmo que fosse, era muito respeito. Isso é a coisa que mais me choca - a falta de respeito!*

Com as falas acima mencionadas, as autoras deixam transparecer, a existência de um momento histórico, no qual as representações de ensino da época giravam em torno do professor como grande autoridade. O qual deveria ministrar aulas, seguindo uma metodologia tradicional, – o professor ensina e o aluno reproduz – rígida. Esse mesmo professor era tido como o “detentor” do saber. E que deveria transmiti-lo aos alunos, ou seja, os alunos teriam que se dirigir a ele sempre que quisessem saber algo mais.

Talvez, suas posturas “pouco didáticas” fossem originárias de sua visão educacional. Numa das falas de Helena, encontrada na sua caixa dos guardados, que, pelo texto, acredito ser destinada à Viação Férrea de Santa Maria, instituição carinhosamente tratada por Helena, até por seu pai ter feito parte da mesma, a autora afirma: “[...] educação é o único caminho para emancipar o homem. Desenvolvimento sem educação é escravizar a criatura humana em vez de libertá-la”.

Mas os benefícios materiais e espirituais do desenvolvimento não podem ficar apenas nas mãos de alguns. Precisam ser, amplamente, levados a todos. É necessário que o povo participe dos lucros sociais do desenvolvimento. E educação deve ser considerada como uma espécie de pré-requisito do desenvolvimento, pois que só ela prepara o homem ou para usufruir os benefícios do progresso ou a arma para reclamar, conscientemente, esses benefícios.

Se o nosso País quiser, realmente, realizar as reformas de que necessita para evoluir rapidamente, para um estágio superior de desenvolvimento, terá que romper, corajosamente, a barreira do subdesenvolvimento (HELENA em texto manuscrito).

Também sobre as aulas da Professora Helena, as alunas demonstram como eram os momentos passados juntos:

Eu só me lembro daquela figurinha assim, bem calma que ela era, as alunas faziam bastante turbulência na aula, aquela coisa, ela queria se impor, mas a aula era realmente dada, bem cobrada, isso aí foi muito positivo [...] (Reinilda).

[...] ela era legal, bem legal. Ela era uma professora muito legal, ela exigia como todos os professores daquela época, eram muito exigentes. Naquela época não existia decoreba. Ela era muito exigente, mas ela era muito dócil, doce, pelo menos eu sentia assim. Se fosse me falar de outra eu aí já teria outra impressão. Ela me daria uma outra impressão (Neusa).



Figura 32 - Primeira série do ano de 1947

Posso perceber a paixão pelo ensinar e a vivacidade de suas metodologias e concepções de ensino nas falas de suas alunas. Noto que Helena Ferrari tinha tanto prazer ao ensinar que, muitas vezes, chegava a perder a fala nos momentos de maior euforia ao ensinar. Usava, constantemente, de entonação vocal e outros recursos, que naquele momento lhe fossem possíveis, para prender a atenção e tornar mais significativo o ensino das estudantes. D. Miranda e D. Nanci podem ajudar-me a elucidar essa questão.

[...] ela foi minha professora na quinta série que era globalizado o ensino [...] eu te disse, eram umas aulas, para mim eram umas aulas

assim que eu me prendia muito pelo estímulo da entonação de voz que ela usava. E gestos e sabe ela fazia gestos e ela era bem magrinha e fazia aqueles gestos e aquelas coisas e aquilo prendia, tanto que às vezes num momento de estudar tu lembrava os gestos, tu lembrava dela (D Nanci).

Bem, isso foi em 1946, 1947 e 48 e 49 no Sant'Ana eu era interna no tempo que o Sant'Ana tinha um internato de mais de 200 alunas e a professora Helena, elas não davam assim por matéria, naquela época as professoras, às vezes, principalmente nas primeiras séries elas davam todas as matérias a não ser religião e outras coisas, as professoras englobavam, e a D. Helena foi uma professora assim, ela foi, ela trabalhou com a minha classe, acho que 47 só, depois 48 a gente fazia o quinto ano, que era a quinta série que era chamado de admissão no ginásio e a gente, e aí depois eu foi para o ginásio aí não peguei mais a D. Helena. Aí eu fiz a primeira, a segunda e a terceira série do ginásio aqui e fui fazer a quarta em Cruz Alta, por questões assim até financeiras. [...] da D. Helena o que eu me lembro é que era uma professora muito bem quista no colégio, em tudo o que se fazia D. Helena participava, ela era muito alegre, muito, se movimentava muito, assim, diria hoje agitadinha, assim se movimentava, dava palpite para um, ela era muito inquieta, era uma ótima professora bem preparada, muito preparada, tenho assim ótimas lembranças dela. [...] ótima professora, preparada, sabia transmitir. Isso eu lembro. Ela sabia transmitir, ela tinha assim quando ela falava, quando ela se empolgava ela parece que mastigava um pouco a palavra, não muito, mas assim, e ela voltava atrás e repetia para sair bem claro, isso eu lembro (D. Miranda).

É nesse sentido que as abordagens biográficas vêm em meu auxílio, através delas consegui vivenciar “um outro meio de observação de um aspecto central das situações educativas”. Essas abordagens permitem-me “uma interrogação das representações do saber-fazer e dos referenciais que servem para descrever e compreender-se a si próprio no seu ambiente humano e cultural” (JOSSO, 2002, p. 28).

Representações bastante parecidas às da época são encontradas na escrita de Nuse (2005, p. 95):

Lembrei-me de 25 anos atrás quando eu adoraria ter ouvido esses conselhos. E que minha experiência pessoal me fez sentir na pele o que eu poderia ter evitado naqueles tempos. O Brasil era outro, estava amordaçado, e os professores se limitavam a ensinar a sua matéria sem dizer mais nada. Vi-me sorrindo e comparando os professores de antes e os de hoje. Naquela época eles eram os gigantes do conhecimento. Como recém-saída do colégio eu os via como a suma autoridade do saber, inquestionáveis, e se me sorrissem, sentia-me agraciada. Tínhamos sido educados a não questionar a autoridade, pois vivíamos numa época em que o livre-pensar era desestimulado. Aceitar o que era dito sem procurar nenhuma informação adicional, ou imaginar que a autoridade pudesse estar enganada. Errada, jamais! O professor era a autoridade, por

isso era detentor do saber total. Agora os olhava com simpatia e pensava na agrura da profissão lembrando que eram profissionais e que tão humanos quanto eu.

Na fala, percebo, inclusive, as mudanças que foram acontecendo em relação ao ensino, acredito que no contexto vivido por Helena Ferrari e suas alunas não tenha sido muito diferente. As construções e desconstruções também aconteciam naquela época, o diferencial é que certos professores apresentavam algo denominado por Freire (1996) de “convicção de que a mudança é possível”, e mesmo obrigados a reproduzir um sistema, o diferente acontecia, seja na amorosidade dos processos de ensino, seja na forma de “passar” o conteúdo, ou, até mesmo no modo de agir desses professores.

Outro momento que quero destacar dos percursos de Helena Ferraria foi quando percebi a docência e a vereança se permeando, se imbricando. Momentos estes, que acredito terem acontecido também em outros *locus* na História de Vida de Helena. Percebo, por exemplo, no discurso proferido por ela, às “aulas gramaticais” proferidas, demonstrando seu amor pela língua portuguesa, uma das matérias por ela ministrada, além de seu conhecimento em relação à mesma:

[...] mas o vereador Zeferino, que ostenta um anel de grá e é um “dandy” no trajar, não merece desculpa para seus erros tão elementares e crassos. Trata, por exemplo, o presidente de SS (que o nobre vereador abrevia com dois SS maiúsculos, que se usa para abreviar a expressão Sua Santidade, quando devia usar S maiúsculo e um minúsculo) e aos vereadores de Suas Excelência. Eu mereci do nobre parlamentar a abreviatura de Sua Santidade [...].

Há outros. De concordância e regência de verbo. Confunde o verbo agir com o verbo haver, grafando assim esta expressão: “só peço aos nobres pares que não **hajam** precipitadamente, etc.” naturalmente querendo dizer não **ajam** do verbo **agir**, e que deveria vir grafado sem **h** (grifos da autora) (HELENA FERRARI).

Tedesco (2002, p.126) ressalta algo que acredito contemplado com a realização de meu trabalho, pois “a memória, uma vez escrita, constitui a explicitação de uma construção subjetiva que pretende levar cada indivíduo a manifestar sua experiência, única e original, no processo pedagógico”. E gostaria de encerrar este capítulo, a partir de uma escrita de um dos grandes nomes no trabalho com Histórias de Vida, nele o autor afirma o seu desejo de:

a história de vida terá, possivelmente outro futuro, e bem mais promissor se vier a tornar-se parte essencial de um método biográfico, cujo objetivo seja – a partir de uma totalidade sintética que é o discurso específico de um indivíduo – reconstruir uma experiência humana vivida em grupo e de tendência universal (MARRE, 1991, p. 89).

Seguindo nesta linha de pensamento, acredito ser cabível mencionar que, um elemento significativo, construído através da História de Vida de uma personagem, de uma única pessoa – Helena Ferrari Teixeira – chego a outras histórias e a outros contextos sociais. Produzir esse trabalho exigiu que conhecesse, não apenas a história que desejava reconstruir, embrenhei-me na Vida Pessoal e profissional de Helena. Através dessa história, conheci Santa Maria da década de 40, conheci o contexto pedagógico, cultural e histórico, vivido por minha personagem principal e conheci também Elita, Nanci, Miranda, Neusa e Reinilda, cinco pessoas maravilhosas que contribuíram, juntamente com tantas outras pessoas, de forma tão singular ao meu trabalho.

História de vida é isso. Uma teia de relações, um mosaico de construções, um vitral, como diria Maria Antonia de Oliveira, ou uma colcha que lenta e prazerosamente vai se construindo, e o melhor em tudo isso, uma colcha que nunca pára de aquecer e de instigar ao novo. Uma colcha que, felizmente, nunca pára de ser tecida, uma colcha produzida a muitas mãos, a muitos olhares, sorrisos, histórias, lágrimas, lembranças, fazeres e saberes. Enfim uma colcha.

Desvendar uma finalização ou um recomeço? eis mais uma questão...

*Camínhar sem destino pra chegar
E quem sabe se o destino
Seja sempre camínhar.*

Bezzerá 1998, p. 23

Parece-me um tanto estranho realizar uma conclusão num trabalho memorialístico e de reconstruções autobiográficas. Sabemos que as Histórias de Vida são constantes construções e reconstruções e que a cada releitura realizamos novas significações e eis o belo de desenvolvermos uma pesquisa neste campo. Entretanto, neste capítulo, estarei tentando demonstrar algumas considerações e resultados conseguidos com minha investigação.

Busquei, com meu trabalho, desenvolver, através da reconstrução de uma história de vida, um processo que instigasse também outros profissionais a olharem os professores “cotidianos”. Quando utilizo o termo cotidiano, em hipótese alguma estou querendo tomá-lo de forma pejorativa, pelo contrário, percebo que o professor dito “cotidiano” possui uma gama de saberes bastante grande, todavia seus saberes não são muito conhecidos e/ou discutidos.

Cheguei a uma concepção de que a destituição de um imaginário de descrença, em relação à profissão docente perpassa pela ressignificação dos saberes dos professores e até pelo conhecimento de quem é esse profissional que tantos criticam e tão poucos conhecem. A construção de um novo imaginário profissional docente, acredito que perpassa, dessa forma, pela ressignificação de saberes e posturas dos professores. Muitas vezes, basta que se coloquem como sujeitos falantes a um entrevistador para se perceberem como produtores de conhecimentos e saberes. Muitas vezes, a

partir do momento que os professores param para falar de si é que se dão conta da beleza do que estão produzindo e da importância de compartilharem seus saberes com outrem, ou seja, desenvolver novas parcerias e posturas educacionais.

Também acredito que findar uma pesquisa, como aponta Ferreira (2003, p. 127), seja mais um recomeçar que um findar,

No caso de um trabalho de pesquisa, o término representa um novo início, a partir de uma nova perspectiva, se não mais instigante e desafiadora, pelo menos plena de novos questionamentos e inúmeras possibilidades, possibilidades pautadas num (re)olhar sobre o que fizemos até então, um (re)significar dos sentidos construídos [...].”

Escrever uma história de vida pode ser um momento de significação, tanto para o pesquisador como para o colaborador, que cede sua história para a realização das tramas do trabalho. Decidi, conjuntamente com minha orientadora, que minha/nossa dissertação traria, num primeiro momento, minha história de vida pessoal e profissional, para então demonstrar a aproximação com o tema e a construção do trabalho. Minha História de Vida escolar já havia sido escrita, todavia, reescrevê-la e, mais ainda, analisá-la a partir dos referenciais utilizados foi um desafio bastante grande. Ao findar meu primeiro capítulo pude perceber que minha escolha do tema havia sido bastante acertado, visto que, ao mesmo tempo que produzia uma pesquisa com a temática desejada, podia também estar discutindo questões pessoais, minhas, que me inquietavam como pessoa e pesquisador.

Talvez, seja oportuno aqui, mencionar algo referente aos meus problemas de pesquisa. Quais são e como foram construídos os saberes pessoais e professorais de Helena Ferrari Teixeira? Que imaginários foram construídos, ao longo do tempo, sobre minha colaboradora? Em relação a pergunta inicial, quais são e como foram construídos os saberes de Helena Ferrari, penso que podemos novamente parafrasear Tardif(2002) quando nos diz que o saber dos professores deve ser percebido como um amalgama de saberes e construções. Em se tratando de Helena Ferrari não foi diferente, seus saberes foram o resultado de uma vida de luta pessoal e profissional, luta aqui, no sentido de busca, busca pela auto-superação. Luta tramada por

poesia, por música, por leveza e por saber . inquietações sempre presentes no ser de Helena.

Já meu segundo questionamento orientador Que imaginários foram construídos, ao longo do tempo, sobre minha colaboradora? sinto que, pode ser respondido que foi um imaginário de uma mulher guerreira, lutadora que teve que disputar espaços físicos e temporais masculinos numa época onde o patriarcado ainda sustentava o modo de agir e de pensar de forma muito mais enraizada. Mais ou menos o que diz (D. Nanci) uma de suas alunas

Olha eu sei que ela foi a primeira vereadora, que ela lutou muito pela causa da mulher e quando a Helena foi vereadora eu era bem nova e não ligava para essas coisas. (...) eu sei que ela foi muito criticada na época, os maliciosos, tu sabe como é, mas ela foi por um ideal, não foi por outra coisa eu acho que ela conviveu ali, no meio dos vereadores com bastante dignidade, e tu sabe como é a mulher se tu situar naquela época, que a mulher não fazia parte de nada disso, ai a mulher entra num ambiente só de homem e ela teve essa coragem.

A pesquisa que ora realizei, tem, ao longo de seu transcurso, envolvido inúmeras pessoas. Não apenas nossas cinco interlocutoras e D. Helena. Claro que elas foram as molas propulsoras de meu trabalho, mas muitas são as vozes que se emaranham entre a tessitura de minha pesquisa. Minha escrita é um emaranhado de fios-vozes que vão desde as pessoas que, quando ia ao arquivo municipal tentar “escavar” algum novo feito e/ou escrita de D. Helena, resolviam nos contar algum feito que houvessem presenciado ou ouvido, até os colegas, a orientadora, os familiares de Helena e nossos próprios familiares que, como mencionei no capítulo introdutório, estão muito mais em nós do que conseguimos explicitar.

Fico bastante feliz em pensar que meu trabalho possa estar dando visibilidade à história de uma professora, poeta, vereadora e escritora que não estava sistematizada e tão pouco havia sido contada. Por isso, acredito ser importante que outras gerações de mulheres possam conhecer as dificuldades, os obstáculos e as realizações de uma mulher na cidade de Santa Maria.

Também acredito que construir outros trabalhos que dêem visibilidade a histórias de vida serão bem-vindos ao contexto atual da educação. Findo meu trabalho, constatando que reconstruir a História de uma vida pode estar

possibilitando o conhecimento de outros cenários, em se falando de educação e sociedade. Cenários, que estarão repletos de representações e personagens variados, que compõem e compuseram outros momentos históricos de suma relevância ao conhecimento da construção da sociedade e da educação, que hoje estou vivenciando.

Talvez, seja interessante concluir esse trabalho com a escrita que os familiares de Helena Ferrari deixaram em sua lápide – embora, omitindo sua data de nascimento. Nela, os autores sintetizam um pouco do que representou a personagem principal deste trabalho: Helena Ferrari Teixeira.

“HELENA FERRARI TEIXEIRA

A pioneira no legislativo santa-mariense

Pela ousadia abriu cominhos para outras mulheres; pelo amor conquistou os corações de familiares e amigos.

Com certeza, esses legados serão repassados para as gerações futuras”

REFERÊNCIAS

ABELIN, A. Tributo a Helena Ferrari Teixeira. **Jornal A Razão**. Santa Maria, 27.28 mar. 2004. p. 02.

ABRAHÃO, M.H.M.B. Pesquisa autobiográfica: contribuições para a História da Educação e de educadores do Rio Grande do Sul. **Revista Educação**. Santa Maria: UFSM, 2005.

_____. (Org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

_____. Pesquisa (auto)biográfica – tempo, memória e narrativas In ABRAHÃO, M.H.M.B. (Org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

AGNOLIN, S.L. **Brincadeira de amador**. [Sp. sn]. Santa Maria: 2005. digitado.

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALVES, R. **As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer**. Campinas: Papirus, 2001.

_____. **Estória de quem gosta de ensinar**. 3. ed. São Paulo: Cortes, 1984.

_____. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortes, 1983.

_____. **Na moradia das palavras**. Campinas: Papirus, 2003.

BAUN, L.F. **O Mágico de Oz**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BENINI, M.M.G.; BRANCHER, V.R.; OLIVEIRA, V.F de. **Saber ser, saber fazer: a formação de professores num complexo processo de conhecimento de si**. São Leopoldo: Unisinos, 2005. No prelo.

BEZERRA, G. **Reencatares**. 2. ed. Itajubá: M7M, 1998.

BOAVENTURA SANTOS. S. **A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

BOITA, C.M.C.R. Peter Burke e as origens da “Nova História”. **Leia: Uma revista de livros autores e idéias**, n. 141, 1990.

BOLZAN, D. **Formação de professores:** compartilhando e reconstruindo conhecimentos. Porto Alegre: Mediação, 2002.

BOSI, E. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANCHER, V. R. et al. Algumas reflexões sobre saberes e imagens docentes. In: JORNADA NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9, 2003, Santa Maria: UNIFRA, 2003. 1CD-ROM.

BRANCHER, V. R. et al. Tornar-se professor: um processo de reflexão constante. In: OLIVEIRA, V.F. de. **Narrativas e saberes docentes.** Santa Maria: UFSM, 2005. (Digitado).

BRUNO, F; SAMAIN, E. Retratos da velhice: memória e fotografia. In: **Revista ATERCEIRIDADE.** v.15, n.30, 2004.

CARDOSO, D. de M. Longevidade e tempo livre: novas propostas de participação social e valorização do idoso. **Revista ATERCEIRIDADE.** v.15, n.30, 2004.

CASTORIADIS, C. et al. **A criação histórica.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1992.

CASTRO, I. Os professores como sujeitos sócio-culturais. In: DAYRELL, J. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 1996.

CATTANI, D.B. et al. História, memória e autobiografia na pesquisa educacional e na formação. In: CATTANI, D. B. et al. (Org.) **Docência memória e gênero:** estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras, 1997.

CAUDURO, E.H. Enlevo na academia. In: KIPPER, M.H. (Org.) **UNISC:** uma trajetória e muitas lembranças. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia?** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

COLL, C. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

CORADINI, A.P. Estou de olho em você. In: **Revista dos Curiosos:** para tudo tem uma explicação. v.1, n. 12, 2003.

COSTA, M.V. (org.). **Caminhos investigativos II:** outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CUNHA, M.T.S. História, educação e civilidade: A correspondência como saber escolar na Escola Normal entre as décadas de 30 e 60. **Revista Educação.** Santa Maria: UFSM, 2005.

DEMARTINI, Z.B.F. Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais. In: SIMSON, O.M.V. (Org.) **Experimentos com histórias de vida (Itália- Brasil)**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1997.

DEBERT, G.G. As representações (estereótipos) do papel do idoso na sociedade atual. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENVELHECIMENTO POPULACIONAL: UMA AGENDA PARA O FINAL DO SÉCULO, 1996, Brasília, **Anais...** 1996.

FERREIRA, V.L.D.L.S. **A constituição do professor de educação infantil pautada na autonomia: entrelaçando gênero e profissão**. Santa Maria, UFSM, 2003.

FERRIGNO, J.C. Ação Cultura e Terceira Idade. **Revista ATERCEIRIDADE**. São Paulo:, n. 30, p. 26-35. 2004.

FILHO, G. M. Desvendando os segredos do cérebro. **Revista Galileu**. v. 9, n. 32, 2005.

FLORES, J.R.A. Tributo para Helena. **Jornal A Razão**. Santa Maria, 13 nov. 2003. p. 02.

FOGAÇA, J. **Vento Negro**. Carazinho: Novembro: [2004]. 1 Partitura (3p.).

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLINA, F.J. **Helena Ferrari Teixeira: a quebra da hegemonia masculina no legislativo santa-mariense**. Santa Maria: UFSM, 2004.

GASPARETTO, C. Morre a primeira vereadora de SM. **Jornal Diário de Santa Maria**, Santa Maria, 16 mar.2004.

GAUTHIER, C. et al. **Por uma teoria da Pedagogia**. Ijuí: Unijuí, 1998.

GENCÉ, C. **Tratado de civilidade e etiqueta**. 8. ed. Lisboa: Guimarães, 1925.

JOSSO, M.C. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2002.

KESSEL, Z. Lembrar, contar, compartilhar: a memória como caminhão para o diálogo intergeracional. **Revista ATERCEIRIDADE**. São Paulo: SESC-GETI. v.15, n.30. 2004

KOOGAN, A.; HOUAISS, A. (Ed.). **Enciclopédia e dicionário digital 98**. São Paulo: Delta: Estadão, 1998. 3 CD-ROM.

LAPASSADE, G. **A entrada na vida**. Lisboa: 70, 1975.

LARRÉ, L. Tempos de Cristal. In. RIBEIRO, C.R. [et al.] **Trem dos Onze**. Santa Maria: Dos Autores, 2004.

- LÜDKE, M; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MEIHY, J.C.S.B. **Manual de História Oral**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. **Manual de História Oral**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- MINAYO, M.C. de S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MARRE, L.M. História de Vida e Método Biográfico. **Cadernos de Sociologia**. Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 1991.
- MIORANDO, T.M. **A edificação da escola no espaço negado do sonho: um estudo na formação de professores surdos**. Universidade Federal de Santa Maria: Santa Maria, 2004.
- MONTAGNER, R. **Ressignificando imagens/memórias de alunas do Instituto de Educação Olavo Bilac: processos de formação de professoras (1929 -1969)**. Santa Maria: UFSM, 1999.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.
- MURARO, R.M; BOFF, L. **Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- NARVAES, A.B. Imagens Docentes. In: RAYS, O.A. **Educação: ensaios reflexivos**. Santa Maria: Pallotti, 2002.
- NARVAES, A.B. Significações da profissão Professor. In: OLIVEIRA, V.F (Org.) **Imagens de professor: significação do trabalho docente**. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.
- NÓVOA, A. **As organizações escolares em análise**. Rio de Janeiro: Dom Quixote, 1995.
- _____. **Vida de professor**. Portugal: Porto, 2000.
- _____. A formação contínua entre a pessoa-professor e a organização-escola. In: **Inovação**. Revista do Instituto de Inovação Educacional, Lisboa, v. 4, n.1, 1991.
- NÓVOA, A. Prefácio. In: JOSSO, M.C. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2002.
- NUSE, R. Impressões de uma caloura veterana. In: KIPPER, M.H. (Org.) **UNISC: uma trajetória e muitas lembranças**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

O Voto Feminino. Disponível em: <www.cantojovem.org.br/paginas/noticias>. Acesso em: 10 de outubro de 2003.

Os Agressores. **Jornal A Razão**, Santa Maria, 05 dez. 1957. p.08.

OLIVEIRA, G.P. **Significações imaginárias de educadoras especiais em relação à escola profissional**: as lembranças da memória educativa. Santa Maria: UFSM, 2001.

OLIVEIRA, V.F. de et. al. O oral e a fotografia na pesquisa qualitativa. In: ABRAHÃO, M.H.M.B. (Org) **A aventura (auto)biográfica**: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

OLIVEIRA, V.F. de. **Imaginário Social e a Escola de Ensino Médio**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

_____. Imaginário e memória docente: um quebra cabeças montado em rede. In: RAYS, O.A. **Educação**: ensaios reflexivos. Santa Maria: Pallotti, 2002.

_____. De que imaginário estamos falando? **Revista Signos**. Lajeado: FATES, ano 19, n. 1, 1998.

_____. Educação, memória e história de vida: usos da história oral. **HISTÓRIA ORAL. Revista da Associação Brasileira de História Oral**, v.8, n.1, jan.-jun. 2005. São Paulo: Associação Brasileira de Historia Oral. 2005

_____. Professor do Ensino Superior, saberes acadêmicos e demandas profissionais. In: MOROSINI, M.C. (Org.) **Enciclopédia de Pedagogia Universitária**. Porto Alegre: FAPERGS/RIES, 2003 a.

OLIVEIRA, V.F. et al. O Oral e a Fotografia na Pesquisa com Professores. In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL: AS REDES DE CONHECIMENTO E A TECNOLOGIA: IMAGEM E CIDADANIA. Rio de Janeiro: UERJ, 2003 b. CD-ROM.

OLIVEIRA, V.F (Org.) **Imagens de Professor**: significação do trabalho docente. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

PEDRO, J.M; GROSSI, M.P. **Masculino Feminino Plural**. Florianópolis: Mulheres, 1998.

PENTEADO, G. **O percurso espetacular na política brasileira**: a construção da imagem pública de quatro presidentes. Dissertação (Mestrado. Ciência Política), Universidade Federal de Santa Maria, 1999.

PERREIRA, J.E.D. **Formação de professores** – pesquisas, representações e poder. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PERROT, M. **Mulheres públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.

PIMENTA, S.G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

PREVEDELLO, C. A primeira-dama do Legislativo de SM. **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, 17 dez. 2002. p. 06.

QUEIROZ, M.I.P. de. Relatos Orais: do indivisível ao divisível. In: SIMSON, O. R. de M. Von. Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil). **Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais**. São Paulo: Vértice, 1998.

RECHIA, A.A. **Santa Maria: panorama histórico-cultural**. Santa Maria: Associação Beto: Santa-Mariense de Letras, 1999. 312 p.

ROUSSEAU, J.J. **Emílio ou da Educação**. 3. ed. São Paulo: DIFEL, 1979.

RUIZ, C.B. **Os paradoxos do imaginário**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

SAMUEL, Raphael. História local e história oral. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v.9, n. 19, set./1989/ fev.1990, p.233.

SANTOS, A.P.D. Mulher bonita, inteligente e ousada. **Jornal A Razão**, Santa Maria, 8 de mar.2005. p. 03.

STANO. R.D.C.M.T. **Identidade do professor no envelhecimento**. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVEIRA, J. O adeus de Santa Maria a uma pioneira. **Jornal A Razão**. Santa Maria, 16 mar. 2004. p.3.

SIMSON, O.R. de M. Von. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do centro de memória da UNICAMP. In: FARIA, L.M. de F. (Org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação**. Campinas: Autores Associados; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2000.

_____. (Org.) **Os desafios contemporâneos de história oral**. Campinas: UNICAMP, 1997.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 13, 2000.

TEDESCO, J.C. (Org.). **Usos de memória**. Passo Fundo: UPF, 2002.

_____. Memória, experiência e velhice: a recordação significativa. In: PASQUALOTTI, A. (org.) **Envelhecimento humano: desafios e perspectivas**. Passo Fundo: UPF, 2004. p. 119-159.

_____. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TEIXEIRA, H.F. Meu canto. **Revista Lanterna Verde**, Santa Maria, ano 1, n. 1. 1946.

_____. Um momento de felicidade. **Revista Lanterna Verde**, Santa Maria, ano 1, n. 5. 1946.

_____. Natal. **Revista Lanterna Verde**, Santa Maria, ano 1, n. 5. 1946.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VASCONCELOS, G.A.N. **Como me fiz professora**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

VELHO, Gilberto (Org.) **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

WEIL, Simone. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

PINTO, Z.A. **Vovó Delícia**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

PORTO, A.C.C. Simplesmente... um luxo!!! In: KIPPER, M.H. (Org.) **UNISC: uma trajetória e muitas lembranças**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

WILLIGES, F. Primeiro dia de aula. In: KIPPER, M.H. (Org.) **UNISC: uma trajetória e muitas lembranças**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

ZAMBIASI, J.L. **Lembranças de velhos**. 2. ed. Chapecó: Universitária Grifos, 2000.

ANEXOS

Anexo A: Questionário das entrevistas

Entrevistada: _____

Documento de Identidade: _____

Data e local da entrevista: _____

Perguntas:

- 1) O que mais se recorda de seu tempo de estudante?
- 2) Como era ser aluna naquela época?
- 3) Como eram os colégios?
- 4) Como eram os professores?
- 5) Como era a relação professor X aluno?
- 6) Era possível, no momento que você estudou com D. Helena de perceber influências da política na professoralidade e vice-versa?
- 7) Você percebia alguma atitude de incentivo à leitura e/ou a escrita nas aulas de modo geral? E nas aulas da D. Helena?
- 8) Porque você acha que alguns a chamam de a vereadora poeta?
- 9) Você já leu algum texto dela? Gostaria?
- 10) O que você sabe sobre a vida política de Helena?
- 11) Você sabe algo sobre os trabalhos sociais por ela realizados? E sabe algo sobre a Saia Pregada?
- 12) Você acredita que Helena enquanto professora lhe influenciou em algo? Se sim, no quê?
- 13) Como eram as aulas da Helena?
- 14) Como era a avaliação naquela época? Helena também avaliava assim?
- 15) Como eram as vestimentas daquele momento histórico? E os uniformes? O que você pensa dos uniformes?
- 16) Para você quem foi Helena Ferrari Teixeira?
- 17) Quem é, e quem foi, e quem esta sendo (nome da aluna-professora)?
- 18) Você possui alguma fotografia da sua história, da sua escolaridade e/ou dos seus professores que gostaria de nos mostrar?
- 19) Aceitaria olhar as fotografias que possuímos?
- 20) Você nos autoriza, após leitura de sua entrevista a publicá-la, parcial ou integralmente?
- 21) Você gostaria de acrescentar algo sobre sua história? Sobre D. Helena?
- 22) Como foi esse momento quando foi entrevistada?

- 23) Poderia nos dizer sua idade? Como é ter _____ anos hoje?
Como percebe o tratamento da sociedade para com as pessoas da terceira idade e as pessoas da terceira idade para com a sociedade?
- 24) Gostaria de dizer e/ou acrescentar mais alguma coisa?

Anexo B: Carta de Cessão²⁸

Declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minhas fotografias, das minhas participações escritas e em entrevistas, podendo, as mesmas, serem utilizadas integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

A presente declaração dar-se-á com referência à dissertação de mestrado possivelmente intitulada “Helena Ferrari Teixeira: entre saberes e representações sociais”, de autoria de Vantoir Roberto Brancher, da qual participei, durante o processo de pesquisa desenvolvido pelo autor.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes quanto ao teor da entrevista, subscrevo esta Carta de Cessão, onde fica manifestada a minha autorização, referente ao constante e explicitado acima.

Santa Maria/RS, ____/____/2005.

Assinatura da Entrevistada

Documento de Identidade

²⁸ Carta de cessão, escrita seguindo as orientações dos autores mencionados anteriormente sobre História Oral. Reproduzindo, aqui, um modelo encontrado na Dissertação de Mestrado, da Professora Tânia Micheline Miorando, intitulada **A edificação da Escola no espaço negado do Sonho**: um estudo na formação de professores surdo.

Anexo C: Discurso

Por Helena Ferrari Teixeira

Autoridades, presidente, minhas senhoras e meus senhores e Reverendíssimo homenageado Padre Gabriel Bolzan.

Novamente reúne-se o Legislativo santa-mariense a fim de homenagear a três ilustres personalidades que, pelos relevantes serviços prestados a esta terra e a sua laboriosa gente, vieram a merecer o honroso título de “Cidadãos santa-marienses”.

Cabe a mim, o que muito me honra, ressaltar, aqui, a personalidade marcante do Padre Gabriel Bolzan, Figura [...] mais conhecida e acatada em nossa cidade.

Daquele que, nascido no distrito de Cachoeira do Sul, hoje Município de Restinga Seca, [...] para nossa terra há, precisamente [...] anos atrás e, por uma feliz coincidência, no dia 18 de dezembro de 1938.

Daquele que, aqui chegando, exerceu primeiramente, a função de coadjutor do Reverendíssimo padre Caetano Paeglinca, na Paróquia das Dores passando, depois de dois anos, a vigário da mesma paróquia.

Posteriormente, devido a ter que atender ao referido bairro, solicitou e obteve a vinda de um novo vigário, dedicando-se, então, o reverendíssimo padre Gabriel Bolzan a atender aquela populosa zona, trabalho que se dedicou durante 14 anos.

Em prosseguimento, devido ao seu dinamismo e espírito empreendedor, foi designado como coadjutor das paróquias da cidade as quais vem, há seis anos, emprestando o seu entusiasmo e a sua dedicação. Pertencendo a todas as paróquias e com carta branca para fazer aquilo que fosse necessário. Não têm o reverendíssimo padre Gabriel medido esforços para bem desincumbir-se dessa nobre missão.

Desde a capela de São Paulo, perto dos Banhados, no limite com São Gabriel e a capela de Água Boa, obras essas construídas sob sua direção. No Cerrito sustenta uma escola, paga a professora e fornece o material completo.

Em São Miguel, comprou a casa e o terreno e estabeleceu a Capela onde atende todos os domingos.

Na cidade vamos encontrar diversas obras suas.

A Capela e a Escola da Montanha, onde, além de alfabetização funcionam os cursos de datilografia e de corte e costura tendo este formado a sua primeira turma do dia 6 p.p.

Na Vila Schirmer, inaugurou a Capela que já estava pronta quando de sua chegada e providenciou o funcionamento da escola.

No Km 3 construiu a Capela e a emprestou para o funcionamento do Grupo Municipal devido à situação precária do mesmo.

No mesmo lugar denominado de La Corte, construiu a Capela e ofereceu para a escola.

Também, por sua iniciativa foram construídas Capelas na Vila Medianeira, na Vila da Lata, na Vila Rossato, e na Vila Cechella, onde, também, funcionam Escolas Primárias.

Na Chácara das Flores, providenciou na construção da Capela.

Na Vila Salgado Filho, por sua iniciativa foi aumentada a escola, Nossa Senhora de Trabalho e se abriu o Curso Noturno.

Na Vila Carolina adquiriu três terrenos e emprestou a área para a construção do Grupo Escolar Municipal.

Na Vila Leste, durante dez anos, mais ou menos, deu casas para o funcionamento da escola, sem nada cobrar do Município, cedendo, posteriormente, o terreno para nele ser edificado o Grupo Escolar.

Aí existe o conhecido Salãozinho do Menino Jesus, cuja festa será realizada no domingo próximo, e funcionam os cursos de corte e costura e datilografia, bem assim como jogos de "football", vôlei masculino e feminino, "ping-pong", bochas e outros esportes.

E, também o Reverendíssimo Padre Gabriel Bolzan, assistente do Círculo Operário Ferroviário do Km 3 que proporciona cursos de corte e costura e dá assistência dentária.

No Mato do Abraão já iniciou a construção de um colégio.

Na Ponte Seca, a construção da escola já está sendo ultimada.

Na Vila Urlândia, já possui os terrenos e já encostou parte do material, para a construção do colégio.

Na Vila Rossi, também, já possui os terrenos e está tomando providências para a construção da escola.

A Vila Oliveira, por sua iniciativa, já possui Capela.

Na Zona do Jockey Clube e na Vila Nonoai já adquiriu os terrenos.

Na Vila Nacional, na Vila Alegria e em outras vilas, já conta com terrenos prometidos, bem assim como promessa de material para execução das obras.

Isto é apenas um pouco do muito que o Reverendíssimo Padre Gabriel Bolzan já realizou e vem realizando em Santa Maria; Sem alardes, sem buscar glórias, ou aplausos para sua pessoa.

Modesto, bondoso e acessível, a todos atende sem distinção e a todos conquista com a sua palavra fluente e entusiasta.

Sacerdote zeloso no cumprimento de seus deveres trabalha diuturnamente, pois que bem compreende a grande verdade expressa por Cristo de que “a Messe é grande, mas os operários são poucos”.

Dedicado e incansável, a todos os pontos estende a sua ação dedicada, demonstrando que, além de Pastor de Almas, é, também, um cidadão que sente e vive os problemas de nossa época.

Trocando fausto e as comodidades dos grandes centros pela singeleza e dificuldade dos bairros do interior, vem o Reverendíssimo Padre Gabriel Bolzan, contribuindo, decisivamente, para o progresso de nosso Município, tornando-se, por tudo isso, um elemento atuante e indispensável a nossa Terra e ao seu povo laborioso e hospitaleiro.

Dedicando-se aos pequenos e aos humildes, entre os quais se sente melhor, está o Reverendíssimo Padre Gabriel, honrando o voto de pobreza que fazem aqueles que se consagram ao serviço de Deus e, por esta razão, se

propõe a desprezar as vãs e ilusórias riquezas e vaidades terrenas para só procurarem as grandezas do alto.

Apesar de 21 anos de trabalho incessante neste Município, não possui automóvel ou outras comodidades, pois que as contribuições que recebe, são empregadas para construção de Capelas e Escolas e para os trabalhos de assistência. [...] E, assim, modesto, com a roupa surrada pela poeira das estradas, segue o Reverendíssimo Padre Gabriel o exemplo do meigo Nazareno que quis nascer na humildade de uma manjedoura e, na sua pregação seguia a pé pelos caminhos da Galiléia.

Daquele que quis ter por pai, na terra, um modesto carpinteiro e procurou viver no meio dos pobres, dos doentes e injustiçados sobre os quais derramava o bálsamo de seu amor, da caridade e da compreensão. Daquele que, por amor ao seu povo, se imolou no lenho de uma cruz dando-nos ao mais belo e dignificante exemplo de abnegação e de desprendimento.

Assim, compreendo e assim sentindo, tem o Reverendíssimo Padre Gabriel procurado viver, levando a todos a sua palavra que conforta e a sua ação sempre pronta e decidida que a tudo anima e a tudo vivifica.

Sacerdote dos mais populares e estimados na nossa Terra, muito tem ele feito pelo nosso Município e muito especialmente pelos nossos Bairros, granjeando o respeito, a admiração e o reconhecimento de todos nós. Sorriso sempre aberto e lealdade a toda prova, a cabeça incandescia pelo trabalho, mas de vigor e entusiasmo sempre renovado, é o Reverendíssimo Padre Gabriel figura simpática e amiga que cativou de assalto a todos aqueles que já tiveram a ventura de privar de seu convívio.

É por isso que aqui nos encontramos Reverendíssimo Padre Gabriel, nesta noite engalanada, para homenagear-lhe e para testemunhar-lhe a nossa estima e gratidão. É por esta razão que aqui está Santa Maria, para enaltecer a sua personalidade e para aplaudir a sua obra edificante.

Nesta sessão, ilustre homenageado que, apesar de solene, muito têm de singela, desta singeleza que têm sido o seu apanágio e que é característica da brava gente do Rio Grande.

Aqui estão as autoridades, os seus superiores hierárquicos e colegas, bem assim como os seus amigos, admiradores, beneficiados e representações diversas. Unindo-se ao nosso júbilo e proclamando o acerto do nosso gesto. Aqui estão os Bairros, desde os de maiores recursos aos mais pobres e humildes, que têm sentido de perto a sua ação benéfica. Aqui está o povo do interior, simbolizando na nossa presença e representado pelas nossas palavras.

Aqui estamos todos nós para dizer-lhe comovidos: Reverendíssimo Padre Gabriel, feliz da nossa Terra que possui um Sacerdote da sua estirpe. Receba o honroso título de “Cidadão santa-mariense” que fez jus por seu trabalho e que hoje lhe é conferido pelos Poderes Executivo e Legislativo deste Município. Ilustre “Cidadão santa-mariense” receba nosso muito obrigado e que Deus lhe recompense, continuando abençoando a sua obra e iluminando ao seu caminho.

Recolha, pois esta nossa modesta homenagem e a certeza que Santa Maria não esquece daqueles que trabalham pelo seu engrandecimento.

Anexo D: Escrito de Alires Porto Alegre dos Santos

Quem foi Helena Ferrari para você?

Falar de minha tia e madrinha, Helena, exige que o faça em partes, pois ela, na sua simplicidade, foi uma mulher plural.

Helena — a minha tia

Somos quatro sobrinhos: eu, minhas irmãs, Ana Maria e Ana Lucia, e meu primo, Alberto. Todos nós temos por essa tia um especial carinho e um grande orgulho do que ela foi para nós e para o meio em que viveu. Minha grande admiração por ela é, certamente, o fato de ela ter sido, no seu meio, uma mulher que abriu caminhos para tantas outras mulheres e, conseqüentemente, para a humanidade.

Ela foi a tia querida, incansável a nos proteger quando fazíamos as nossas travessuras, tão bem compreendidas por ela. “- São crianças!”

A pessoa que esteve presente em todas as etapas da nossa infância: sempre tinha para nós o presente de aniversário, de Páscoa, do Dia da Criança (nem tão comemorado à época), de Natal. Ela nos ajudava a fazer o cartão para oferecermos à nossa mãe no Dia das Mães. Enfim, sempre ao nosso lado!

Os passeios com a tia Helena são inesquecíveis: íamos a todos os circos que visitavam a cidade; não perdíamos os desfiles da mocidade nem o de 7 de setembro; ela nos levou em todas as comemorações, que criança podia participar, do Centenário de Santa Maria, os piqueniques, os teatros, os cinemas.

Ela não só nos acalentou na infância como também embalou nossos sonhos de adolescentes, apoiou nossas decisões da juventude, vibrou com nossas conquistas pessoais e profissionais da vida adulta. E não foi só! Curtiu a chegada de nossos filhos e, em muitas ocasiões, felizmente, eles também tiveram a oportunidade de conviver com essa amável tia.

Eu e a tia Helena não nos afastamos nem mesmo quando a distância impôs. Pois a partir de 1978, quando transferi residência para Brasília, mantive com ela uma doce e amável correspondência que, infelizmente, foi toda destruída por uma lastimável fatalidade.

Enquanto pôde, nunca deixou de me enviar mensagens de aniversário e em todas as datas festivas. Lembro-me como me entristeceu a primeira vez que notei a sua caprichada letra, já trêmula.

Helena — a mulher

Ela foi uma mulher muita à frente de seu tempo! Por essa razão, tão incompreendida pela família e pela sociedade. Sua postura quebrou tabus e, com isso, amenizou a vida de tantas outras mulheres, pois ela já tinha “quebrado a cara” diante daquela situação.

Ela foi uma guerreira que, felizmente, semeou em terra fértil.

Precisei ficar adulta para avaliar a grande importância do seu papel social para a sua geração, bem como para as demais.

Helena — a política

O que sei de sua trajetória política advém principalmente de leituras, pois era criança e adolescente nessa época. As recordações são poucas, mas sua figura de mulher pública, para mim, coexiste com a da doce tia.

Helena — a professora

A visão que tenho da tia Helena como a profissional do magistério é apenas histórica. No entanto, além das lições de vida, ela foi minha professora e dos outros sobrinhos em muitos aspectos:

Ela nos ajudava nas tarefas e trabalhos escolares. Sempre muito exigente!

Narrava para nós os clássicos de literatura infantil, bem como nos presenteou com *As Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Ela nos incentiva a ler e, como era leitora assídua de livros, jornais e revistas (*O Cruzeiro* e *Manchete*), tínhamos acesso a muitas informações e, sobretudo, o exemplo.

Talvez a maior influência que recebi dela foi para o magistério, que exerço há 34 anos. Foi como professora que sempre fiz política (leia-se politizar pessoas), mesmo na época do regime militar.

Hoje professora universitária de Língua Portuguesa, há poucos dias, ao encerrar o semestre letivo, uma aluna do curso de Direito da instituição em que leciono, me abraçou e me disse: “- Professora, a senhora fez a diferença na minha vida acadêmica e pessoal”.

Eu a abracei emocionada e disse: “- Muito obrigada! Eu cumpri a minha missão de educadora que, com certeza, tem a inspiração de uma grande mulher”. Sentamos juntas e eu contei a essa aluna a história da minha tia Helena.

Concluo esse depoimento, que mexeu com minhas emoções, com epitáfio que, embora simples, nós, as três sobrinhas, em conjunto, escrevemos para ela. Diz em breves palavras o que aqui escrevi.

HELENA FERRARI TEIXEIRA

A pioneira no legislativo santa-mariense

Pela ousadia abriu cominhos para outras mulheres; pelo amor conquistou os corações de familiares e amigos.

Com certeza, esses legados serão repassados para as gerações futuras.